

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BRUNA LUZIA GARCIA DE OLIVEIRA

O enigmático na adoção: uma compreensão psicanalítica a partir da
tragédia *Édipo Rei*

Maringá
2016

BRUNA LUZIA GARCIA DE OLIVEIRA

O enigmático na adoção: uma compreensão psicanalítica a partir da
tragédia *Édipo Rei*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para o Exame de Qualificação.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Linha de Pesquisa: Psicanálise e Civilização

Orientadora: Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez

Maringá
2016

BRUNA LUZIA GARCIA DE OLIVEIRA

O enigmático na adoção: uma compreensão psicanalítica a partir da tragédia *Édipo Rei*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Luiz Carlos Tarelho
Universidade Anhanguera de São Paulo

Aprovada em: 19 de março de 2016.

Local da defesa: Sala 08 do Bloco 27, campus da Universidade Estadual de Maringá.

DEDICATÓRIA

A todos adotantes e adotivos.

AGRADECIMENTOS

Este é um momento de agradecer a todos que fizeram parte desse percurso e que de alguma maneira puderam contribuir para torná-lo mais fecundo.

Aos meus pais, Maria Aparecida Garcia de Oliveira e Carlos Alberto de Oliveira pela vida, pelo exemplo de sempre, pela inspiração e apoio incondicional, bem como por todos os aprendizados que me possibilitam ter, minha eterna gratidão.

Ao meu irmão Paulo César Garcia de Oliveira, agradeço por estar sempre presente e por seu companheirismo.

Ao meu companheiro Diogo Zago, agradeço por me contagiar com sua alegria, por sua presença e escuta atenta em todos os momentos e por me inspirar aprendizados a cada dia.

À minha orientadora a Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez, um agradecimento especial por sua confiança, por compartilhar seu conhecimento comigo, pelas correções acuradas que possibilitaram a construção deste trabalho, por todos os ensinamentos e pela inspiração em pesquisar.

Ao professor Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, por compartilhar seu conhecimento, por todas as contribuições feitas à pesquisa, pela leitura precisa no momento da qualificação e pela disponibilidade em participar dessa banca.

Ao professor Luiz Carlos Tarelho, pela leitura atenta, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação e por aceitar participar dessa banca.

À Profa. Dra. Glaucia Valéria Pinheiro de Brida e Profa. Dra. Jurema Teixeira, por aceitarem ser suplentes da banca.

Aos meus amigos, em especial Su e Ani, que sempre me incentivaram e pacientemente suportaram minha ausência.

Aos membros do *Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização* (LEPPSIC), em especial Gustavo Angeli; Larissa Cruz e Mônia Azevedo pela escuta, pelos aprendizados e por compartilharem as alegrias e angústias.

À Sinclair, pelo feliz encontro, por sua disponibilidade e flexibilidade em me atender nos momentos de dificuldade.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, pelos aprendizados durante as disciplinas cursadas.

À Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela solicitude, buscando sempre sanar as dúvidas e auxiliar nas necessidades que surgiram durante esta caminhada;

À CAPES, pelo incentivo financeiro.

EPÍGRAFE

Hino à Vida

*Tão certo quanto o amigo ama o amigo,
Também te amo, vida-enigma
Mesmo que em ti tenha exultado ou chorado,
mesmo que me tenhas dado prazer ou dor.*

*Eu te amo junto com teus pesares,
E mesmo que me devas destruir,
Desprender-me-ei de teus braços
Como o amigo se desprende do peito amigo.*

*Com toda força te abraço!
Deixa tuas chamas me inflamarem,
Deixa-me ainda no ardor da luta
Sondar mais fundo teu enigma.*

*Ser! Pensar milênios!
Fecha-me em teus braços:
Se já não tens felicidade a me dar
Muito bem: dai-me teu tormento.*

Lou Andreas-Salomé

O enigmático na adoção: uma compreensão psicanalítica a partir da tragédia *Édipo Rei*

RESUMO

A proposta desta pesquisa é discutir o enigmático, no sentido laplancheano, nos casos de adoção, recorrendo para isso ao mito de Édipo encenado por Sófocles na tragédia grega *Édipo Rei*. Essa escolha se deu com base na compreensão que Laplanche tem sobre o mito enquanto uma estrutura narrativa coletiva capaz de auxiliar na tradução das mensagens enigmáticas que a criança recebe do adulto. Nesse sentido, o mito de Édipo consistiu em uma inspiração para pensar sobre o enigmático na adoção pelo fato desse personagem ter sido também um filho adotivo, que teve como destino decifrar enigmas, dentre eles, o da Esfinge. Na Teoria da Sedução Generalizada, o enigma, assim como o mito, tem um significado peculiar; e o que é enigmático para as crianças em geral, pode apresentar especificidades nos caso da adoção. Isso porque a criança adotiva tem enigmas por decifrar, provindos das mensagens transmitidas pelo adulto, chamadas mensagens enigmáticas de filiação. Assim, juntamente com o desejo consciente de adotar, os pais adotivos transmitem à criança adotiva mensagens perpassadas por seu inconsciente, sendo enigmáticas para eles próprios, compostas por conteúdos conflituosos acerca do que esperam de um filho adotivo. Em tais conteúdos pode estar implicado o que é enigmático para os pais adotivos acerca das origens biológicas do filho adotivo e acerca da adoção propriamente dita. Em relação às origens da criança, tais mensagens abarcam conteúdos enigmáticos para os próprios pais adotivos acerca das implicações da não consanguinidade e do desconhecimento das origens biológicas da criança para a constituição da filiação adotiva. Já em relação à adoção propriamente dita, tais conteúdos são compostos pela própria esterilidade dos pais adotivos, sentimentos ambivalentes que se manifestam na adoção, as expectativas em relação ao filho adotivo e as interdições em relação ao incesto. Essas mensagens recebidas pela criança adotiva demandam um importante trabalho tradutivo de sua parte, que vai acontecer *après-coup*, quando tiver recursos para realizar tal tarefa. Nela, a criança pode buscar repetir situações de separação e de abandono como tentativa de tradução. Além disso, pode utilizar-se das fantasias como meio de simbolizar sua condição adotiva. Dessa forma, somente *après-coup* a criança adotiva poderá encontrar nos cuidados de

outros adultos, bem como nos auxiliares de tradução disponíveis na cultura, elementos que a ajudem na tarefa de tradução e simbolização dessas mensagens enigmáticas de filiação.

Palavras-chave: adoção; tragédia Édipo Rei; Teoria da Sedução Generalizada; mensagens enigmáticas de filiação.

The enigmatic in adopt: a psychoanalytic understanding from the *Oedipus Rex* tragedy

ABSTRACT

The purpose of this research is to discuss the enigmatic, in Laplanche sense's, in cases of adoption, drawing on the Oedipus myth, told by Sofocles through the greek tragedy *Oedipus Rex*. This choice was made based on the understanding that Laplanche has on the myth as a collective narrative structure able to assist in the translation of cryptic messages that children receive from adults. In this sense, the Oedipus myth, consisted of an inspiration to think about the enigmatic in the adoption by the fact that Oedipus has also been an adopted child who was destined to decipher your own puzzles, including the Sphinx puzzles. In the Theory of Generalized Seduction, the puzzle, as well as the myth, has a peculiar meaning and we understand that what is puzzling to children in general, may have specificities in case of adoption. This is because, the adopted child has puzzles to decipher, coming from the messages transmitted by the adult which are called puzzle messages of filiation, this because along with the conscious desire to adopt, adoptive parents send to the child adoptive messages composed by his unconscious, enigmatic for themselves, composed of conflicting content about what they expect from a adopted child. In such content can be involved puzzles that the adoptive parents have about the biological origins of the adopted child and about the adoption, itself. In relation to the child's origins, these messages contain which are enigmatic for adoptive parents about the implications of no consanguinity and unfamiliarity of the child's biological origins to the constitution of adoptive filiation. Regarding the adoption itself, these contents are composed by the sterility of the adoptive parents, ambivalent feelings that are manifested in the adoption, the expectations about the adoptive child and prohibition of incest. These messages received by the adopted child require an important work of translation on your part, that will happen *après -coup*, when the child has resources to carry out such a translation. In your task of translation, child can seek repeat situations of separation and abandonment as an attempt to translation. In addition, they can use up the costumes as a way to symbolize his adoptive condition. Thus, only *après coup*, the adopted child can find in the care of other adults, as well as in translation aids available in the culture, elements that help in the task of translation and symbolization of these messages.

Keywords: adoption; tragedy Oedipus Rex; Theory of Generalized Seduction; puzzle messages of filiation.

Sumário

INTRODUÇÃO	13
Adoção	15
Metodologia.....	18
<i>Estrutura da Pesquisa</i>	20
<i>Os Caminhos da Psicanálise</i>	22
<i>O Mito como um Recurso</i>	24
<i>Édipo Rei</i>	27
CAPÍTULO I - ADOTANDO A TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA	35
O Enigmático na Teoria da Sedução Generalizada: decifra-me ou te devoro	38
O <i>Après-coup</i> e a Tradução em Dois Tempos.....	42
Mensagens Enigmáticas de Filiação	44
CAPÍTULO II - O PRIMEIRO ORÁCULO - A Profecia e as Origens.....	47
O Fantasma do Estranho Adotivo.....	50
Enigma e Origem: a árvore genealógica foi podada?.....	52
Os (des) Caminhos e o Enigmático Acerca das Origens	57
CAPÍTULO III - O SEGUNDO ORÁCULO - Édipo Filho Adotivo	63
Laços e Filiação Adotiva	65
O Enigmático na Adoção	68
Adoção: como dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade?	70
Revelações	74
CAPÍTULO IV - O TERCEIRO ORÁCULO - Os possíveis Destinos da Mensagem.....	77
Entre Repetição e Tradução	80
O Fantasmático na Adoção	83
<i>O Romance e o Trágico Familiar</i>	86
Destinos Possíveis	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	95

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a discutir o enigmático na adoção a partir da tragédia grega *Édipo Rei* escrita por Sófocles¹. Recorremos a essa tragédia grega para, através da Teoria da Sedução Generalizada - TSG, criada por Jean Laplanche, podermos compreender o enigmático na adoção, que a criança adotiva deverá traduzir, simbolizar. Partimos do pressuposto de que as mensagens enigmáticas, no sentido laplancheano, podem adquirir outras peculiaridades nos casos de adoção, devido às fantasias e às dificuldades decorrentes da construção de uma vinculação filiativa.

Segundo Laplanche (1992), o adulto, ao prestar os cuidados à criança, transmite mensagens comprometidas por seu inconsciente, as quais denomina de mensagens enigmáticas. Essas mensagens são assim denominadas tendo em vista o fato de serem enigmáticas para os próprios adultos que as transmitem e por serem ainda compostas por conteúdos da ordem do sexual, aqui entendidos como o polimórfico perverso. Tais mensagens advindas do adulto deparam-se com a precariedade de recursos que a criança, ou o *infans*², tem para traduzi-las por ainda não possuir um inconsciente constituído, capaz de oferecer recursos para que seja efetuado tal processo tradutivo.

Dessa forma, consideramos que na adoção são transmitidas mensagens enigmáticas para a criança adotiva de forma a merecer especial discussão. Martinez (2015)³ as denomina, de modo geral, como mensagens enigmáticas de filiação, podendo supor que há o funcionamento de um excesso decorrente do enigmático que as integra, aos quais o *infans*, em tenra idade, não dispõe de recursos para traduzir, o que poderá fazer somente em um segundo momento, ou *après-coup*.

Embora não encontremos, na Teoria da Sedução Generalizada, trabalhos que abordem especificamente tais mensagens enigmáticas de filiação, recorreremos à discussão sobre o gênero na Teoria da Sedução Generalizada para dela derivar uma discussão acerca de tais mensagens enigmáticas. Embasamo-nos, assim, nos trabalhos em Laplanche (2006) sobre o gênero, o sexo e o sexual; de Martinez e Souza (2014) sobre a sexualidade feminina e o mito

¹ *Édipo Rei* é uma peça de teatro grega escrita pelo dramaturgo grego Sófocles em 427 a.C., que tem como base o mito de Édipo. Ela é a primeira peça de uma trilogia que inclui a *Antígona* e *Édipo em Colono*.

² Preferimos o termo *infans* por ser um termo usado em larga escala por Laplanche, que tem como significado a criança e o seu despreparo frente ao inconsciente sexual do adulto.

³ Comunicação oral.

das Amazonas, e de Dejours (2009) sobre mensagens enigmáticas relacionadas ao gênero para auxiliar a reflexão sobre as mensagens enigmáticas de filiação.

Para Martinez e Souza (2014), as mensagens enigmáticas de gênero transmitidas do adulto à criança consistem em mensagens constituídas por expectativas acerca do que é ser menino ou menina, compostas por uma predefinição dos papéis apropriados para homens e mulheres e da forma correta de atuar perante a sociedade. Essas atribuições consistem em ações desempenhadas pelo adulto no sentido de prescrever para a criança formas de ser e de se comportar que ele acredita serem adequadas, embora tais prescrições não sejam para eles totalmente conscientes (Martinez & Souza, 2014).

As mensagens de atribuição de gênero são, assim, impregnadas não apenas dos desejos, sonhos, expectativas conscientes dos cuidadores da criança, mas de ruídos inconscientes, que carregam o polimórfico perverso, os fantasmas e os conteúdos conflitivos de gênero de cada um. (Martinez & Souza, 2014, p. 177)

Em continuidade, Dejours (2009), citado por Martinez e Souza (2014), afirma que, quando um adulto ensina sobre o que é ser menino ou menina a uma criança, ele próprio não tem claro para si o que entende por feminino e masculino, sobre o que é ser homem e mulher, transmitindo-lhe, portanto, as prescrições e todas as suas dúvidas sobre gênero.

Desse modo, a partir de tais ideias sobre mensagens enigmáticas de gênero, derivamos uma compreensão acerca das mensagens enigmáticas de filiação, acreditando que, assim como ocorre com o gênero, na adoção os pais transmitem prescrições sobre a filiação também compostas por suas dúvidas, incertezas e conflitos sobre o que é ter um filho, e no caso da adoção, o que é ter um filho adotivo. Ou seja, embora não seja uma prerrogativa da filiação adotiva, partimos do pressuposto de que as mensagens enigmáticas de filiação podem apresentar algumas peculiaridades decorrentes da própria vivência de adoção. Podem ser várias essas peculiaridades, já que a adoção é uma filiação na qual a criança tem uma dupla origem e os pais adotivos devem lidar com o desconhecido em relação a eles mesmos. O desconhecido devido ao seu próprio inconsciente; o desconhecido em relação à origem biológica do filho adotivo e em relação às fantasias, incertezas, dúvidas, ou seja, ao que desconhecem a respeito da filiação adotiva em si.

Assim, consideramos, em síntese, que os enigmas que a criança tem por traduzir na adoção decorrem de duas procedências, principalmente. A primeira, diz respeito às mensagens enigmáticas transmitidas pelos pais adotivos acerca do desconhecimento das origens biológicas do filho. A segunda, diz respeito às mensagens enigmáticas decorrentes da

adoção propriamente dita, e que são compostas por dúvidas, questionamentos, expectativas em torno do filho adotivo.

Nesse sentido, Noel e Soulé (2005) afirmam que, na adoção, alguns conteúdos importantes para os pais adotivos são reavivados, tais como a falta de garantias quanto à filiação e as origens do filho adotivo, a esterilidade como símbolo da castração e a proibição do incesto, que devido à não consanguinidade, pode demandar uma interdição simbólica mais consistente. Além desses, os autores apontam a fantasia do romance familiar que adquire contornos mais complexos nesses casos e o desejo de ser adotado pelo analista no contexto transferencial. Nessa perspectiva, Silva (2010) também afirma que alguns fatores podem dificultar o reconhecimento de uma filiação adotiva, podendo potencializar conflitos, tais como a própria esterilidade, conforme mencionado acima, a impossibilidade de revelar a adoção, assim como a ocorrência de fatos traumáticos na família que dificultem o reconhecimento da adoção.

Partimos, assim, dessas premissas para pensar que pais adotivos, ao prestarem cuidados aos filhos, transmitem-lhes o que sabem e o que não sabem acerca do que é a paternidade/maternidade e acerca do lugar destinado a filiação adotiva dentro do contexto familiar. Transmitem-lhes suas dúvidas, incertezas, expectativas acerca de um filho e falta de elaborações ou conflitos acerca da parentalidade e filiação. Tudo isso é recebido como enigmático para a criança adotiva, porque também o é para o adulto, levando o *infans* a lidar com questões muito peculiares à condição de adoção, demandando-lhe um importante trabalho tradutivo.

ADOÇÃO

A adoção é definida segundo Noel e Soulé (2005), no *Dicionário Internacional de Psicanálise*, como “uma modalidade que permite garantir uma filiação fora dos vínculos estabelecidos pela procriação biológica” (p.27). Segundo os autores, a adoção reaviva questões que estão no cerne da Psicanálise tais como: a proibição do incesto; a garantia de filiação dada pela hereditariedade; a realidade dada à fantasia no romance familiar nos casos de adoção, já que a criança apresenta dois casais parentais; a busca incessante pelas origens biológicas; as adaptações que um adulto deve fazer acerca de sua esterilidade; dentre outras questões.

A adoção tem como característica essencial a separação entre a criança e seus progenitores. Segundo Levinzon (2004), muitas podem ser as implicações dessa condição para as crianças, tendo em vista que elas podem se sentirem diminuídas, como se não merecessem ser amadas; serem muito exigentes consigo mesmas e com outros; fazerem de tudo para agradar aos pais, demonstrando que podem ser filhos perfeitos ao tentar acobertar e suprimir sentimentos de raiva e tristeza. Podem ainda, evitar demonstrar sentimentos ambivalentes e se sentirem em dívida ou eternamente gratas aos pais, por acreditarem que precisam retribuir tudo o que lhes foi oferecido. Ainda nesse sentido Peiter (2011) descreve:

Na clínica, as crianças manifestam diversificada gama de sentimentos não compreendidos, não organizados, de forma que aquilo que foi vivido e não significado irrompe através de modos de funcionamento reveladores do passado. Além do resgate narcísico, posso citar seus medos e angústias ligados às separações iminentes, o medo de reviver separações não processadas psiquicamente, uma desconfiança no estabelecimento de novos vínculos. Poderá emergir o temor de repetição de caos psíquico e angústias impensáveis, que apontam para a experimentação de angústias traumáticas. (Peiter, 2011, p.57)

Adiantamos que Brinich (1995)⁴, em seu artigo *Perspectivas Psicanalíticas sobre Adoção e Ambivalência*, empreende um resgate histórico acerca do estereótipo em torno da adoção que durante muito tempo atrelou o processo adotivo a tão somente o abandono dos filhos pelos pais biológicos, conferindo uma conotação negativa a esse processo. O autor afirma que essa compreensão atualmente não é a mais preponderante, considerando que a adoção não significa que a criança permaneça abandonada, haja vista atualmente ter se tornado cada vez mais comum a adoção de crianças mais velhas, crianças que apresentem alguma enfermidade, crianças tiradas dos pais biológicos por violência ou negligência, a adoção por pais solteiros, por casais homossexuais, dentre tantas outras especificidades que permitem atribuir novos sentidos para o processo adotivo.

Mas, não é possível negar o fato de que muitas vezes essa separação dos pais biológicos acontece quando a criança ainda é bebê e não podemos desconsiderar também que isso ocorra em situações bastante adversas. A separação expõe a criança a uma quebra da

⁴ Brinich (1995) relata que desde a mitologia antiga, a adoção sempre foi um tema de destaque, especialmente através do mito de Édipo e de Moisés. Fato que também pode ser observado nos contos de fadas, pois em geral, há sempre uma criança abandonada, rejeitada, ou sentimentos ambivalentes dos pais em relação às crianças, decorrendo muitas vezes na rejeição dos pais.

continuidade da relação mãe-bebê e lhe impõe uma necessidade precoce de adaptação a um novo ambiente que inclui uma mãe com outro ritmo (Levinzon, 2004).

Sobre esse assunto, Bleichmar (1994) questiona sobre o que acontece em relação às primeiras inscrições no psiquismo da criança, no caso da adoção. Segundo a autora, a criança, ao ter um objeto materno primário do qual foi separada, tendo um objeto materno substituto, tem uma fratura nas inscrições psíquicas que é marcada pela descontinuidade. Para a autora, esse fato promove uma dificuldade da criança em recapturar tais vivências de separação, podendo gerar fracassos na simbolização desse período. Ainda para Bleichmar (1994), a experiência de descontinuidade ocorre, sobretudo, por uma experiência de separação, na qual a criança se depara com uma ausência, a ausência do objeto materno. Esse fato pode levar a criança adotiva a estar sempre na iminência de viver uma separação novamente, pois que tal experiência pode não ter sido simbolizada, abrindo espaço para uma tendência à repetição como uma tentativa de representar tal lacuna.

Em consonância com Bleichmar (1994), Silva (2010) afirma que a transferência de cuidados da mãe biológica para outra pessoa que passe a exercer esse cuidado, como a mãe adotiva, promove uma descontinuidade que pode ou não funcionar como uma dificuldade no desenvolvimento da criança, dependendo de como o adulto substituto oferece recursos para a criança representar tal situação. A autora afirma que a adoção pode constituir apenas uma especificidade da filiação, ou ainda pode funcionar como um sintoma, fato que dependeria em grande parte da disponibilidade dos pais adotivos em construir um discurso sobre a adoção.

Vemos que a criança que foi adotada, mesmo construindo sua vida em torno de uma nova família, pode ter a obscuridade de condição de adoção como algo presente. Isso porque junto com os cuidados exercidos pelos pais adotivos, há o nível do enigmático, que nos casos de adoção é composto por enigmas decorrentes das ameaças em torno do desconhecimento das origens biológicas do filho adotivo e pelos questionamentos, dúvidas e incertezas em relação à filiação adotiva.

Nesse aspecto, junto aos questionamentos que uma criança adotiva pode fazer acerca da indefinição sobre suas origens, tendo que traduzir a fratura dada pela descontinuidade, tem a tarefa de lidar também com as mensagens enigmáticas de filiação que perpassam a relação entre ela e o adulto, compostas por aspectos enigmáticos para os próprios pais adotivos em relação à própria paternidade/maternidade. Em continuidade, vejamos a seguir os principais direcionamentos metodológicos que nortearam a pesquisa, justificando o embasamento na tragédia grega Édipo Rei como inspiração e material que fundamenta nossa discussão sobre as mensagens enigmáticas de filiação na adoção.

METODOLOGIA

Com a finalidade de obter um panorama do que tem sido discutido em termos de adoção, Psicanálise e mito de Édipo, realizamos primeiramente uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Para isso, foram selecionadas como bases de pesquisa as fontes Pepsic, Scielo, Portal da Capes, Bireme, Psycinfo e Lilacs⁵.

Em um primeiro momento, realizamos o levantamento com os seguintes descritores: “mitologia e adoção”; “mito e adoção”; “mito e psicanálise”; “mitologia e psicanálise”; “adoção e psicanálise” e “Édipo e adoção”. A maioria dos artigos encontrados foram publicados em português e inglês, porém também foram encontrados artigos escritos em francês, hebraico, alemão e espanhol.

A partir desse levantamento, selecionamos os artigos com propostas mais próximas ao tema desta pesquisa. Nesse momento, optamos por não incluir livros, capítulos ou revisões de livros, bem como dissertações ou teses; restringimo-nos apenas aos artigos para levantar as diversas temáticas da fantasmática na adoção, haja vista o levantamento bibliográfico não se tratar do principal recurso metodológico desta investigação. Trata-se, antes, de um dos seus momentos, tão somente com a finalidade de situar as publicações em torno do tema.

A partir da análise dos resumos, foi possível perceber que, dentro dos moldes em que o levantamento bibliográfico foi realizado e considerando o recorte feito a partir dos descritores e a escolha das bases de pesquisa, há predominância de artigos publicados na década de 1990 e a partir dos anos 2000, em detrimento de publicações nas décadas de 1950; 1970 e 1980, sendo que não houve nenhuma publicação na década de 1960. Esse aspecto demonstra que o interesse pela temática da adoção em Psicanálise e sobre adoção e o mito de Édipo tem sido maior nos últimos anos, o que, em contrapartida, também oferece dados mais atuais para seu estudo.

A partir dessa análise, foi possível identificar que é notável a gama de possibilidades trabalhadas nos artigos sobre o tema adoção e o mito de Édipo; e adoção e Psicanálise. Tendo em vista as diferentes propostas contempladas pelos artigos, consideramos que essas diferentes abordagens podem ser úteis e contribuir na construção de nossa investigação, podendo ser consultadas mais detidamente em seus diferentes momentos.

Dentre os artigos encontrados, ressaltamos o trabalho de Brinich (1995), traduzido como *Perspectivas Psicanalíticas sobre Adoção e Ambivalência*; o artigo de Luis Feder

⁵ A escolha das bases de pesquisa foi feita com base na relevância de cada uma delas.

(1974) acerca da adoção e do mito de Édipo, traduzido como *Trauma da Adoção: mito de Édipo/Realidade Clínica de 1974*, no qual Feder aponta que o Complexo de Édipo e o mito de Édipo coexistem na medida em que tanto em filhos adotivos ou biológicos, o sentimento de não ser bem-vindo na família daria origem ao sentimento de ser adotado; e o artigo de Baron-Preter e Ozoux-Teffaine (2006) traduzido como *A adoção e o risco do ódio na transferência*, no qual os autores discutem sobre a ambivalência que compõe a adoção e o ódio como um sentimento manifesto na adoção, tanto pelos pais adotivos em suas motivações para adotar, como nos filhos adotivos em relação aos pais.

O artigo de Brinich (1995) retrata a adoção na infância a partir de uma perspectiva psicanalítica através de elementos de psicopatologia que muitas vezes são associados à adoção, mas que podem ser considerados aspectos presentes em toda relação entre pais e filhos, já que, segundo o autor, todas as relações entre pais e filhos são permeadas pela ambivalência, ou seja, por sentimentos de amor e ódio.

O autor afirma que o estudo da adoção se faz necessário haja vista a adoção ser fundada a partir de fantasias dos pais e da criança sobre esse acontecimento, de modo que as realidades psíquicas dos filhos e dos pais devem ser compreendidas para que possa haver o entendimento dos mitos de origem. Além disso, Brinich (1995) ainda afirma que os sintomas que aparecem no processo adotivo são mais bem compreendidos na medida em que é possível haver um entendimento acerca das fantasias, impulsos e ambivalências de pais e filhos que permeiam tal processo.

Feder (1974), que metaforicamente retrata o mito de Édipo como um caso de uma criança adotiva, relata que a adoção reaviva a ambivalência entre o desejo de ter um filho e o desejo de destruí-lo, já que, segundo o autor, no caso de Édipo filho, o desejo de destruição predomina no momento em que Laio e Jocasta o abandonam para a morte. O autor ressalta o conflito que pode envolver a adoção, especialmente quando esta é decorrente de uma gravidez indesejada, levando a um nascimento indesejado, o qual, afinal, resulta em sentimentos filicidas e em rejeição por parte dos pais biológicos.

Baron-Preter e Ozoux-Teffaine (2006) consideram que a ambivalência também compõe as motivações para adotar, de modo que o ódio é um sentimento que se faz presente nas relações entre pais e filhos adotivos. Os autores exemplificam as manifestações hostis através de um relato clínico de uma família que adotou quatro crianças e que após a adoção deram início à psicoterapia familiar, retratando no trabalho como as manifestações de ódio permeavam as sessões.

Trabalhos como o de Brinich (1995); Feder (1974); Baron-Preter e Ozoux-Teffaine (2006) dentre outros, serão tomados como uma importante referência para o desenvolvimento de nossa pesquisa, pois consistem em fontes importantes para situar e discutir nossa temática. Tais trabalhos, assim como tantos outros encontrados no levantamento bibliográfico, contribuem para a discussão em diferentes momentos da pesquisa. São fundamentais na medida em que constituem referências importantes para embasar a discussão sobre as fantasias presentes na adoção – de filhos e pais adotivos, as dificuldades encontradas nos encaminhamentos de um processo adotivo e a as vicissitudes da vinculação que estão presentes na constituição de uma filiação adotiva, conteúdos tais que integram as mensagens enigmáticas de filiação. Assim, inspiramo-nos e fundamentamo-nos nesses artigos, especialmente em Feder (1974), porém diferenciamos-nos dele, na medida em que recorreremos à Teoria da Sedução Generalizada para uma discussão acerca do enigmático na adoção.

Estrutura da Pesquisa

Esta pesquisa se define psicanalítica e, para o seu desenvolvimento, embasamo-nos no projeto de pesquisa *Trauma atual e Teoria da Sedução Generalizada* (Mello Neto; Martinez, 2012) e contamos com as discussões realizadas no Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização – LEPPSIC⁶, onde cada estudo é discutido e várias sugestões são apresentadas no sentido de contribuir para o avanço da pesquisa de cada pós-graduando participante.

Nesse contexto, em uma das reuniões, Martinez (2014)⁷ sugeriu que a pesquisa fosse organizada de acordo com a trajetória de Édipo no mito, de modo que o mito de Édipo pudesse oferecer elementos para a discussão do enigmático na adoção. Partimos do pressuposto de que o mito compreendido enquanto um organizador da cultura poderia assumir, também, a função de organizador da pesquisa se, a partir de Édipo, metaforicamente, pudessemos pensar a trajetória de uma criança adotiva.

Considerando, pois, o mito de Édipo, relatado através da tragédia grega *Édipo Rei*, bem como as proposições sobre a pesquisa discutidas em orientação, valemo-nos da ideia de organizá-la em torno de três momentos marcantes para o destino de Édipo: o momento do

⁶ O Laboratório é coordenado pelos professores doutores Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto e Viviana Carola Velasco Martínez. O LEPPSIC é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá, na linha de Pesquisa Psicanálise e Civilização.

⁷ Comunicação oral.

primeiro Oráculo que marca sua trajetória, quando Laio e Jocasta são advertidos sobre a profecia em relação ao filho de sua união; o momento do segundo Oráculo, quando Édipo toma conhecimento da maldição a que estava fadado; e o terceiro momento, quando Édipo pede a Creonte para que consulte o Oráculo a fim de verificar os motivos pelos quais Tebas estava imersa em uma calamidade. Dessa forma, o primeiro capítulo consiste em uma apresentação da Teoria da Sedução Generalizada e os seguintes são ordenados pelos três momentos marcantes da trajetória desse personagem na tragédia, descritos acima.

O primeiro capítulo tem como proposta elucidar alguns conceitos que contribuem para a discussão sobre o enigmático na adoção. Para tanto, apresentamos a Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche e alguns de seus importantes conceitos, como as mensagens enigmáticas, bem como a compreensão do enigma e do mito, tão peculiares para a TSG. Além disso, abordamos o conceito de tradução, de *après-coup* e ainda, através da apropriação do conceito de mensagens enigmáticas de gênero, derivamos uma discussão sobre as mensagens enigmáticas de filiação.

O segundo capítulo remete ao primeiro Oráculo que se anuncia na trama de Édipo. É o momento em que Laio recebe a notícia através do Oráculo de Delfos de que o filho de sua união com Jocasta o mataria e com ela se casaria. Laio, ao receber a profecia feita pelo Oráculo, decide lançar Édipo à sua própria sorte, abandona-o, desejando-lhe a morte. Em correspondência com o primeiro Oráculo, neste momento da pesquisa o objetivo é discutir a temática da descontinuidade inerente à adoção; e o enigmático transmitido pelos pais adotivos em relação ao desconhecimento das origens biológicas do filho.

O terceiro capítulo está construído em consonância com o segundo Oráculo que marca a vida de Édipo. Édipo ouve de um bêbado que seria filho adotivo e decide consultar o Oráculo de Delfos para questionar se isso era realmente verdade; o Oráculo, entretanto, não responde ao que Édipo perguntara, somente afirma que ele estaria fadado a matar seu pai e a casar-se com sua mãe. Nesse momento Édipo, estarecido com tal afirmação, foge para que a profecia anunciada pelo Oráculo não se cumprisse. Entendemos que tal mensagem proferida pelo Oráculo não foi reveladora de todo o sentido, deixando Édipo em vistas de ter que traduzi-la. Os temas trabalhados neste momento da pesquisa, em correspondência com o Oráculo, estão voltados para a construção dos laços afetivos na filiação adotiva e o enigmático dos pais adotivos em torno da adoção. Dentre os temas discutidos, destacamos aqueles que podem compor as mensagens enigmáticas de filiação transmitidas pelos pais adotivos em relação à adoção propriamente dita, como a esterilidade dos pais adotivos; a ambivalência de sentimentos presentes na adoção; as expectativas em torno da filiação adotiva e a não

consanguinidade e suas implicações para a interdição do incesto. Além disso, abordamos também nesse momento, o tema da verdade e da revelação na adoção.

O quarto capítulo está construído a partir do terceiro momento que marca a trama de Édipo, quando, já em Tebas, ele pede a Creonte para que consulte o Oráculo de Delfos a fim de verificar os motivos pelos quais Tebas estava imersa em uma calamidade. Em tal consulta, o Oráculo revela que tal calamidade estava acontecendo porque o assassino de Laio ainda não havia sido vingado. Essa revelação feita pelo Oráculo leva Édipo a consultar Tirésias para saber quem era o assassino de Laio. Édipo então recebe a notícia de que ele era o assassino de Laio e o filho de Jocasta. Nessa parte conclusiva da pesquisa e partindo da compreensão deste momento como *après-coup* na vida de Édipo, o objetivo é discutir as traduções que a criança pode fazer *après-coup* a fim de decifrar seus enigmas provenientes das mensagens vindas do adulto. Dentre as traduções, destacamos a compulsão à repetição enquanto tentativa e fracasso na simbolização e as fantasias que a criança apresenta em torno de sua adoção, como um importante meio de tradução.

Alertamos para o fato de que os conceitos que fundamentam nossa pesquisa serão retomados durante todo o texto, de modo que possamos fazê-los dialogar entre si. O que poderá parecer repetição, mas, trata-se tão somente de uma forma de resgatá-los, pois que se ameam na sua significação específica na TSG fundamentando a compreensão do enigma da adoção.

Os Caminhos da Psicanálise

Com a finalidade de discutir sobre a transposição do método e das técnicas psicanalíticas para um contexto fora do enquadre da análise, faz-se necessário situar a Psicanálise quando estendida a outros contextos. Segundo Green (1999), é impossível precisar o momento em que há o surgimento de uma ideia, pois quando pode ser enunciada, há um passado que a precede. Para ele, os trabalhos teóricos revelam algo do autor, assim como uma obra pode revelar algo do psiquismo do artista. Sendo assim, a busca, neste trabalho, por investigar a adoção, revela-se também numa busca por desvelar os sentidos que a adoção evoca em mim enquanto pesquisadora.

Laplanche (1992) discute tal transposição da Psicanálise além dos limites do consultório, a qual denomina de Psicanálise extramuros. O autor prefere tal termo em

contrapartida ao termo cunhado por Freud, de Psicanálise “aplicada”, por entender que este último restringe a Psicanálise e traz consigo a ideia de uma mera transposição de conceitos e métodos para outro contexto que não o clínico. Ainda, o autor alerta para o fato de que não é para todos os contextos que a Psicanálise pode ser exportada e lembra que as condições de domínio e do método psicanalítico devem ser sempre revistas e redefinidas a cada vez que a Psicanálise for exportada para outros contextos.

A Psicanálise, além de um método que propõe técnicas específicas, que devem ser lapidadas e ajustadas a cada novo encontro, é definida por Laplanche (1992) também como um imenso movimento cultural, que faz do homem psicanalítico também um homem marcado culturalmente pela Psicanálise.

Martinez (2003) também discute a Psicanálise e suas aplicações a contextos não clínicos. Para a autora, a Psicanálise constitui-se num método e técnica de intervenção terapêutica e, enquanto método que investiga o inconsciente, abre possibilidades de ultrapassar os limites do consultório e do atendimento individual, tornando-se possível através dela analisar a produção humana em suas várias facetas. Entretanto, a autora define como tênue a linha que separa a Psicanálise convencional da Psicanálise extramuros, já que a cultura, assim como a análise, são feitas de psiquismo, construídas pelos homens, de modo que o sofrimento humano toma forma e é retratado também nas diversas manifestações culturais.

Nesse sentido, Martinez (2003) argumenta que tanto a tragédia como o mito em si consistem em produções culturais, que representam, pois, a cultura humana. Assim, por eles, abre-se espaço para que se construam outros pontos de vista e que se estabeleçam outros sentidos até então ocultos. Essa busca pela ampliação de sentidos consiste num procedimento frente ao inconsciente que está sempre a propor enigmas e, em cada um deles, uma diversidade de sentidos. Segundo Martinez (2003) se, por um lado, as tragédias estão distantes do contexto histórico e cultural atual, por outro, “elas estão próximas da atualidade cotidiana dos homens, pois estão sempre a desvendar os labirintos do psiquismo humano” (p.80).

Nesse sentido, o estudo do mito através da tragédia grega está em consonância com o que apresenta Green (1999), para quem o texto consiste em uma forma intermediária que fala ao inconsciente. Dessa forma, um estudo psicanalítico não é organizado *a priori*, mas deve contar com o inconsciente do pesquisador-leitor como instrumento desvelador na busca de sentidos, possibilitando a construção do texto enquanto representante e intermediador entre a cultura e o inconsciente.

Cada leitor, ao se apropriar de um mito - contado através de uma tragédia - será também ao mesmo tempo leitor e autor. Somos leitores, pois cada reflexão parte de um registro, de uma construção histórica, de uma obra cultural pronta para ser apropriada e lida por olhares distintos. Mas, também autores, pois ao lermos uma obra clássica, como uma tragédia grega, cada um de nós construirá seu próprio mito, a partir das identificações e projeções que nos surgem ao longo da sua apropriação.

O Mito como um Recurso

Como foi dito anteriormente, o mito é compreendido enquanto um organizador da cultura e em nossa pesquisa o mito também tem a função de um organizador a partir do qual, metaforicamente, podemos pensar a trajetória de uma criança adotiva na perspectiva do enigmático na Teoria da Sedução Generalizada. Propomos aqui que o mito de Édipo nos ofereça recursos que possibilitem a tradução do tema adoção, através de uma ampliação de sentidos, considerando que tal mito pode também ser compreendido a partir do ponto de vista das origens e da adoção, haja vista o lugar fundamental que essas questões nele ocupam.

Quando recorremos ao mito, ou melhor, ao relato de uma tragédia construída a partir do mito, como um guia para nossa pesquisa, compreendemos o dever de levar em conta o que Martinez (2003) aponta em relação a considerar as especificidades que cada autor conferiu a esse gênero literário, sem, contudo, nos contentarmos a reduzirmos o mito a apenas um relato; mas, sim, propondo a busca de sentidos outros, além dos manifestos pela leitura. A autora ressalta ainda a importância do mito como um elemento importante na construção e inspiração teórica em Psicanálise e afirma que Freud a ele recorre em dois planos:

O recurso ao mito porque este traduz o drama humano, o que Freud coloca em aberto, ao falar sobre a natureza do homem; e o recurso ao mito porque este exprime a produção do inconsciente, e como tal, faz parte da estrutura metapsicológica da Psicanálise freudiana. São, assim, dois caminhos possíveis de contextualização para o uso do mito em Psicanálise. (Martinez, 2003, p. 95)

Diferente de Freud, o mito para Laplanche (2003), enquanto uma estrutura narrativa coletiva, não está do lado do recalcado, mas do recalcante, podendo ser considerado um produto do recalçamento. Sobre isso, Martinez e Souza (2014) consideram que para Laplanche, diferentemente de Freud, esse gênero faz parte de um sistema de auxílio à

tradução, pois que já conta com um nível de elaboração, já que consiste em uma obra cultural que retrata os dilemas humanos. Sendo assim, não diz respeito aos conteúdos inconscientes, mas, sim, ao que pode auxiliar na simbolização e no desvelar do que é inconsciente.

Laplanche (2003) diz que os mitos, enquanto estruturas narrativas coletivas, se inscrevem no aparelho psíquico e compõem o que denomina como pseudo-inconsciente do mito-simbólico. O autor afirma que, como resultado do recalçamento e enquanto produções culturais, os mitos podem ser consultados e são capazes de fornecer ajuda nas traduções das mensagens que atacam o bebê. De modo que, ao compor o pseudo-inconsciente do mito-simbólico, os mitos e, por que não, as tragédias, seriam capazes de fornecer precocemente ajuda nas traduções de mensagens enigmáticas dos adultos que são transmitidas à criança, haja vista poderem ser acessados e, enquanto esquemas narrativos (Laplanche, 2003), podem também ser consultados ajudando o *infans* na tarefa de simbolização.

Os grandes esquemas narrativos transmitidos e depois modificados pela cultura vêm ajudar o pequeno sujeito humano a tratar, isto é, a ligar e simbolizar, ou ainda, a traduzir as mensagens enigmáticas traumatizantes que lhe vêm do adulto. Uma ligação evidentemente indispensável ao tornar-se humano do homem. (Laplanche, 2003, p. 415-416)

Laplanche (2003) considera que, através do meio cultural, o *infans* tem à sua disposição uma variedade de códigos e esquemas narrativos. O autor afirma que o mito não consiste em uma produção individual, mas faz parte do universo cultural e pode ser observado, descrito e porventura explicado, na medida em que age propondo um código ou uma pluralidade de códigos e apresenta um sentido latente, ainda não completamente desvelado.

Então, entendido como esquema culturalmente disponível, o mito, assim, aproxima-se da fantasia, individualmente elaborada, visto que ambos expressam tentativas de traduzir os enigmas sexuais sobre as origens. (Andrade, 2015, p. 05)

Desse modo, a criança deve recorrer a novos códigos na tentativa de tradução, que podem ser buscados na cultura. Laplanche (2003) afirma que os mitos cumprem um papel importante no que se refere às possibilidades de simbolizar conflitos e experiências do humano, eles podem ser definidos como representações coletivas, transmitidas através de gerações e que propõem uma explicação sobre o mundo. Sabemos que a criança em tenra idade dificilmente recorre intencionalmente ao mito como um recurso para a tradução do que

lhe é enigmático, entretanto o mito, enquanto representação coletiva, ao ser transmitido por todos aqueles que compõem a cultura, permite à criança se apropriar desse recurso para auxílio nas traduções. Também, para Brandão:

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos: presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se. (Brandão, 1997, p. 36)

Os mitos são transmitidos historicamente através de tragédias e relatos, e o mito de Édipo se tornou eternizado, sobretudo, na tragédia grega de Sófocles, *Édipo Rei*. Mas, em que consiste verdadeiramente a tragédia? Segundo Vernant (2005a), a tragédia consiste em um gênero literário que, mesmo sendo construído com base na realidade social, não é somente um reflexo dessa.

Dessa forma, a tragédia propõe ao espectador uma interrogação de alcance geral sobre a condição humana, seus limites, sua finitude necessária. Ela traz consigo, na sua mira, uma espécie de saber, uma teoria relativa a essa lógica ilógica que preside à ordem de nossas atividades de homem. (Vernant, 2005e, p.219)

Para os autores, a tragédia, enquanto gênero trágico, também evoca o homem trágico, haja vista tratar das experiências humanas. Entendemos que a tragédia⁸ consiste em uma das traduções para o mito, de modo que se propõe a contá-lo e a transmiti-lo entre as gerações. Assim Martinez (2003) argumenta sobre a tragédia enquanto uma forma de expressão do mito:

Temos, assim, a Tragédia como o campo organizado pelo poeta, e a sua borda, o mito. O mito é aquilo que narra o sujeito e o cria, o constitui, como a análise cria o homem psicanalítico. (Martinez, 2003, p.195)

⁸ (...) mas o que talvez a defina no que é essencial é que o drama levado em cena se desenrola simultaneamente ao nível da existência cotidiana, num tempo humano, opaco, feito de presentes sucessivos e limitados e num além da vida terrena, num tempo divino, onipotente, que abrange a cada instante a totalidade dos acontecimentos, ora para ocultá-los, ora para descobri-los, mas sem que nada escape a ele, nem se perca no esquecimento. (Vernant, 2005b, p.20)

Lembra Martinez (2003), entretanto que, ao se trabalhar com o mito a partir das tragédias, deve-se levar em consideração os sentidos e especificidades que o autor da tragédia confere aos acontecimentos e a busca pela ampliação de sentidos, além dos já estabelecidos por ele. Dessa forma, esta pesquisa não busca apenas uma repetição dos sentidos atribuídos pelo autor, mas a construção de um trabalho movido pelo inconsciente e pela transferência que se estabelece entre leitor-pesquisador e a obra, o que possibilita a busca por novos enigmas, novas interpretações e novos sentidos acerca das vivências e experiências do humano, afinal:

A tragédia é, portanto, em tudo, comparável a uma psicanálise: levantando o véu que dissimula a Édipo seu rosto de parricida, ele nos revela a nós mesmos. A tragédia tem como matéria os sonhos que cada um de nós sonhou; seu sentido se revela, de maneira clara, no terror e na culpabilidade que nos submergem quando, através da inexorável progressão do drama, nossos antigos desejos de morte do pai, de união com a mãe remontam à nossa consciência que fingia nunca tê-los experimentado. (Vernant, 2005c, p.54)

Portanto, esta pesquisa se define psicanalítica e está sob o domínio da Psicanálise extramuros. A proposta é que ela seja conduzida através de interpretações que possibilitem relevar sentidos latentes no mito e inerentes às experiências do humano. Para que seja possível a busca de outros sentidos, valemo-nos do método psicanalítico, o qual, através das técnicas da associação livre e da interpretação, poderá nos oferecer subsídios para direcionar as tessituras da pesquisa. Entendemos, pois, que o mito enquanto um nível de organização cultural, expresso pela tragédia, pode oferecer meios de simbolizar e representar as experiências e conflitos vividos pelos homens.

Sendo assim, o mito pode embasar uma pesquisa psicanalítica, tendo em vista que, enquanto estrutura narrativa coletiva, se inscreve no sistema do aparelho psíquico e pode oferecer “uma ajuda à tradução”, oferecendo um auxílio, funcionando como um recurso e uma inspiração para pensarmos acerca do enigmático na adoção.

Édipo Rei

Convidando o leitor para nos acompanhar na trama de Édipo, acreditamos que será importante, ainda que brevemente, retomar os principais aspectos que compõem sua saga na

tragédia escrita por Sófocles. Essa tragédia remete ao tema das origens e ao não dito que pode permear as adoções. Ela possui diversas traduções e conforme explicitamos acima cada versão apresenta suas especificidades, não esgotando em nenhuma medida as possibilidades de atribuição de sentidos. Para relatá-la, embasar-nos-emos no Dicionário de Mitologia de Brandão (2000), em Guimarães (1998) e na tradução de Schuler (2004), podendo esboçá-la como se segue:

Édipo era da raça de Cadmo⁹ e seu nascimento foi marcado por uma maldição, a maldição dos labdácidas chamados dessa forma por serem descendentes de Lábdaco, avô de Édipo. Isso porque Laio havia cometido uma grande atrocidade ao desrespeitar as regras da hospitalidade raptando o filho de um hóspede, ferindo os deuses e gerando uma maldição: a maldição dos labdácidas.

Laio se casa com Jocasta e é advertido pelo Oráculo de Delfos¹⁰ de que o filho da união entre eles estaria fadado a matar seu pai e a desposar sua mãe. Porém, esse anúncio feito pelo Oráculo não impede que Laio e Jocasta engravidem e que nasça Édipo. Após o nascimento da criança e para evitar que a profecia do Oráculo se cumprisse, Laio decide abandonar Édipo no monte Citerão, próximo a Tebas, com os pés perfurados e amarrados um no outro, deixando-lhe coxo e provocando-lhe uma cicatriz que irá lhe acompanhar por toda sua vida.

Tanto a cicatriz deixada em Édipo, como o coxear, são elementos simbólicos de sua trama pessoal e de seu destino. O coxear apresentado por Édipo é compreendido por Vernant (2005d), como um defeito no pé, da perna ou do andar. Entretanto, o autor entende que além de remeter ao simples deslocamento no espaço, o coxear também pode ser compreendido como uma extensão simbólica a outros domínios além do deslocamento no espaço físico,

⁹ Cadmo (em grego: Κάδμος) é um herói tebano, fundador da cidade grega de Tebas. (Brandão, 2000, p. 170-172)

¹⁰ Oráculo - Advertência, conselho ou ordem de um deus, o oráculo permitia, aos homens, conhecer a vontade dos imortais e tomar as decisões em função da resposta do deus. Era consultado num templo especial, no local ao qual uma lenda teria concedido grande crédito. Os oráculos de Zeus e de Apolo são os mais célebres. Em Delfos, o oráculo de Apolo (existia um outro em Dídime) foi fundado, segundo o hino Homérico em honra de Apolo Píton, pelo próprio deus, depois da sua vitória sobre a serpente Píton. O oráculo era a prova da submissão dos mortais aos destinos divinos; nas lendas, nunca herói algum conseguiu subtrair-se-lhe. (Schmidt, 1985, p.202, 203)

Oráculos - 1) Pretendida resposta dos deuses às perguntas feitas pelos humanos; 2) O lugar onde eram dadas essas respostas; 3) A pessoa encarregada de responder em lugar dos deuses. Surgiram os Oráculos do desejo de conhecer o futuro e de saber qual a vontade dos deuses em determinado negócio, empresa, ação ou empreendimento. (...) Os oráculos proferiam suas respostas de diferentes maneiras; alguns necessitavam, antes, que o consulente jejuasse, sacrificasse, fizesse lustrações e se preparasse por meio de orações a fim de ouvir a vontade do deus ou a resposta às suas interrogações; outras vezes, o consultante recebia logo a resposta, chegando junto ao oráculo. A ambiguidade era um dos caracteres distintivos dos oráculos, que, assim sempre satisfaziam. (Spalding, 1965, p.190)

podendo ser metaforicamente entendido por meio de todas as formas de conduta que pareçam “desequilibradas, desviadas, moderadas ou bloqueadas” (p.181).

O criado, porém, que é quem deveria deixar a criança no monte, entrega Édipo a um dos pastores que passava pelo local e que leva o pequeno menino a seu Rei Pólipo, Rei de Corinto. Esse Rei, juntamente com sua esposa Mérope, acolhe Édipo como seu filho. O casal, que não tinha filhos de sangue, cria Édipo sem nunca lhe contar sobre sua real condição de adoção.

Édipo passa sua infância e juventude sem saber sobre sua origem, mas, segundo Guimarães (1998), de certo modo carrega consigo sua história, pois leva o nome Édipo, que significa pés inchados. Um dia, Édipo encontra um bêbado que afirma ser ele adotivo. Édipo, intrigado com tal afirmação, decide consultar o Oráculo de Delfos para sanar sua dúvida. Ao consultar o Oráculo, este não responde sua pergunta, contudo anuncia a Édipo que ele estaria fadado a matar seu pai e a se casar com sua mãe. Édipo, estarecido e perplexo com tal afirmação, decide fugir de Coríntios e partir para um lugar em que essa profecia não pudesse se realizar, pois acreditava que Mérope e Pólipo fossem seus pais verdadeiros. Édipo parte, então, em direção a Tebas.

...o pai de quem Édipo foge – por afeição e não por ódio – é, na verdade, um estranho, e para evitar esse falso parente Édipo cruza, no caminho, com um estrangeiro com o qual se choca violentamente e que é, de fato, seu verdadeiro pai. (Vernant, 2005d, p.196)

No caminho, em um lugar estreito, encontra uma comitiva e, na busca por passar por esse lugar, Édipo e a comitiva se injuriam. Laio, um dos integrantes da comitiva, o insulta e Édipo revida se enfurecendo e matando a todos, com exceção a um dos homens que foge em direção a Tebas.

Os dois homens encontram-se numa encruzilhada de três vias, mas cruzam-se num lugar muito estreito para que os dois possam passar de frente. Pai e filho, ao invés de seguirem ao longo de um mesmo caminho que conduziria ambos a ocuparem sucessivamente o mesmo lugar – sem se chocarem nem se confundirem -, juntam-se, depois de terem sido brutalmente afastados, numa passagem onde podem apenas se confrontar. As duas gerações de coxos entrechocam-se, ao invés de se sucederem. Édipo mata o pai, que, do alto de seu coche, de desequilibra ao mesmo nível que ele. (Vernant, 2005d, p. 185)

Jocasta recebe a notícia da morte de Laio de forma distorcida, pois segundo o escravo que sobreviveu, os companheiros haviam sido mortos por salteadores. Ele mente por vergonha de não ter auxiliado os companheiros em tal situação.

Quando Édipo finalmente chega a Tebas, encontra na entrada da cidade a Esfinge¹¹. Ela era um monstro metade leão e metade mulher que apresentava um enigma a quem quisesse entrar na cidade e devorava aqueles que não o decifrassem. A Esfinge tornou-se uma verdadeira maldição que preocupava em muito o povo de Tebas e, sobretudo, seu Rei Laio que na ocasião de seu encontro com Édipo, estava justamente indo em direção ao Oráculo de Delfos, a fim de saber como se livrar dela e então libertar o povo tebano.

Até aquele momento nenhum homem conseguira decifrar os enigmas propostos pela Esfinge. Contudo, Édipo ao chegar a Tebas e com ela se deparar, a mesma, como fazia com todos, lhe propõe um enigma: Qual é o ser que anda de manhã com quatro patas, no meio do dia com duas, e à tarde com três, e que, contrariamente à lei geral, é mais fraco quando tem mais pernas?

Édipo, diferente dos outros, depois de refletir, responde: *É o homem*. Que quando pequeno engatinha com quatro membros, quando adulto usa as duas pernas, depois de velho, caminha apoiado em uma bengala. Quando Édipo então decifra o enigma, a Esfinge se atira de um penhasco e morre.

O homem é o único a mudar a natureza de sua mobilidade para assumir três tipos diferentes de andar: quatro pés, dois pés, três pés. O homem é um ser que ao mesmo tempo permanece sempre o mesmo e se torna outro: ao contrário de todas as espécies animais, ele conhece três estatutos diferentes de essência; três “idades”: criança, adulto, velho. Deve percorrê-las em sequência, cada uma a seu tempo, porque cada uma implica um estatuto social particular, uma transformação de sua posição e de seu papel no grupo. A condição humana estabelece uma ordem do tempo, porque a sucessão das idades, na vida de cada indivíduo, deve se articular na sequência das

¹¹ Esfinge – monstro temível, filho de Tifão e de Equidna. Tinha a cabeça e os seios de uma jovem, corpo de cão, garras de leão, asas de águia e causa armada de agudo dardo. Juno, irritada contra os Tebanos, enviou a Esfinge para o monte Citerão, e lá o monstro se precipitava sobre os viajantes propondo-lhes enigmas. Os que não soubessem responder satisfatoriamente, eram devorados. (Spalding, 1965, p. 93) Este monstro, que podemos colocar no número das divindades infernais, possuía todas as características da raça de onde saía. De sua mãe Equidna, tinha herdado o rosto e o peito de mulher e de seu pai, Tífon (também era considerada filha de Ortro, o cão de Gérion), uma cauda de dragão; de sua irmã Quimera, possuía o corpo de Leão. As asas eram parecidas com as das Harpias, também suas irmãs. A Esfinge fora enviada à Beócia, perto de Tebas, para punir esta cidade do crime do rei Laio, pai de Édipo, que amara Crisipo com uma paixão contranatural. Instalou-se sobre o rochedo e punha uma questão aos viajantes que passavam. Os que não conseguissem resolver os seus enigmas eram imediatamente mortos e devorados. (Schmidt, 1985, p. 106-107)

gerações, respeitá-la para harmonizar-se com ela, sob pena de retorno ao caos.
(Vernant, 2005d, p. 186)

O povo de Tebas, agradecido a Édipo por ter realizado tamanho feito, oferece-lhe em troca e como recompensa o trono de Tebas e conseqüentemente a mão de Jocasta, viúva de Laio, em casamento. Isso porque Creonte, irmão de Jocasta, havia prometido a mão da irmã àquele que decifrasse o enigma da Esfinge. Jocasta então se torna esposa de Édipo. Sem o saber, Édipo estava fazendo cumprir o destino tão temido anunciado pelo Oráculo.

Vários anos se passam até que uma peste toma conta de Tebas. Édipo então pede a Creonte, seu cunhado, para que consulte o Oráculo de Delfos. Creonte traz a notícia de que Tebas está imersa em tamanha calamidade, pois o assassino de Laio ainda não havia sido encontrado e vingado por sua morte, e isso funcionava como uma sombra que pairava sobre Tebas. Édipo pede para que busquem e apreendam o assassino, já que esse poderia ser uma ameaça também a ele mesmo, Édipo, agora Rei.

Édipo

*(...) Creonte, meu cunhado, ao santuário pítico
enviei, ao templo de Apolo, a fim de apurar
o que devo fazer ou dizer para salvar esta cidade.
Conto os dias, a demora me inquieta.
Que estará fazendo? Mais do que o devido
se alonga sua ausência.
Ora, quando voltar, serei criminoso
se não executar tudo o que o Senhor determinar. (Sófocles, 427 a.C./2004, p.81-82)*

Creonte, seu cunhado, aconselha-o então a consultar Tirésias, um adivinho muito respeitado.

Édipo

*Tirésias, tu que penetras tudo, o dito e
o silenciado, o celeste e o rasteiro,
quanto à cidade, ainda que não vejas, percebes
a doença que a molesta. Contra ela, só em ti,
Senhor, procuramos salvação e proteção.
Febo, se já não o sabes dos nossos mensageiros,*

*a consulentes nossos contestou que libertação
deste flagelo só nos viria
se, descobertos os assassinos de Laio,
fossem executados ou banidos desta terra.
Não nos recuses, pois, mensagem lida no vôo das aves,
nem outro recurso que a arte divinatória te ofereça.
Salva-te a ti mesmo e tua cidade, salva-me a mim,
salva-nos de toda desgraça provocada pelo assassinato.
Estamos em tuas mãos. Auxiliar outros
quando se pode, não há nada mais nobre. (Sófocles, 427 a.C./2004, p.95-96)*

Tirésias, por saber quem era o assassino, quer se esquivar, mas afirma a Édipo que ele mesmo é o assassino de Laio.

Tirésias

*Falas sério? Ordeno-te que ao decreto
Que baixaste tu mesmo te submetas, a partir de agora
Não dirijas mais palavras nem a estes nem a mim,
Pois tu és a imundice que emporcalha esta cidade. (Sófocles, 427 a.C./2004, p.98-99)*

Édipo não acredita em tal disparate e imagina que se trata de uma estratégia de Creonte para tirá-lo do poder. Essa, segundo Brandão (2000), era a verdadeira preocupação de Édipo, que o poder lhe fosse tirado. Ele pede para que tragam o escravo que sobreviveu aos ataques para lhe perguntar a respeito do assassino de Laio que, por obra do destino, era o mesmo escravo que o levava ao Monte Citerão quando bebê. Ao ouvir o relato do escravo, sabendo da forma e do local da morte do rei Laio, dos cinco companheiros que estavam juntos, Édipo se convence de que fora ele mesmo o assassino de Laio, e o pavor lhe toma conta.

Nessa ocasião, um mensageiro aparece trazendo a notícia da morte de Pólibo que morrera de morte natural. Édipo se tranquiliza ao perceber que o Oráculo não se cumprira, já que este afirmava que Édipo estaria fadado a matar seu pai e a se casar com sua mãe, e não havia sido ele a matar Pólibo.

Édipo

Este. Quem é ele e o que tem a me dizer?

Jocasta

Vem do Corinto. Teu pai, diz ele,

Pólibo, já não existe. Está morto. (Sófocles, 427 a.C./2004, p.140)

Édipo então se preocupa em relação à Mérope, mas o mensageiro, que também conhecia o escravo que havia deixado a criança no Monte Citerão, afirma que havia sido ele próprio quem o levava aos cuidados de Pólibo. Neste momento o mensageiro tranquiliza-o, afirmando que Édipo não era filho nem de Pólibo, nem de Mérope, pois relata que fora ele mesmo quem levou Édipo ao Corinto, fazendo alusão também aos pés inchados e feridos que a criança apresentara naquele momento.

Édipo

Sofria eu de algum mal quando me encontraste?

Mensageiro

Procura a prova disso nas articulações dos teus pés

Édipo

Desgraça! Por que recordar esse defeito antigo?

Mensageiro

Tirei as ligaduras de teus pés traspassados.

Édipo

É a afronta que me vem da infância.

Mensageiro

Tinha os pés inchados, por isso te chamas Édipo. (Sófocles, 427 a.C./2004, p.148-149)

Nesse momento, Jocasta compreende tudo, entra no palácio e termina com a própria vida. Édipo, ao compreender afinal a extensão de sua desgraça, retira um alfinete de ouro que adornava as vestes de Jocasta e arranca os próprios olhos. Édipo permanece em Tebas por algum tempo, mas logo sai errante pelo mundo, abandonando Tebas.

Eis seu destino trágico, Édipo cresce e com ele sua história é construída, numa rede de entrelaçamentos, idas e vindas, fugas e encontros, dos quais ele já não mais pode fugir. E enquanto sua história é construída, também o é a história da criança adotiva. Não desejamos, contudo, realizar um trabalho comparativo entre a vida de Édipo e a da criança adotiva, mesmo porque não nos cabem meios de justificar tal comparação. O que propomos aqui é que o mito de Édipo, contado através da tragédia, possa nos oferecer elementos para pensar na história da criança adotiva e nos desdobramentos do enigmático na adoção, haja vista o fato

de Édipo cumprir seu trágico destino a partir de uma adoção velada, não lhe revelada pelos pais adotivos.

Uma vez realizadas essas primeiras aproximações introdutórias, convidamos o leitor para nos acompanhar pelos caminhos do enigmático da adoção.

CAPÍTULO I - ADOTANDO A TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA

Para a pesquisa adotamos a Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche com a finalidade de embasarmos nossa proposta de pesquisa, para que possamos refletir acerca da relação entre o adulto e a criança e da adoção como vivência particular, decorrente de uma experiência de descontinuidade, na qual a criança vivencia a separação dos pais biológicos e o encontro com uma nova família.

A TSG é uma teoria ampla, em que Laplanche faz releituras da obra de Freud, propondo avanços na construção de novos fundamentos para a Psicanálise. O autor propõe a Teoria da Sedução Generalizada a partir da problematização da teoria freudiana da Sedução Restrita. Para Martinez e Souza (2014), Laplanche retoma a teoria da sedução de Freud para “ampliá-la, generalizá-la, enfatizando a dimensão intersubjetiva e a prioridade do outro na fundação do psiquismo” (p.172).

Conforme Laplanche (1992), Freud em sua carta à Fliess de 1987, abandona a Teoria da Sedução, no ponto em que restringe a sedução à relação entre o adulto e a criança com um foco no psicopatológico, privilegiando a factualidade em detrimento de sua generalização. Argumenta Laplanche (1988c), que Freud entendia a sedução como algo episódico e pontual, decorrente e restrito ao comportamento perverso do adulto, excluindo o papel da fantasia da criança na rememoração de cenas de sedução.

Do lado das “cenas”, é a essência do fenômeno sedução que não é questionada: a concepção de Freud mantém-se ao nível da psicopatologia a mais manifesta, isto é, das relações perversas – no sentido clínico do termo – entre um adulto e uma criança. (Laplanche, 1988c, p. 113)

Laplanche (1988c, 1992) propõe um avanço na Teoria da Sedução na medida em que a amplia, de modo que, segundo sua compreensão, a sedução não seria mais somente restrita, como queria Freud, mas, sim, generalizada, haja vista seu papel fundante na constituição do psiquismo. Para o autor, a sedução é generalizada na medida em que ocorre com todos os indivíduos por meio do confronto na relação entre o adulto e a criança, tendo em vista a defasagem que se dá nessa relação devido ao inconsciente do adulto. A sedução já não seria mais meramente episódica ou decorrente de um comportamento perverso ou patológico do

adulto frente à criança, como afirmava Freud, mas sim generalizada, comum a todas as crianças (Laplanche, 2003).

(...) confrontação de um indivíduo cujas montagens somatopsíquicas situam-se predominantemente no nível da necessidade, com significantes que emanam do adulto, ligados à satisfação dessas necessidades, mas veiculando consigo a potencialidade, a interrogação puramente potencial de outras mensagens – as sexuais. (Laplanche, 1992, p.138)

Dessa confrontação resulta a sedução originária descrita por Laplanche (1992), que tem caráter universal e consiste, pois, em um enigma, que é dirigido unilateralmente pelo adulto à criança e que deveria estar abarcada no âmbito das fantasias originárias, já que é a própria sedução que tornaria a cena primária enigmática, conferindo-lhe o caráter de trauma (Laplanche, 1988a). Para ele, a sedução originária consiste na Situação Antropológica Fundamental - SAF, que é assim denominada por seu caráter universal, por marcar a entrada da criança no mundo psíquico e por desenvolver-se apoiada e sobreposta ao biológico (Laplanche, 2003).

De acordo com Bleichmar (1994), para que haja a fundação do inconsciente, a criança deve receber um investimento libidinal por parte do adulto, num encontro entre ela e o adulto que possibilite o desenvolvimento do psíquico anacliticamente ao somático. Tal compreensão da autora vem de encontro com a concepção de sedução apresentada por Laplanche (1992), quando entende que tal investimento acontece a partir de uma intrusão representacional e econômica, que origina os objetos-fonte da pulsão a partir de restos não metabolizados das mensagens transmitidas pelo adulto à criança e que permitem originar seu inconsciente.

A sedução originária não poderia, tampouco, ser considerada como um primeiro tempo em relação ao qual a sedução precoce ou infantil seria o segundo, num modelo do *a posteriori*. A sedução originária seria a essência última das duas outras devido ao fato de que só ela introduz a dissimetria “atividade-passividade”. Os cuidados “maternos” ou o ataque “paterno” só são sedutores porque não são transparentes, mas opacos, veiculando o enigmático. (Laplanche, 1992, p. 136-137)

Os cuidados que o adulto presta à criança em relação à higiene, à alimentação são compostos tanto pelo caráter objetivo da realização dos cuidados propriamente ditos, como também estão vinculados a algo a mais, ao inconsciente do adulto transmitido através do ato

de cuidado, conferindo à mensagem dois níveis que coexistem: o nível objetivo, do cuidado; e o nível do enigmático ou inconsciente que perpassa esse cuidado.

O *infans* é alguém prematuro, haja vista necessitar dos cuidados de alguém para sobreviver; ou seja, da alteridade. Mas para Laplanche (1992), o *infans* é prematuro também no nível sexual, pois ainda não tem meios para compreender e reagir à situação à qual é submetido e ao inconsciente do adulto implicado nos cuidados diários a ele dispensados. Assim, segundo o autor, a criança, quando bebê, encontra-se em um estado de desamparo que consiste em “o estado em que um ser, entregue a si mesmo, é incapaz de ajudar-se por conta própria, necessitando de ajuda externa” (p.104). Nessa situação de ajuda, o adulto, ao prestar os cuidados à criança, transmite também mensagens comprometidas por seu inconsciente, implicadas de sexual, às quais Laplanche denomina de mensagens enigmáticas. Tais mensagens, além de serem comprometidas pela relação do adulto com seu próprio inconsciente, são também comprometidas por fantasias sexuais inconscientes mobilizadas nele por sua relação com a criança (Laplanche, 1992).

O excitante não se reduz somente aos gestos do adulto mas sim, sobretudo, a aquilo que vindo do adulto nesse momento traz de manifesto seus fantasmas e, mais especificamente, seu inconsciente sexual. Esse ponto é importante: o próprio adulto ignora a maior parte do que introduz, esse sexual que implanta na criança que cuida. (Dejours, 2009, p.04)

Isso porque a relação do adulto com a criança desperta também o infantil, ou o polimórfico perverso nele, adulto, presente. Para o autor, na relação do adulto com a criança há uma balança desigual em que há o sedutor, que é o adulto, e o seduzido, que é a criança, envolvendo uma relação de atividade-passividade, marcada, sobretudo, pelo inconsciente do adulto. As ações dos adultos seriam compostas, portanto, pelo seu inconsciente, ou como diria Laplanche (1992), pelo sexual, que a criança ainda não tem meios de reconhecer, simbolizar ou traduzir como tal. Essa defasagem, descrita pelo autor, funciona como terreno fértil para a consolidação do trauma.

Pelo termo sedução originária qualificamos, portanto, esta situação fundamental na qual o adulto propõe ao *infans* significantes não-verbais tanto quanto verbais, e até comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes. (Laplanche, 1992, p.134)

Segundo Laplanche (1992), o mundo adulto com o qual a criança se depara, não é um mundo meramente objetivo, mas, sim, composto por mensagens que a questionam antes que ela possa compreendê-las e para as quais busca respostas. A incapacidade de tradução de tais mensagens decorre da insuficiência de recursos que dispõe para a tradução, devendo ela recorrer aos códigos propostos pela cultura para lhe auxiliar nessa tarefa.

Confrontado às mensagens do adulto comprometidas pelo inconsciente, logo enigmáticas, intraduzíveis somente pelos meios dos códigos relacionais que tem a sua disposição (códigos autoconservativos), o *infans* deve recorrer a novos códigos. Mas ele não os inventa a partir do nada. Possui ao seu alcance, muito cedo, por seu meio cultural geral (e não unicamente familiar), códigos, esquemas narrativos pré-formados. Poder-se-ia falar aqui de uma verdadeira “ajuda à tradução” proposta pela cultura ambiente. (Laplanche, 2003, p.413)

Laplanche (1994) argumenta que o mundo cultural fornece a língua para a tradução das mensagens enigmáticas, entretanto, essa tradução não vem a partir do outro, não é algo externo e alheio, já que é o caráter enigmático da própria mensagem o que a suscita. Assim, os esquemas narrativos - como o mito, ou o seu relato através da tragédia - transmitidos pela cultura vêm ajudar a criança a ligar e a simbolizar, ou ainda, a traduzir as mensagens enigmáticas traumatizantes que lhe vêm do adulto, através de um processo de transformação da passividade em atividade (Laplanche, 1994). Tendo em vista a SAF e o despreparo da criança diante das mensagens enigmáticas oriundas do adulto que demandam sua tradução, vejamos a seguir como se constrói o enigmático na Teoria da Sedução Generalizada.

O ENIGMÁTICO NA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA: DECIFRA-ME OU TE DEVORO

O enigma, na compreensão da TSG, é comunicado através de mensagens plurais, compostas por dois níveis: o nível objetivo, aparente; e o nível inconsciente, que as torna enigmáticas. Para podermos avançar na discussão do enigmático na TSG, permitimo-nos um parêntese para apresentar a compreensão do enigma para alguns autores da mitologia, no sentido de problematizar e nos fazer avançar na compreensão do enigma na TSG.

De acordo com Brandão (1995), o enigma teria como significado falar por meios termos, dizer obscuramente, significando algo que é obscuro ou secreto. Ou ainda, de acordo

com Vernant (2005d), o enigma deve ser compreendido como uma questão separada de sua resposta, dessa forma:

(...) o enigma traduz um defeito ou uma impossibilidade de comunicação no intercâmbio verbal entre dois locutores: o primeiro faz uma pergunta a que apenas pode responder o silêncio do segundo. (Vernant, 2005d, p.180)

Podemos afirmar que, embora Brandão (1995); Vernant (2005d) não tenham como embasamento teórico a TSG, sua compreensão sobre o enigma em muito se assemelha à compreensão de Laplanche. Isso porque, *dizer veladamente, proporcionando um significado obscuro* não é senão marcar a *impossibilidade de uma comunicação*, a qual, no caso da TSG, ocorre devido à defasagem que a criança se encontra em relação ao adulto. Entretanto, para Laplanche (1992), mais que algo marcado pela impossibilidade de comunicar, um enigma decorre da SAF, ou seja, é a sedução em si mesma, marcado pela presença do inconsciente do adulto que incita um movimento tradutivo por parte da criança. Nesse sentido, podemos relacionar a compreensão de Brandão (1995) e Vernant (2005d), com as proposições de Jean Laplanche, na medida em que essas mensagens são obscuras, pois a criança em tenra idade não possui recursos tradutivos para integrar o enigmático tanto quanto separadas de suas respostas, pois ainda não tiveram a possibilidade de serem traduzidas.

Ferenczi (1933) já discorria sobre essa impossibilidade na comunicação entre o adulto e a criança. No texto *Confusão de Línguas entre o adulto e a criança* (1933), o autor fala sobre situações que se tornam traumáticas para *o infans* devido especialmente à diferença na linguagem emitida por ele e a linguagem emitida pelo adulto. Para o autor, a criança se dirige ao adulto segundo a linguagem da ternura, da pureza, pois ainda é um ser inocente. E o adulto, em contrapartida, dirige-se à criança com a linguagem da paixão, já que, por ser um adulto a dimensão da paixão ou sexual é presente e pode sobrepor-se à dimensão da ternura evocada pela criança. A isso o autor se refere como *confusão de línguas* que, em sua compreensão, abriria caminho para o trauma, pois a criança ainda não dispõe de elementos para compreender a língua expressa pelo adulto.

Somada a isso, temos a compreensão dessa impossibilidade de comunicação entre o adulto e a criança, a qual segundo Laplanche (1992) ocorre a partir da transmissão de mensagens enigmáticas. O enigmático na TSG tem um significado peculiar, compreende as mensagens impregnadas de sexual ou ainda perpassadas pelo inconsciente do adulto que as transmite. Conforme Laplanche, as mensagens adultas, que são ao mesmo tempo enigmáticas e sexuais, não são transparentes em si mesmas, mas são comprometidas pela relação do adulto

com seu próprio inconsciente, por fantasias inconscientes mobilizadas nele na sua relação com a criança, através da qual pode revisitar-se também como criança, entretanto, não se trata de uma comunicação com um sistema interpretativo comum (Laplanche, 1997).

Quando falo de mensagem enigmática, falo de mensagem "comprometida" pelo inconsciente. Caráter, então, comprometido da mensagem, e isto num sentido único no início, mesmo se uma reciprocidade se estabelece rapidamente em seguida, mesmo no plano sexual. (Laplanche, 2003, p.405)

Tal comprometimento decorre da presença do inconsciente do adulto e da impossibilidade de a criança entender e reagir a tal dubiedade das mensagens. O inconsciente do adulto é reativado na relação com a criança pequena, de modo que a subjetividade da criança vai ser construída pelo seu encontro com a alteridade, nesse caso, com o adulto. A alteridade é marcada pela diferença na comunicação entre o adulto e a criança, e entre o adulto e o outro dele mesmo, dado o seu inconsciente (Figueiredo, 1994).

Entretanto, para que uma mensagem possa ser traduzida, ela deve ter um significado que possa encontrá-la, ou seja, deve ser passível de ser ressignificada. Nesse sentido, no processo tradutivo há outras dificuldades advindas do próprio processo comunicativo que podem gerar um fracasso na tradução das mensagens.

O fracasso da tradução pode ter por resultado especialmente uma transmissão tal qual, intergeracional, sem nenhuma metabolização. A questão do "intergeracional" seria a retomar perguntando-se quais são suas condições do ponto de vista da comunicação, do ponto de vista da estrutura mesma da mensagem, ou do ponto de vista do receptor desta transmissão. (Laplanche, 2003, p.08)

Como vimos, Laplanche (2003) discorre sobre a transmissão intergeracional das mensagens enigmáticas como dependendo de alguns fatores para que se estabeleça um fracasso na tradução, tais quais a qualidade própria comunicação, a estrutura da mensagem e o receptor da mensagem, no caso, a criança. Tarelho (2003), ao diferenciar a implantação e intromissão das mensagens aponta que tal diferença pode acontecer na maneira como a criança as recebe, assim como também relata Dejours (2012). Segundo este autor, a criança tenta traduzir tanto quanto pode, de modo que as traduções ou não traduções feitas por ela dependem da maneira como recebe a mensagem. Para ele, tais mensagens podem ser recebidas pela criança de uma forma que possibilite traduções, ou ainda podem ser recebidas de forma violenta, que impossibilite tais traduções, de modo que o que deve ser traduzido é o

efeito que a mensagem evoca na criança a não a mensagem em si mesma. Com base em Laplanche, Dejours (2012) afirma que:

Sublinho, de passagem, que, nessa perspectiva, o inconsciente sexual recalcado da criança, provindo tanto de seu poder quanto de sua impotência em traduzir, depende fundamentalmente do gênio próprio da criança. Não há, nessa concepção, transmissão direta do inconsciente do adulto àquele da criança. Nunca há reprodução transgeracional. Entre adulto e criança sempre se interpõe o gênio próprio da criança, quer dizer, a maneira de traduzir da criança. O que advirá do comprometimento da mensagem pelo inconsciente desse adulto é absolutamente imprevisível. Tudo depende, no fim das contas, da tradução que dela fará a criança. (Dejours, 2012, p. 397)

Atentamos para as diferentes compreensões de Laplanche e Dejours acerca da transmissão intergeracional das mensagens. Laplanche (2003) afirma que tal transmissão ocorre, porém de maneira não metabolizada e na dependência de alguns fatores, como a própria estrutura da mensagem, as condições em que ela é transmitida e os recursos da criança que a recebe; Dejours (2012) afirma que tal transmissão não ocorre de forma direta do adulto para a criança. Ou seja, enquanto Laplanche diferencia as mensagens antes mesmo de serem transmitidas à criança, Dejours entende que o direcionamento dado às mensagens, entre implantação e intromissão, depende fundamentalmente dos recursos da própria criança.

Para Bleichmar (1994), o caráter intrometido das mensagens decorre de marcas que não podem ser transcritas. Para a autora, tais mensagens são violentas e não podem ser resgatadas para poderem então ser traduzidas. Essas mensagens são da ordem da não tradução e não são fantasmaticáveis (Bleichmar, 1994). Conforme a autora, tais mensagens permanecem solidificadas no psiquismo e no tempo, formando o inconsciente encravado descrito por Laplanche (2003) como um lugar de paralisação. Para Laplanche (2003), as mensagens intrometidas têm um caráter violento e rudimentar, pois são mensagens literais, que não podem ser enigmatizadas. Segundo Bleichmar (1994), além dessas, há marcas que são inscritas no psiquismo e que podem ou não se tornar patológicas, dependendo do investimento e desinvestimento que lhes é direcionado. Tais mensagens são passíveis de serem reinscritas no psiquismo devido à possibilidade de ressignificação em um segundo momento, o do *après-coup*. Desse modo, o que é enigmático tem a tradução como uma possibilidade de simbolização ou de atribuição de novos sentidos, enquanto o que é da ordem do intrometido necessita primeiro tornar-se traduzível, ou passível de ser simbolizado.

O APRÈS-COUP E A TRADUÇÃO EM DOIS TEMPOS

O enigma, de acordo com Laplanche (2001), pressupõe algo que é proferido pelo outro e que pode ser traduzido devido à sua reativação em um segundo tempo, no qual haja recursos para efetuar tal tradução “Esta mensagem que é então retraduzida, segue uma direção temporal alternativamente retroativa e progressiva” (p.59). Para o autor, quando a criança recebe tais mensagens do adulto, tendo em vista o fato de ainda não possuir recursos para traduzi-la, ficam nela restos que necessitam de tradução e que originam o inconsciente.

De acordo com Laplanche (1992), essa inscrição no inconsciente humano ocorre na relação entre pelo menos dois acontecimentos, que são separados no tempo, por um momento de mudança ou de ocultamento que permite ao sujeito reagir à lembrança diferente do que reagiu à experiência, de modo que, assim, é a própria lembrança, e não a experiência, a fonte de energia traumatizante, tal como propunha Freud. Essa mudança entre o acontecimento em si mesmo e sua revivescência ocorre através do desenvolvimento da criança e da aquisição de recursos ou auxiliares de tradução que permitam a ela questionar-se sobre o que aconteceu no passado.

Mesmo quando focalizamos toda nossa atenção na direção temporal retroativa, no sentido de que alguém reinterpreta seu passado, esse passado não pode ser puramente fatorial, não pode ser algo dado em bruto, não transformado. Contém algo mais, de maneira imanente, algo anterior: uma mensagem do outro. (Laplanche, 2001, p.59)

A esse segundo tempo, decorrente de um período de mudança ou latência, Laplanche (2001) denomina de *après-coup*. Em seu trabalho, *Notas sobre o après-coup* (2001), o autor esclarece a escolha pelo termo, em contrapartida ao termo *a posteriori* quando afirma que o conceito de *après-coup* não se restringe somente a uma oposição entre vetores opostos, ou seja, entre passado e futuro e futuro e passado. Segundo o autor, não se trata meramente de uma simples contraposição temporal, mas sim de uma possibilidade em um tempo posterior, de retroativamente, significar e traduzir o passado. O *Après-coup*, ou seja, o segundo tempo é que possibilita a tradução da mensagem enigmática. Sendo assim, devido a essa condição retroativa, há a possibilidade de novas traduções das mensagens enigmáticas transmitidas pelo outro, de forma que, através dessa dimensão progressiva e retroativa do *après-coup* é possível traduzir e, a partir disso, ainda retraduzir e ressimbolizar experiências do passado. Tarelho (2003) também discorre sobre o papel do *après-coup*, que denomina aqui como *a posteriori*, vejamos:

O essencial é que as mensagens enigmáticas do adulto adquirem toda sua força traumática somente em um segundo momento, quando se convertem em *autotraumáticas*. Em um primeiro momento, o da implantação, da inscrição destes significantes no corpo do bebê, a ruptura se refere unicamente à barreira externa. Neste primeiro tempo, o bebê sofre passivamente essa implantação, esta ruptura, sem poder sequer reagir. Se trata de uma ampliação da questão da passividade, unicamente com motivo de sua reativação por outras mensagens, no a posteriori, estes significantes vão alcançar um nível traumático “eficiente” (...) (Tarelho, 2003, p.132)

Nesse sentido, o trauma não seria o fato ocorrido propriamente na infância – pois que a criança não tinha meios de compreendê-lo - mas é a sua revivescência *après-coup* que tornará o fato traumatizante, haja vista a criança agora ter meios de entendê-lo e traduzi-lo. É a lembrança dessa experiência, evocada por situações diversas, que leva a criança a simbolizar ou traduzir o que não tinha meios de fazê-lo quando era bebê. De modo que todo trauma, assim como toda sua teoria da sedução, remetem a um jogo de *après-coup* que torna possível as traduções (Laplanche, 1988b).

Embora Laplanche não aborde especificamente a adoção, derivamos uma reflexão sobre o *après-coup* e sobre a tradução feita em dois tempos também para esses casos. Assim, supomos que, nos casos de adoção, no primeiro tempo há uma mensagem implantada, mas ainda não compreendida pela criança; e somente num segundo tempo, através do contato com a família adotiva, com outras crianças e com os demais códigos propostos pela cultura, é que ela pode então questionar-se e traduzir-se a partir do enigmático acerca de sua condição adotiva. Isso porque em um segundo tempo é a mensagem é revivida através de sua lembrança que, de acordo com Laplanche (2003), “age como um corpo estranho interno que é preciso a todo preço integrar, controlar” (p.407).

Por meio dos assistentes de tradução propostos pela cultura, cria-se a possibilidade de conter o polimórfico perverso dando margem para a substituição de sentidos e a metabolização dos excessos oriundos das mensagens que deixam restos, os quais necessitam de tradução (Laplanche, 1992). Nesse sentido, somente *après-coup*, ou seja, no segundo tempo, a criança adotiva pode encontrar nos cuidados de outros adultos, bem como na cultura, elementos que a ajudem na tarefa de traduzir as mensagens enigmáticas, no caso de nossa pesquisa, especialmente as mensagens enigmáticas de filiação.

MENSAGENS ENIGMÁTICAS DE FILIAÇÃO

Para discutirmos as mensagens enigmáticas de filiação, recorreremos indiretamente às considerações de Laplanche (2006) sobre o gênero, o sexo e o sexual; e diretamente às discussões de Dejours (2009); e de Martinez e Souza (2004) as mensagens enigmáticas de gênero. Isso porque, assim como uma criança recebe mensagens enigmáticas acerca do que é ser menino ou menina, ser homem ou mulher, tendo em vista o fato de tais mensagens serem enigmáticas também para o adulto que as transmite, acreditamos que igualmente na adoção, uma criança tem como tarefa lidar com mensagens enigmáticas acerca de sua filiação, tendo em vista a filiação adotiva ser enigmática também para os pais adotivos.

Vejam os brevemente a seguir em que consistem as mensagens enigmáticas de gênero, para podermos então derivar uma discussão sobre as mensagens enigmáticas de filiação.

Segundo Martinez e Souza (2014), a elaboração da identidade de gênero é transmitida para a criança através de enigmas. São considerados enigmas, pois são mensagens que, além das atribuições acerca do que é o feminino e o masculino, carregam consigo também as dúvidas, incertezas, expectativas não elaboradas, ou seja, conteúdos inconscientes acerca do que é ser homem ou ser mulher (Martinez & Souza, 2014).

As mensagens de atribuição de gênero são, assim, impregnadas não apenas dos desejos, sonhos, expectativas conscientes dos cuidadores da criança, mas de ruídos inconscientes, que carregam o polimórfico perverso, os fantasmas e os conteúdos conflitivos de gênero de cada um. (Martinez & Souza, 2014, p. 177)

Nessa perspectiva, Dejours (2009) afirma que o gênero é enigmático para a criança porque também o é para o adulto. Segundo o autor, o gênero é implantado na criança pelo exterior e recebe primeiramente uma significação social. Pensamos que, assim como o gênero, a filiação adotiva também está inserida em uma significação social e pode apresentar desdobramentos outros além dos presentes em uma filiação biológica.

Dessa forma, como acima discutimos, acreditamos que a partir de tais apontamentos podemos derivar uma discussão sobre as mensagens enigmáticas de filiação. Vimos que o enigma na compreensão laplancheana é comunicado através de mensagens que parasitam as ações de cuidado. São mensagens enigmáticas e plurais, tendo em vista os diferentes níveis que a compõem e por serem inundadas pelo inconsciente do adulto. Contudo, dentro da especificidade da adoção, consideramos que o que é enigmático para as crianças em geral pode apresentar outras peculiaridades. Isso porque acreditamos que, juntamente com o desejo

consciente de adotar, os pais adotivos transmitem à criança adotiva mensagens enigmáticas compostas por seu inconsciente acerca dos conflitos que se apresentam em torno da parentalidade e da filiação.

Esses conflitos ocorrem pelo fato de a presença da criança reativar aspectos infantis do adulto, ou ainda o polimórfico perverso, que é atemporal, contém aspectos não integrados e não reconhece a diferença entre gerações. De acordo com Devereux, citado por Lévy-Soussan (2002), o inconsciente não conhece graus de parentesco, não diferencia o parentesco por gerações – pais, avós, filhos - ou por casamento. O inconsciente não tem barreiras, desconhece a moralidade e as interdições provenientes da cultura. Além disso, a própria sexualidade dos adultos integra as mensagens, pelo fato de também ser parte essencial do que é reprimido nas relações de parentesco (Lévy-Soussan, 2002).

O que podemos supor é que, nos casos de adoção, os enigmas dos pais vão ser expressos no cuidado com o filho, e a filiação adotiva pode funcionar para os pais adotivos como um importante momento de reedição e retradução de seus próprios conteúdos enigmáticos. O que buscamos com essas afirmações não é restringir nossa compreensão somente às mensagens enigmáticas dos próprios pais adotivos, mas, sim, ressaltar que a transmissão das mensagens ocorre em uma relação de alteridade em que os conteúdos enigmáticos dos pais perpassam as mensagens recebidas pela criança e que demandam sua tradução.

Essas mensagens são compostas por dois níveis: um consciente expresso pelos cuidados com o filho, a atenção dispensada a ele, sentimentos de amor e empatia; e, por outro nível, inconsciente ou enigmático, que carrega as dúvidas, sentimentos ambivalentes, os questionamentos sobre as atribuições de um filho adotivo e ainda o polimórfico perverso decorrente do sexual implicado nas mensagens e que pode ser potencializado pela falta de uma barreira consanguínea. Dentre os conteúdos que podem estar presentes em tais mensagens, encontramos as fantasias, as expectativas acerca da chegada do filho adotivo; as atribuições acerca da filiação; o luto acerca do filho que os pais não puderam ter; a infertilidade ou a impossibilidade de ter um filho como símbolo da castração; o filho adotivo representando a não consanguinidade e, nos casos de esterilidade, o filho adotivo como o representante da ausência do filho biológico que não foi possível ter.

Sendo assim, como discutimos acima, os pais adotivos transmitem à criança conteúdos conflituosos acerca do que esperam de um filho, pela sua própria impossibilidade de traduzi-los para si, e isso pode ser recebido e compreendido como enigmático pela criança, pelo fato de ser enigmático para os pais adotivos. À criança adotiva cabe uma dupla tarefa, a busca por

simbolizar a lacuna deixada pela descontinuidade decorrente da separação dos pais biológicos e a busca por traduzir as mensagens enigmáticas de filiação. Esses enigmas evocam tentativas de tradução que podem se consolidar na medida em que a criança adquire recursos para tal, devendo ela recorrer a esquemas produzidos pela cultura, os auxiliares de tradução, a fim de elaborar seus próprios enigmas, em especial aqui para o nosso trabalho, os enigmas acerca de suas origens e da filiação.

A seguir, veremos mais detidamente o enigma da origem nos casos de adoção, decorrentes da vivência de descontinuidade devido à separação da família biológica. Um hiato biológico, como denomina Levinzon (2004), que certamente funciona como uma lacuna que a criança busca preencher.

CAPÍTULO II – O PRIMEIRO ORÁCULO – A PROFECIA E AS ORIGENS

O rei de Tebas, Laio, preocupado por não ter herdeiro, foi consultar o oráculo de Delfos. Recebeu como resposta que o filho que lhe nascesse mataria o pai e desposaria a própria mãe. Apesar destas predições fatais, nasceu um filho na corte de Tebas, Jocasta, a mãe, assustada com a sentença do oráculo, abandonou o recém-nascido no Monte Citéron, depois de lhe ter perfurado os artelhos com uma agulha e o ter amarrado em uma correia.

Uns pastores reconheceram a criança e chamaram-lhe Édipo (pé inchado). Depois apresentaram-no ao rei de Corinto, marido de Mérope que, por não ter filhos, o adotou com alegria e o criou como se fosse seu filho.

(Schmidt, 1985, p.93-94)

Este é um momento de discorrer sobre a descontinuidade que se impõe a toda e qualquer adoção, considerando que, para que uma criança possa ser adotada por uma família, há necessariamente uma vivência de separação da criança dos seus pais biológicos. Em consonância com esse momento de descontinuidade que marca a vida da criança nos casos de adoção, neste segundo capítulo, abordamos o primeiro Oráculo que marca a trama de Édipo e determina seu abandono, já que antes mesmo do seu nascimento, o Oráculo de Delfos anuncia a Laio que seu filho estaria fadado a matá-lo e a casar-se com a mãe.

Dando continuidade à discussão sobre as mensagens enigmáticas de filiação, analisamos, neste momento, a descontinuidade que marca as origens no caso da adoção e a dupla origem da criança adotiva como fator que compõe as mensagens enigmáticas de filiação que ela tem por traduzir. Assim como ocorre com Édipo na tragédia, partimos aqui de uma situação hipotética, mas não distante do real, em que uma criança, na mais tenra idade, é abandonada e adotada por outra família. Não nos cabe retratar os motivos pelos quais uma criança é abandonada, mas, sim, trazer reflexões acerca deste momento de separação que, inevitavelmente, ocorre em casos de adoção. Momento esse que, supomos, deixará para a criança a tarefa de ter que lidar com a descontinuidade acerca de suas origens.

Como o mito de Édipo, cuja saga pessoal começa bem antes do seu nascimento, assim também a história de uma criança já se inicia muito antes de vir ao mundo, através da fantasia dos pais acerca de ter um filho, de ter uma família. Ou seja, previamente ao nascimento, uma criança já está presente na vida fantasmática dos pais (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010).

Vejamos como a tragédia de Édipo pode embasar reflexões sobre a saga de uma criança adotiva, funcionando como um recurso para a discussão dos enigmas relativos à adoção. Voltemo-nos nesse momento para a tragédia a fim de situar momentos importantes que nos auxiliarão nessa tarefa.

Como vimos, Édipo é descendente dos labdácidas e carregava consigo marcas de uma maldição ou predestinação que, deveras, se estende por todos daquela família. Lábdaco, avô de Édipo, denominado de *o Coxo*, morre quando Laio é ainda um bebê de um ano. Segundo Vernant (2005d), Laio, denominado de *o Canhestro*, ao tornar-se adulto rompe as regras da hospitalidade, mantendo um comportamento erótico, excessivo e violento com o filho de seu anfitrião, fato que rompe as regras de simetria e de reciprocidade impostas entre os hóspedes e anfitriões. Já Brandão (1995) apresenta outra versão para esse episódio. Segundo o autor, Laio rapta Crísipo, o filho do seu anfitrião, quebrando as leis sagradas da hospitalidade. O mesmo pensa Guimarães (1998), quando afirma que tal maldição se instala porque Laio, como hóspede, rapta o filho do rei que lhe oferecia hospedagem.

Feitas tais ressalvas, importa observar que é devido a essa quebra de regras que uma maldição então é lançada, e os labdácidas estão fadados a não mais se perpetuar (Vernant, 2005d). Laio, casado com Jocasta, é advertido pelo Oráculo. Não deve ter filhos!

Sua linhagem está condenada à esterilidade, sua raça, consagrada ao desaparecimento. Se desobedecer e procriar um filho, esse filho “legítimo”, em vez de prolongá-lo normalmente, na semelhança com seu pai, o destruirá e dormirá com sua mãe. O gnésios, o bem-nascido, vai assim se revelar pior que um nóthos, além da bastardia: um monstro. (Vernant, 2005d, p. 184)

O Oráculo de Delfos já profetizara que o filho da união entre Laio e Jocasta mataria seu pai e se casaria com sua mãe, porém Jocasta engravida, e Édipo nasce. O filho dessa gestação indevida é então abandonado. Laio deixa, naquele momento, uma cicatriz nos pés de Édipo, que é lançado para a morte, no Monte Citerão. Eis aqui a descontinuidade na história de Édipo. O abandono que iria significar sua morte, na realidade o leva, ao mesmo tempo, a cumprir seu destino.

Sem o saber, Laio e Jocasta estão, no momento do abandono e na tentativa de romper com a profecia, fazendo-a cumprir. Segundo Vernant (2005d), embora Édipo seja filho legítimo, é rejeitado por seus verdadeiros pais e excluído da linhagem dos Labdácidas. Édipo então se torna o filho indevido, que não poderia ter nascido, marcado por uma cicatriz física dos pés machucados e outra psíquica, do desejo de morte por parte de seus pais.

Na verdade, ele vai, ao mesmo tempo, menos e mais longe. Escapa da morte, fica aqui na terra, mas é afastado, apartado de seu lugar normal, desviado ao longo de uma caminhada, que deixa em seu pé o vestígio de sua origem e, ao mesmo tempo, de sua rejeição; ele se encontra em Corinto em casa de estranhos de quem acredita ser filho, tendo um nome que lembra e esconde a linhagem a que pertence e da qual foi, desde o nascimento, excluído. (Vernant, 2005d, p.184)

Dessa forma, conforme já vimos na Introdução, tanto a cicatriz deixada em Édipo, como o coxear, são elementos simbólicos da sua trama pessoal e de seu destino. Segundo Vernant (2005d), o coxear remete à ambivalência, afinal, é uma característica que ao mesmo tempo em que é peculiar e representa algo único, remete a uma imperfeição, pois falta alguma coisa ao coxo, uma de suas pernas tem menos do que necessário. Essa ambivalência pode ser compreendida como uma impossibilidade, mas também como a oportunidade de se percorrer caminhos e destinos próprios.

Mas esse afastamento em relação à regra pode também conceder ao coxo um privilégio de um estatuto fora do comum, de uma qualificação excepcional: não mais defeito, porém sinal ou promessa de um destino singular, a assimetria das duas pernas apresenta-se então sob um outro aspecto, positivo em vez de negativo: ela acrescenta ao andar normal como que uma dimensão nova, libertando o andante comum da necessidade de andar sempre reto, nos limites de uma única direção. (Vernant, 2005d, p.181)

O andar do coxo é ziguezagueante, balançado e sem equilíbrio, deixando um rasto sinuoso (Vernant, 2005d). Essa é a vida de Édipo, sinuosa, entretanto o coxear, no caso de Édipo, não demonstra apenas o andar desviante, mas a possibilidade de se percorrer caminhos ainda não traçados, de ao menos tentar um destino diferente daquele que lhe é profetizado.

Desse modo, no final desse longo desvio, colocado sob o signo do coxear, a linhagem dos Labdácidas, em vez de continuar retamente, volta ao seu ponto de partida, suprimindo-se. O canhestro, Laio, filho do coxo, não pode ter descendência reta. (Vernant, 2005d, p.187)

O andar sinuoso permite a Édipo ter um caminho próprio e um destino peculiar, inerente à sua condição de herói. Vejamos como a descontinuidade decorrente da separação dos pais biológicos pode conceder à criança também uma oportunidade de um destino

singular, já que a criança adotiva tem, na adoção, a possibilidade de que seu destino possa ajudá-la a simbolizar seu passado.

O FANTASMA DO ESTRANHO ADOTIVO

Nesse momento, inspirando-nos em Freud (1919) e Queiroz (2004), propomos um estudo do texto de Freud, *O Estranho* (1919), entendendo que tal discussão freudiana embasa a compreensão acerca da duplicidade em termos de origens que marca a adoção. Nesse texto, o autor traz um relato sobre a origem do termo *Heimlich*, que significa conhecido e do termo *Unheimlich*, que tem como significado algo que é desconhecido e que provoca estranheza.

O sentimento de estranhamento em relação a algo, segundo Freud (1919), acontece de duas maneiras. A primeira delas considera o estranhamento como decorrente do retorno de algo reprimido e que consiste no estranho em si, e a segunda compreende o estranho não necessariamente como algo novo ou alheio, mas como afirma Freud (1919), algo familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou através do processo de repressão. Ou como ele afirma, trata-se de algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz. Para Freud (1919), o estranho consiste em algo familiar, que deveria estar guardado, esquecido, mas que vem à consciência, retornando à superfície e produzindo tal sentimento de estranheza.

Haveria, pois, uma tendência em se compreender o estranho pelo viés da negatividade, já que o que é estranho remete a algo incômodo, que foge à compreensão. Contudo, Freud (1919) explica que não somente algo negativo pode ser compreendido como estranho, já que uma euforia excessiva tanto quanto uma gargalhada também podem causar estranheza, sobretudo se destoarem do contexto em que se apresentam. O estranho seria, portanto, tudo aquilo que foge das explicações, algo repentino e que destoa do contexto em que se apresenta, causando um susto ou uma incompreensão. Entretanto essa incompreensão e esse estranhamento acontecem tendo em vista que o que é estranho já foi em algum momento, ou de alguma forma, familiar.

Nesse texto, Freud (1919) relata-nos um episódio exemplar. Enquanto andava de trem, ele repentinamente vê um reflexo de alguém no vidro do veículo. Esse alguém que a princípio concebe como alheio ou como outra pessoa era, na verdade, ele próprio. Nesse episódio descrito por Freud, notamos que, por alguns segundos, Freud não se reconhece no reflexo de sua própria imagem, como se houvesse uma parte de si mesmo que lhe causasse estranhamento, ou que lhe fosse desconhecida.

Com base em tal episódio, pensemos na criança adotiva. Consideramos que ela tem um duplo que não reconhece em si mesma, assim como Freud percebeu sobre si no episódio do trem. Essa duplicidade acontece, primeiramente, por algo que a habita, mas que desconhece - suas origens; e em segundo, pela dubiedade das mensagens enigmáticas que recebe dos pais adotivos.

Assim como a criança adotiva, Édipo também tinha um duplo, ele era o filho de Mérope e Pólibo, porém também era o filho de Jocasta e Laio, carregava consigo uma maldição que desconhecia. Essa duplicidade que marca a trama de Édipo é ilustrada nas tragédias gregas:

(...) na perspectiva trágica, portanto, agir tem um duplo caráter: de um lado, é deliberar consigo mesmo, pesar o pró e o contra, prever o melhor possível a ordem dos meios e dos fins; de outro, é contar com o desconhecido e incompreensível, aventurar num terreno que nos é inacessível, entrar num jogo de forças sobrenaturais sobre as quais não sabemos se, colaborando conosco, preparam o nosso sucesso ou nossa perda. (Vernant, 2005b, p.21)

Assim, Édipo contou com o desconhecido, sobretudo com o desconhecido que o habitava, não sabia que ele seria o protagonista de uma história da qual estava em fuga. Entendemos que a criança adotiva também terá que lidar com o desconhecido, com o incompreensível em relação às suas origens, isso porque apresenta uma dupla origem.

A busca da criança pela família biológica revela uma busca a si mesma e em revisitar o passado e as origens (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010), a busca por um duplo, por uma parte de sua história a que não se tem acesso, por preencher um vazio deixado pela ausência de um passado conhecido. Segundo Mautner (1996), vazio dado pela ausência e pela experiência de descontinuidade pela qual a criança passou. Além disso, conforme afirmamos acima, o duplo que a criança adotiva tem que lidar, além do que se refere às origens, está relacionado aos dois níveis da mensagem transmitida pelo adulto, o nível consciente do cuidado; e o inconsciente ou enigmático. Isso porque, conforme Laplanche (1994), o maior conflito não acontece propriamente entre a criança e o adulto, mas, sobretudo, entre a criança e o duplo da mensagem que lhe é transmitida pelo adulto.

Entendemos, portanto, que o tema das origens tem implicações na adoção precisamente através de dois pontos de vista que delimitamos a princípio: o primeiro decorre do fato de que a origem da criança adotiva é marcada por uma vivência de separação dos pais biológicos, o que funciona como uma lacuna representacional que ela tem como tarefa

preencher. Esse preenchimento e a busca incessante pelas origens biológicas funcionam como tentativas de tradução, que podem ocorrer de forma mais ou menos eficaz, dependendo dos recursos que lhe são dispostos. O segundo ponto diz respeito ao entrelaçamento que o tema das origens tem em relação às mensagens enigmáticas de filiação, fato que acontece porque junto aos questionamentos e ao enigmático transmitido pelos pais adotivos, estão presentes também incertezas, dúvidas sobre as origens biológicas do filho, além de questionamentos sobre as implicações para a filiação adotiva de uma origem biológica, por vezes desconhecida. Essas ressalvas são importantes, a fim de discutirmos cada tema distintamente, entendendo em contrapartida, que tais distinções são meramente didáticas, visto que coexistem e demandam uma tarefa de simbolização e tradução por parte da criança. De um lado, pelo abandono sofrido e, de outro, pelas mensagens enigmáticas dos pais adotivos em torno das origens do filho. Para iniciarmos nossa discussão sobre o tema das origens na adoção, analisamos a seguir o primeiro ponto de vista, o da origem como descontinuidade.

ENIGMA E ORIGEM: A ÁRVORE GENEALÓGICA FOI PODADA?

Sabemos que todos os filhos, biológicos ou não, precisam ser adotados afetivamente por seus pais e família (Peiter, 2011). Especialmente a adoção de um filho que não seja biológico pressupõe que tenha havido uma separação na vida dessa criança que pode ter ocorrido logo após o nascimento ou por alguma outra circunstância no decorrer de sua vida.

Essa real separação vivida pelo *infans*, conforme Levinzon (2004), pode se reacender durante toda sua vida no fantasma da rejeição e da perda, funcionando como uma ruptura importante que poderá influenciar a sua capacidade de estabelecer vínculos. Nesse caso, Levinzon (2004) aponta que crianças que passaram por um processo de adoção podem apresentar uma tendência a repetir sua vivência de abandono numa tentativa de elaborá-lo. A autora ainda afirma que na adoção há um “hiato biológico” (p.34), que pode estar presente e marcar a criança através de sensações corporais desagradáveis vinculadas à desproteção. Dessa forma, pode-se dizer que essa desproteção é capaz de incitar muitas reações na criança. Dentre elas, neste momento, atemo-nos à angústia decorrente da separação da mãe biológica.

De acordo com Freud (1926), a angústia pode ser entendida como uma reação ao desamparo que ocorre quando há um trauma e pode ser reproduzida depois da situação de perigo como um sinal em busca de ajuda. Freud (1926) define a angústia [*Angst*] como tendo

uma ligação direta com a expectativa, a angústia seria sempre angústia por algo. “Tem uma qualidade de *indefinição e falta do objeto*” (p.160).

Freud, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) afirma que, quando bebê, a criança ainda não consegue distinguir entre a ausência temporária e a perda permanente da mãe. Tal distinção depende, segundo ele, do que denomina de experiências consoladoras, como sendo aquelas que proporcionam à criança a oportunidade de aprender que o desaparecimento da mãe é, em geral, seguido do seu reaparecimento. Com o desenvolvimento da criança, a angústia de perda do objeto se transforma em uma angústia ainda mais ameaçadora, a angústia de perder o amor do objeto. De modo que a ausência da mãe passa a ser sentida pela criança como um perigo, contra o qual ela reage por meio da angústia (Freud, 1926).

Em consequência da incompreensão dos fatos pela criança, a situação de sentir falta da mãe não é uma situação de perigo mais uma situação traumática. Ou, para dizê-lo mais corretamente, é uma situação traumática se acontecer que a criança na época esteja sentindo uma necessidade que sua mãe seja uma pessoa a satisfazer. Transforma-se numa situação de perigo se essa necessidade não estiver presente no momento. Assim, o primeiro determinante da angústia, que o próprio ego introduz, é perda da percepção do objeto (que é equacionada com a perda do próprio objeto). Ainda não se trata de perda de amor. Posteriormente, a experiência ensina à criança que o objeto pode estar presente, mas aborrecido com ela; e então a perda de amor a partir do objeto se torna um novo perigo e muito mais duradouro e determinante da angústia. (Freud, 1926, p.165)

Freud (1920) nos apresenta um exemplo de como a criança irá simbolizar a ausência materna, fato que primeiramente ocorre no nível da concretude para depois ocorrer no nível simbólico. Ele relata o exemplo do próprio neto no jogo com um carretel de linha que, quando lançado pela criança, se afasta e depois com os movimentos de ir e vir, se aproxima novamente. Freud afirma que a aproximação do carretel da criança é compreendida por ela com muita alegria, expressando o que denomina como *fort da*, um jogo de desaparecimentos e retornos. Trata-se de uma experiência que era então vivida passivamente pela criança, decorrente da ausência materna, e agora, através do jogo de carretel, tem a possibilidade de tornar-se uma experiência ativa, de idas e vindas. O ir e vir do carretel simboliza a presença e ausência materna, e a criança pode crer que o desaparecimento da mãe é seguido de seu reaparecimento, já que a mãe se encontra viva no psiquismo da criança.

Se partirmos da compreensão do *fort da* como uma metáfora apresentada por Freud para representar a capacidade da criança de suportar a angústia diante da separação ou ausência da mãe, podemos pensar que, no caso da adoção, através da experiência de separação e ruptura, o jogo infantil de presenças e ausências pode estar mal constituído, já que o desaparecimento da mãe, no caso da adoção, não foi seguido de seu reaparecimento. Metaforicamente, entendemos que a mãe, representada pelo carretel, desaparece e não mais retorna, o que pode gerar uma falha na representação sobre as origens, por conta dessa descontinuidade. Em consonância com Levinzon (2004), acreditamos, pois, que essa experiência pode funcionar como um hiato ou como uma lacuna na simbolização das origens que a criança adotiva tentará a todo custo preencher.

Para derivar uma reflexão sobre essa descontinuidade que marca adoção, recorremos a Ferenczi (1927a). Embora o autor não trate especificamente desse tema, apresenta relatos de casos de crianças consideradas como hóspedes não bem-vindos em suas próprias famílias biológicas. Um ponto levantado por Ferenczi é o de que:

(...) crianças acolhidas com rudeza e sem carinho morrem facilmente e de bom grado. Ou utilizam meios orgânicos para desaparecer rapidamente ou, se escapam a esse destino, conservarão um certo pessimismo e aversão à vida. (Ferenczi, 1927a, p. 58)

Ferenczi (1927a) discorre sobre duas crianças abandonadas dentro das famílias biológicas e que foram consideradas como hóspedes não bem-vindos, registrando sinais conscientes e inconscientes dos sentimentos transmitidos pela mãe, fato que o autor define como fundamental para que elas não desenvolvessem vontade de viver, possibilitando a emergência de alguns traços como pessimismo e desconfiança. Ainda assim, segundo o autor, à criança podem ser direcionados sentimentos hostis, decorrentes de conflitos familiares.

A par do amor apaixonado e das punições passionais, existe um terceiro meio de se prender uma criança: é o *terrorismo do sofrimento*. As crianças são obrigadas a resolver toda espécie de conflitos familiares e carregam sobre seus frágeis ombros o fardo de todos os outros membros da família. Não o fazem, afinal de contas, por desinteresse puro, mas para poder desfrutar de novo a paz desaparecida e a ternura que daí decorre. (Ferenczi, 1933, p.120)

Além disso, conforme Ferenczi (1927b), a criança em tenra idade é incapaz de suportar a solidão, e quando a ela é imposto um dano, ainda que seja mínimo, este pode projetar-se como uma sombra durante toda a vida. Nesse sentido, entendemos que o

abandono, enquanto um dano causado à criança e como experiência de separação e descontinuidade, pode se fazer presente durante sua vida, demandando-lhe uma tarefa de elaboração. Sustenta Peiter (2011) que o abandono¹² pode ser compreendido como o equivalente psíquico do estado de desamparo, em que a criança se vê imersa em uma descontinuidade que há de ser suprida para que possa garantir sua sobrevivência. A autora afirma que:

Muito embora as condições de separação não se revelem factualmente como abandonos deliberados ou intencionais, psiquicamente, separações precoces de seus objetos primordiais trazem consequências importantes e, com frequência podem ser de fato vividas no plano fantasmático como abandono psíquico. (Peiter, 2011, p.49)

Em relação ao tema do abandono, Martinez (2003) diz que o nascimento em si constitui o primeiro e dramático abandono pelo qual se passa na vida. Isso porque a autora considera que o nascimento pode ser compreendido como um evento catastrófico, ou seja, como o primeiro dentre muitos abandonos que serão sofridos durante a vida, na medida em que, metaforicamente, compara os abandonos de uma criança aos abandonos do herói mitológico:

A partir desse momento, o do nascimento, temos o nosso destino traçado, estaremos, pois, gradativamente expostos a uma sucessão de abandonos contra os quais, como um verdadeiro herói, teremos que desenvolver características excepcionais para sobreviver. Talvez assim o sintamos como resultado de uma defesa maníaca...E perder a mãe, aos poucos, é a grande tarefa para o herói. O que significa, ao mesmo tempo, o surgimento do ser diferenciado do outro, o herói feito por si mesmo. (Martinez, 2003, p. 132)

¹² O abandono de crianças tomou diversos formatos ao longo da história. Sabe-se da existência de casos de abandono de crianças em praticamente todas as grandes civilizações da Antiguidade. Informalmente, o abandono foi comum até o final da Idade Média O século XV é caracterizado pelo infanticídio, porém a morte de uma criança, nesta época, não acarretava nenhuma consequência. Já no século XVI, o abandono de uma criança por sua mãe, a levava a ser morta e enterrada juntamente com o corpo da criança. O processo de mudanças começou na Itália ao longo dos séculos XV e XVI com a criação dos hospitais para expostos. O nome Roda – dado à casa dos expostos – deve-se ao dispositivo de madeira onde se colocava o bebê que desejava abandonar (Marcílio, 1998). O ardor moralista via na Roda uma forma de defesa dos bons costumes e da família e atingia a condição de regulador dos possíveis “desvios” familiares (Gonçalves, 1987). No final do século XIX, as Rodas praticamente desapareceram da Europa, enquanto no Brasil elas foram criadas a partir do século 18 e durante um século e meio foram a única ação de proteção à criança abandonada. A Roda dos Enjeitados no Brasil existiu até 1950, o último país do mundo a acabar com ela.

Para Otto Rank (1961), o abandono do herói, comum nos mitos, traz consigo também a possibilidade de um novo nascimento. Brandão (1995) também faz referência a esse novo nascimento do herói nos mitos, já que, a partir do abandono, há a possibilidade de se ter um novo nascimento, que confere ao herói um novo *status*, um novo nome e ainda o acréscimo de poder. Martinez (2003) relata que o abandono após o nascimento¹³ é considerado como o ponto em comum nas histórias dos heróis mitológicos¹⁴, levando-os a terem que decidir entre a morte e o desenvolvimento de capacidades excepcionais para sua sobrevivência, sendo que é o desenvolvimento dessas capacidades o que verdadeiramente transforma-os em herói. A autora entende que, para sobreviver, a criança abandonada também terá que desenvolvê-las.

E toda criança abandonada tem, ante si, apenas dois caminhos: ou a morte, ou, ter de desenvolver capacidades excepcionais de sobrevivência. O abandono é o possível denominador comum nas histórias dos heróis mitológicos, cujo nascimento formula o dilema da exposição. (Martinez, 2003, p. 130)

Édipo, filho adotivo, foi abandonado e, mesmo não sabendo sobre sua real condição de adoção, carrega marcas dessa separação, ou mais, marcas de um desejo de morte de Laio e Jocasta, pois além de o abandonarem, perfuram-lhe os pés, foi escolhido para a morte. Mas isso não se concretiza, Édipo não sucumbe e, como um herói mitológico, desenvolve capacidades excepcionais para sobreviver, como quando decifra o enigma da Esfinge. Porém seus pés marcados tornam-se cicatrizes corporais e um símbolo desse abandono.

No caso de Édipo, temos uma criança que se viu também em defasagem em relação ao seu próprio destino – pois não pôde escolhê-lo, foi escolhido por sua origem como uma expressão viva da maldição lançada aos labdácidas. Ao lhe propor um enigma, a Esfinge, enquanto monstro fantasmático, coloca à prova as origens de Édipo. Naquele momento, ele decifra o enigma mitológico, mas ainda não sabe sobre suas origens. Assim, podemos supor que a Esfinge, como cruel cantora, como monstro, não canta ingenuamente um enigma para que Édipo possa decifrá-lo, sem a intenção de que ele também seja devorado pelo seu destino. Questionamos, dessa forma, se fora realmente a Esfinge ou Édipo o real derrotado no momento da decifração.

¹³ O abandono frequentemente ocorre deixando o futuro herói numa cesta jogada nas águas de um rio ou mar, ou bem, ao ser entregue a terceiros para conduzi-lo à morte, isto é, o abandono do herói pela mãe significa está-lo abandonando a sua sorte. (Martinez, 2003, p.128)

¹⁴ Protagonista da Tragédia grega, o herói revela a sua humanização, pois para expiar a culpa trágica, transforma-se num outro, num ator do sofrimento. (Martinez, 2003, p.128)

Em vez de torná-lo semelhante ao homem que avança na vida caminhando ereto na sucessão de uma linhagem, seu sucesso identifica-o com esse monstro que as palavras da Esfinge evocam: o ser que tem, ao mesmo tempo e na mesma ocasião, dois, três, quatro pés, o homem que na progressão de sua idade não respeita, mas embaralha e confunde a ordem, social e cósmica, das gerações, (Vernant, 2005d, p.186)

Édipo é herói, pois sobrevive, e ao mesmo tempo em que o abandono permite o nascimento do herói, também permite o nascimento do que é humano, tendo em vista os inúmeros abandonos que o ser humano precisa sobreviver para o seu desenvolvimento. O desenvolvimento de capacidades excepcionais, comum aos heróis, está relacionado nos casos de adoção, a um trabalho de simbolização que leva a criança adotiva ao longo de seu desenvolvimento a questionamentos sobre o porquê de ter sido abandonada e sobre o porquê de ter sido adotada. A criança adotiva que se viu inevitavelmente diante de uma separação tem essa ocorrência como uma peculiaridade importante para ocupar-se, pois depara-se com um desligamento permanente para o qual não está preparada, decorrente do abandono pelo qual passou.

Não restringimos nossa compreensão a uma visão dessa separação inerente à adoção como algo danoso para a criança. Pensamos que tal separação dos pais biológicos deixa marcas que podem ser traduzidas na medida em que à criança são oferecidos recursos que a permitam ter um destino particular, como veremos na sequência. Nesse sentido, o fato de haver tal fratura não significa que seja patológica, ou ainda um trauma irrepresentável, isso depende de como a criança vai traduzi-la *après-coup*. A princípio é tão somente uma fratura inerente à adoção – inegável - mas tampouco patológica.

OS (DES) CAMINHOS E O ENIGMÁTICO ACERCA DAS ORIGENS

Em consonância com as distinções feitas acima e tendo abordado o tema das origens enquanto descontinuidade, discutimos neste momento como o tema das origens pode estar implicado nas mensagens enigmáticas de filiação. Conforme vimos, a condição humana se estabelece diante da alteridade no sentido laplancheano, ou seja, um ser humano para se desenvolver precisa do cuidado de outra pessoa, um adulto, de modo que há sempre a necessidade de um outro que possa atuar na fundação do psiquismo.

Tornar-se humano significa, pois, ser seduzido (filiação) e, ao mesmo tempo, seduzir (parentalidade) – posições essas que se substituem uma à outra e se renovam durante a adolescência. (Andrade, 2015, p.05)

À criança adotiva também são propostos enigmas, não mais pela Esfinge, mas, sim, pelo outro, no sentido concreto do termo, representado pela cultura, pelos pais adotivos, que questionam a criança, mesmo que implicitamente, acerca de suas origens biológicas. A própria família adotiva pode cumprir esse papel na proposição de enigmas acerca das origens, quando transmite dúvidas, incertezas e fantasias sobre as origens biológicas da criança. Nesse sentido, a cultura coloca a criança à prova, tendo ela que decifrar-se a si mesma a partir dessas demandas. Isso porque a experiência de descontinuidade pela qual passou a levará a ter a lacuna de sua origem como algo a ser representado ou, em termos laplancheanos, traduzido, haja vista tal questão também estar presente e entrelaçada nas mensagens enigmáticas de filiação.

Se um enigma é comunicado através da pluralidade das mensagens, compostas pelo inconsciente do adulto (Laplanche, 1992), temos que, no caso da adoção, tais mensagens podem conter também enigmas em relação às origens, haja vista tal tema ser enigmático também para os próprios pais adotivos. Nessa relação de alteridade, o tema das origens está inserido nas mensagens enigmáticas transmitidas pelos pais adotivos através dos questionamentos acerca da dupla origem da criança, biológica e adotiva, que demandam uma dupla tarefa para a criança adotiva, a de elaboração de duas cenas originárias. Isso ocorre devido ao fato de a criança adotiva ter dois casais parentais e tem, pois, uma dupla tarefa no sentido de simbolizar sua origem.

Além disso, a cena originária que, segundo Laplanche (1992), ocorre através da observação do coito dos pais, consiste em uma cena obscura para a criança, pois também o é para os protagonistas. Relata-nos Laplanche que nesse mesmo registro funcionam os enigmas apontados por Freud decorrentes das teorias infantis, como o nascimento de outro filho, a diferença entre os gêneros e ameaça de castração, os quais qualifica como traumáticos pela incapacidade do adulto em explicar tais situações para si mesmo (Laplanche, 1992).

Ainda, Feder (1974) aponta que a curiosidade na criança acerca de sua origem deve ser compreendida como uma manifestação que encobre um desejo muito mais profundo, o de descobrir as circunstâncias reais de sua concepção. Feder (1974) aponta que a cena primitiva emerge enquanto decorrente do questionamento acerca das origens, configurando um enigma, ou seja, algo que demanda por tradução. O enigma da origem se faz presente nas fantasias

originárias, assim como a cena primitiva, a ameaça de castração e a própria sedução, já que consistem em conteúdos que o reportam. Nesse sentido, tal enigma deve ser teorizado pela criança e por seus pais no sentido de sempre buscar uma recuperação e respostas que permitam simbolizá-lo.

Nesse ponto, cabe-nos ressaltar que a cena de origem da criança é enigmática para os próprios pais que podem se questionar acerca das implicações dessa dupla origem, ou mesmo se a cena originária do nascimento da criança na família adotiva é suficiente para garantir a filiação. Ainda nessa linha, para Lévy-Soussan e Marinopoulos (2010), a ausência de filiação biológica pode permitir que o casal se imagine como não fazendo parte da origem da chegada da criança, podendo haver, então, uma tentativa dos pais em escapar da cena parental, ou seja, de escapar dos conflitos de seus filhos, atribuindo-lhes causas exteriores; ou ainda, favorecendo representações dessexualizadas da concepção (Lévy-Soussan, 2006, 2010). Seriam pais adotivos que se recusam como origem, ou seja, como verdadeiros pais e mães.

Ora, na cena original própria da criança e de seus pais de nascimento deveriam corresponder múltiplas cenas de encontro, de desejo, de concepção de uma história comum da qual a criança seria um dos resultados. Na ausência de tal correspondência, a criança não poderá ter origem no imaginário de sua família, correndo, então, o risco de ser sempre considerada como uma criança de outra parte, somente aceita, apenas acolhida. (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010, p. 84; Lévy-Soussan, 2006)

Nesse sentido, se a cultura e a história dos pais adotivos não são transmitidas à criança e a filiação biológica é valorizada sobremaneira, a criança pode ficar à mercê e desprovida de uma cena parental, sem o fomento de fantasias dos pais em torno da concepção do filho (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010). Argumentam esses autores que a elaboração da cena primitiva parental é um dos elementos para a construção do processo de filiação, pois tal cena representa a origem do filho; é a cena originária.

Encontramos aqui o que dissemos a respeito da transmissão: a cena original como a cena de transmissão. A especificidade da situação de adoção talvez resida na possibilidade, para os neopais, de criar um fantasma de um cenário primitivo do qual estavam ausentes e no qual eles formam a representação do excluído. Os neopais vêm tomar lugar entre os outros pais necessariamente míticos e o filho vindo de outro lugar. Esse movimento geralmente leva os pais adotivos a situarem-se como filhos que um dia imaginaram terem sido adotados por seus próprios pais, que, eles também, vieram de outro lugar. (Kaes, 2010, p.172)

De maneira que, se os pais adotivos se excluem da cena primitiva dos filhos, ou seja, não são capazes de historicizar o sintoma do filho através de sua história, possibilitam que o filho o faça em função de um passado desconhecido e inacessível. Isso leva ao risco de o filho nunca ser visto como um prolongamento fantasmático dos sonhos e desejos do casal, o que torna difícil a identificação parental com a criança e da criança com os pais, de modo que os pais devem sempre sustentar o fantasma de sua posição parental (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010).

Nesse sentido, acreditamos que os pais adotivos cumprem um importante papel na tarefa de auxiliar a criança na tradução e simbolização da descontinuidade que marca suas origens, na medida em que devem se incluir na historização da criança. Isso porque a filiação na adoção pode e deve ser compreendida como uma filiação total na qual a criança tem uma origem e, claro, uma dupla origem. O que lhe impõe uma dupla tarefa na teorização sobre suas origens, mas que é facilitada na medida em que os pais adotivos a incluem nos seus desejos e fantasias sobre a filiação (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010).

Bleichmar (1994) afirma que as teorizações e questões sobre a origem são estruturantes e possibilitam à criança a construção de uma história simbolizada. Sendo assim, a criança adotada - ao contrário de Édipo que, sem um saber consciente, vai de encontro ao seu destino - tem a possibilidade de ressignificar-se através de sua inserção no universo fantasmático dos pais. Essa inserção ainda possibilita a construção de um mito de origem, passando de uma criança somente aceita pelos pais adotivos a uma criança por eles desejada (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010).

Assim, a descontinuidade acerca das origens não é em si traumática, mas depende de vivências *après-coup* e das ajudas à tradução oferecidas pelo ambiente, sobretudo os pais adotivos, no sentido de auxiliar a criança frente à tarefa de simbolizar as mensagens do adulto que a atacam, numa tentativa de historicizar graças e contra elas. (Laplanche, 2003) Isso acontece quando os pais adotivos, por exemplo, disponibilizam assistentes de tradução a fim de auxiliar a criança a desvelar suas origens, ou quando permitem que o assunto adoção dialogue na relação com ela, quando a incentivam na busca por documentos, indícios da sua história ou mesmo na procura por sua família biológica¹⁵.

Nesse sentido, como já dissemos, não cabe a afirmação de que a separação da criança adotiva de seus pais biológicos seja sempre compreendida como um abandono irrepresentável

¹⁵ O adotado tem direito de conhecer sua origem biológica, bem como de obter acesso irrestrito ao processo no qual a medida foi aplicada e seus eventuais incidentes, após completar 18 (dezoito) anos. (ECA, 1990)

ou patológico, entretanto também não é plausível desconsiderar as reais circunstâncias dessa separação que sabemos nem sempre ocorre de uma forma que permita a tradução, pois que, além do fato de ser uma separação definitiva, pode ainda trazer consigo marcas de violência, negligência, ou seja, de uma agressividade desmedida. É necessário que o enigmático em torno das origens biológicas da criança e que se amalha entre as mensagens enigmáticas de filiação, possa ser teorizado por ela e por seus pais no sentido de sempre buscar uma recuperação, não com o objetivo de esgotar ou cercear as possibilidades de decifração, mas deixando espaços para retraduições que permitam à criança atribuir novos sentidos para sua adoção.

Decifrar o enigma da Esfinge, no caso de Édipo, conferiu a ele a possibilidade de adentrar a Tebas, ou mais que isso, ser reconhecido por algo que jamais alguém havia conseguido. Isso porque, segundo a interpretação de Brandão (2000) sobre a tragédia *Édipo Rei*, a Esfinge era uma alma penada, um ser mítico e com certo erotismo, que alimentava a ideia de que quando se derrotam os pesadelos e fantasmas, o vencedor deve por isso ser recompensado, recebendo tesouros, talismãs e reinos. Como argumenta Azevedo (2004), Édipo inconscientemente vai em busca de sua história e ao mesmo tempo em que a desconhece, ele a coloca em cena, configurando um duplo em que ele mesmo é o investigador e o investigado de sua história, o juiz e o réu.

A história de Édipo é a do retorno ao lugar de origem, de sua reintegração à linhagem de que é o filho legítimo e a criança proibida. Esse retorno se realiza como o de um bumerangue, não no tempo desejado, nas condições exigidas, na retidão de uma sucessão que respeita a ordem regular das gerações, mas na violência de uma identificação excessiva: Édipo não vem ocupar, por sua vez, o lugar a que o pai enunciou para lhe deixar livre, ele assume o lugar do pai pelo parricídio e pelo incesto materno, ele vai muito longe atrás: encontra-se como marido, no ventre que o gerou como filho, de onde não tinha o direito de sair. (Vernant, 2005d, p. 184-185)

Em tal compreensão, pensamos se a criança adotiva não seria também investigador e o investigado de sua história e de suas origens. Édipo, ao crescer sem saber sobre suas origens e, ao ser informado pelo Oráculo de Delfos acerca da profecia, na qual ele estaria fadado a se casar com sua mãe e a matar seu pai, foge acreditando que seus pais adotivos eram seus pais biológicos. Isso porque, no mito de Édipo, a linhagem ou a descendência ainda está vinculada à consanguinidade; e Laio e Jocasta são considerados os pais verdadeiros de Édipo. Édipo não

sabia sobre sua origem e, acreditando estar fugindo da tragédia profetizada pelo Oráculo, foi ao seu encontro.

Com esses apontamentos, prosseguimos com os conteúdos que podem estar implicados nas mensagens enigmáticas de filiação, no que se refere à adoção propriamente dita.

CAPÍTULO III – O SEGUNDO ORÁCULO - ÉDIPÓ FILHO ADOTIVO

Quem deveria revelar-lhe a verdade não fala, os soberanos que ele tem como pais. Procura o oráculo, primeira ação adulta. Decide por si só. O sacerdote não lhe responde. Em lugar de lhe revelar o passado, Delfos lhe dá um destino. Não é o mais adequado a quem decidiu agir com autonomia? Édipo já não depende de quem o gerou. A partir de agora, ele se gerará a si mesmo. (...) Diante da resposta oracular, Édipo se destina. Fugir em lugar de enfrentar as dificuldades, não é uma atitude heróica. O que procura Édipo? Um lugar sem torpezas, sem crimes, paradisíaco. Procura a utopia guiado por estrelas. Busca o ventre materno negado. Por mais que ande, não poderá fugir de si mesmo. Na fuga, males geram males ainda maiores.

(Schuler, 2004, p.55)

Neste capítulo, retomamos o segundo Oráculo que marca a vida de Édipo, quando o mesmo anuncia que Édipo estaria fadado a matar seu pai e a casar-se com sua mãe. Por não saber que era adotivo e na tentativa de não fazer cumprir a profecia revelada pelo Oráculo, Édipo foge e, ao fugir, se encontra com o destino profetizado. Cabe ressaltar que toda profecia feita pelo Oráculo tem como característica a ambigüidade, sendo essa uma característica intrínseca em suas revelações (Spalding, 1965). Neste momento, partimos dessa mensagem ambígua revelada pelo Oráculo como resposta ao questionamento de Édipo para discutir sobre os enigmas decorrentes da dubiedade das mensagens enigmáticas que vêm do adulto – pais adotivos.

Segundo Levinzon (2004), no imaginário popular há uma tendência em valorizar a vinculação biológica entre pais e filhos, de modo a relacionar o vínculo familiar ao laço consanguíneo, aquilatando sobremaneira o biológico em detrimento à relação familiar construída. Nesse sentido, os próprios pais adotivos, tendo em vista essa valorização ainda presente no imaginário popular, bem como pelo que ainda é enigmático para eles mesmos acerca da filiação adotiva, podem não se considerar como verdadeiros pais de seus filhos. Pode haver um movimento psíquico dos pais adotivos no sentido de dar um peso muito grande para a história biológica da criança, o que pode funcionar como uma defesa, sobretudo quando as questões familiares passam a ser olhadas todas pela ótica da adoção. Ou seja, mesmo que a história da criança com a família biológica faça parte de sua história como indivíduo, ela não deveria, por si só, dificultar o processo de filiação adotiva (Paucher, 2005).

Sabemos que mesmo que essa seja uma idealização almejada, a questão das origens biológicas tem implicações na adoção tanto pelo viés da descontinuidade, como por compor as mensagens enigmáticas de filiação.

Levinzon (2004) realiza alguns apontamentos nesse sentido. Ressalta a importância de se considerar aspectos peculiares que remetem ao universo da adoção, cuidando tanto para não negar essa realidade como para não relacionar todas as questões que ocorrem na família ao processo adotivo. A adoção consiste em um processo que atribui a condição de filho à criança adotiva, entretanto consiste em uma filiação mais vulnerável, supondo que demanda um trabalho simbólico importante para que se constitua a parentalidade e a filiação (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010). Entretanto, a filiação não compreende somente a vinculação biológica, já que o biológico garante a consanguinidade, mas por si só não é garantia da constituição do sentimento de pertencimento e de filiação¹⁶, já que como Ferenczi (1927a) apresenta, há crianças que sentem hóspedes não bem-vindos em suas próprias famílias biológicas. Isso porque o vínculo entre pais e filhos não é algo estabelecido *a priori*, mas deve ser construído, em especial nos casos de adoção.

Neste momento da pesquisa, partimos da revelação feita a Édipo pelo Oráculo para discutir as peculiaridades em relação à constituição da filiação adotiva e os conteúdos que perpassam as mensagens enigmáticas de filiação transmitidas pelos pais adotivos à criança no que se refere à adoção propriamente dita. Não supomos que tais mensagens sejam uma prerrogativa da adoção, mas, sim, que nesses casos o enigmático em torno da filiação possa adquirir maior complexidade. Isso pode acontecer devido à lacuna representacional deixada pela experiência de descontinuidade, tendo em vista a separação dos pais biológicos – independentemente das circunstâncias específicas em que ocorre o abandono, conforme vimos no capítulo anterior - mas também porque a filiação adotiva reascende o enigmático nos próprios pais adotivos como veremos na sequência.

Abordamos a seguir os fantasmas dos pais adotivos a respeito da adoção propriamente dita como, os conteúdos ruidosos dos pais adotivos em torno de sua própria esterilidade; as ambivalências de sentimentos em relação ao filho adotivo; as expectativas em torno da filiação adotiva; e o enigmático em relação à interdição do incesto, haja vista o fato de que,

¹⁶ Se a filiação é o surgimento do sujeito singular no grupo familiar através do nome que ele recebe a partir do sonho parental e da designação do pai, ela é, ao mesmo tempo, sua qualificação como ser singular sexual e mortal em um conjunto geracional. Entrar na filiação, entrar na parentalidade é ser sexuado e mortal, como sujeito singular. Mas é também ocupar um lugar na corrente da espécie, no conjunto geracional que, nesta condição, assegura a continuidade narcísica, assexuada e imortal. (Kaes, 2010, p.167)

não havendo a barreira da consanguinidade, demanda-se uma interdição mais consistente no nível simbólico.

Além desses, discutimos o tema da verdade e da revelação, pois ao mesmo tempo em que auxiliam a tradução da criança sobre sua condição de adoção, comunicam o que há de enigmático para os pais adotivos. Todos esses conteúdos circulam inconscientemente, como mensagem enigmática, na relação desses adultos com a criança adotiva e demandam um importante trabalho tradutivo de sua parte.

LAÇOS E FILIAÇÃO ADOTIVA

Neste momento, discutimos as principais demandas em torno da filiação adotiva e as peculiaridades na constituição da filiação nesses casos. Na adoção, fantasia e realidade podem ser confundidas e a situação adotiva pode ser usada como uma defesa, impedindo o casal de ter acesso ao desenvolvimento de suas dificuldades no exercício de seu papel de pais (Soulé & Lévy-Soussan, 2002; Lévy-Soussan, 2002). Nesse sentido, acreditamos que o sentimento de pertencimento a uma família, bem como a construção de um laço de filiação não acontece *a priori*, precisam ser construídos, investidos. Segundo Lévy-Soussan e Marinopoulos (2010), a filiação designa um laço de parentesco que tem como função ligar as gerações entre si, sendo capaz de inserir um indivíduo em uma rede genealógica, através de sua inscrição em uma cadeia sucessiva de gerações.

A filiação implica a relação de pelo menos três gerações sucessivas assim reconhecidas, bem como a referência comum a um mito de origem. Sob esta dupla condição, cada um pode se situar em um conjunto de sujeitos e se reconhecer como ser que foi procriado e como capaz de procriar. O surgimento do sujeito da filiação corresponde ao lugar específico distintivo ocupado por ele na coordenada dos contemporâneos, dos antigos e dos novos, estando o conjunto sujeito ao mito fundador da linhagem, e cujo ancestral comum é figura originária e porta voz. O reconhecimento dessa posição supõe a reciprocidade dos lugares geracionais. Em um mesmo movimento, o sujeito tem acesso à origem e à morte, à nomeação e à transmissão, à função simbólica e ao pensamento. (Saes, 2010, p.166)

Lévy-Soussan (2006, 2010) discrimina a filiação em três tipos: biológico, jurídico e psíquico. A filiação biológica é a da procriação, pela qual se herda um código genético.

Porém, o laço biológico, segundo os autores, por si só não seria suficiente para estabelecer a paternidade ou maternidade, haja vista a parentalidade ser algo construído ao longo dos anos através das relações entre pais e filho, e não instituído *a priori*. Assim, a transmissão genética por si só é insuficiente para estabelecer um parentesco ou uma filiação psíquica, em contrapartida, é terreno fecundo que propicia e favorece o desenvolvimento do sentimento de parentesco (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010).

Além da filiação biológica, os autores distinguem a filiação jurídica, que é compreendida como o quadro legislativo que define as regras de filiação¹⁷. A filiação jurídica é importante porque a lei é essencial para interiorizar os sinais simbólicos para que a criança defina seu parentesco, sua filiação. Em termos jurídicos, a lei reconhece todas as afiliações e pode definir o papel de cada membro em um cenário coerente simbólico, conferindo-lhe um lugar de reconhecimento. Na adoção, o valor da lei é especialmente importante, tendo em vista que reconhece a filiação mesmo na ausência de um vínculo biológico (Lévy-Soussan, 2006, 2008).

A lei pode funcionar como uma sustentação para a filiação adotiva, capaz de criar um enquadre e engendrar uma família, possibilitando o reconhecimento desta filiação perante a sociedade (Lévy-Soussan, 2002). Em uma família adotiva uma criança pode recorrer ao eixo jurídico para se interrogar sobre suas origens, questionando-se sobre quem são seus verdadeiros pais e sobre as circunstâncias de sua adoção (Lévy-Soussan, 2006). Sobre tal tema, ainda, podemos citar Queiroz (2004), cujo trabalho tece considerações sobre o duplo nascimento da criança adotiva.

Estranho filho adotivo, alguém que nasce, juridicamente, duas vezes e não carrega a marca dos dois nascimentos no documento que o identifica. Esse desmentido manifesto na letra da lei revela o duplo do estranho/familiar presente no imaginário social e vivido pelos pais adotivos. Revela também a duplicidade de casal parental presente no Édipo e as fantasias incestuosas que cada sujeito reedita na maternidade/paternidade. (Queiroz, 2004)

O filho adotivo é alguém juridicamente desligado dos vínculos com sua família biológica, alguém que não carrega na sua certidão de nascimento as marcas dessa separação.

¹⁷ Atualmente a prática da adoção no Brasil está prevista no ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente - uma Lei de 1990. A entrega de um filho à adoção pode ser pensada enquanto uma separação definitiva, tendo em vista que, de acordo com o artigo 41 do ECA, a adoção atribui a condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais. (ECA, 1990)

Há na adoção, um novo nascimento, que consiste no nascimento junto à família adotiva; esse, sim, registrado naquele documento, legitimando a filiação adotiva. A lei funciona pois, em termos laplancheanos, como um importante assistente de tradução, ao qual a criança pode recorrer a fim de simbolizar e traduzir sua adoção.

Entretanto, ao mesmo tempo em que os vínculos com a família biológica são juridicamente desfeitos, permanecem ainda os impedimentos matrimoniais, o que pode despertar fantasias na criança adotiva, haja vista as dúvidas quanto a se deparar durante a vida com alguém da família consanguínea sem o saber. Nesse sentido, interrogamos quais garantias uma criança que foi adotada tem de que não estabelecerá nenhum vínculo matrimonial com alguém de sua família biológica. Deve ela contar com seu destino para protegê-la? Não se tem garantias; contudo, essa possibilidade, concretizada no caso de Édipo, abre a porta para o fantasmático.

Outra categoria apresentada pelos autores é a da filiação psíquica. Lévy-Soussan e Marinopoulos (2010) a definem como uma construção subjetiva que permite a cada um considerar-se e sentir-se como pai, mãe, filho ou filha, ou seja, é o que verdadeiramente permite a criação do sentimento de pertencimento a uma família. Segundo os autores:

O eixo psíquico da filiação permite o entrelaçamento dos três elementos que se encontram na base de qualquer sociedade: o biológico, o social e a dimensão subjetiva, inconsciente, própria do humano. Tal filiação, que se distingue da filiação biológica e jurídica, se constrói com o correr do tempo; seu valor e sua consistência nunca são estabelecidos definitivamente no curso da vida. É o eixo da temporalidade, do ritmo, da partilha, do sentimento de uma vivência comum. (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010, p. 84)

Nessa perspectiva, a filiação adotiva seria um grande desafio, já que, quando o eixo biológico falta, os dois restantes devem ser fortalecidos o suficiente para permitir que a filiação como tal se constitua. Isso porque, na ausência da filiação biológica, os pais adotivos podem, inclusive, atribuir sintomas e comportamentos da criança ou sua atitude como consequência direta de uma história desconhecida ou conhecida demais, da qual eles seriam somente meros expectadores passivos (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010). Da mesma forma que a criança pode, sem o saber, repetir situações de abandono, a fim de elaborar a separação dos pais biológicos e se comportar de maneira a testar a vinculação com os pais adotivos.

O fato de não se considerarem como pais do filho (“nós não somos os verdadeiros pais”) é uma construção fantasmática do casal ou de um deles. Essa construção às vezes é alimentada pela história individual de cada um deles, por sua relação de casal e/ou pelo imaginário social, que valoriza ao extremo a filiação biológica, e pelo jurídico, que demonstra uma certa ambivalência com relação à verdade biológica ou à verdade histórica. (Lévy-Soussan, 2010, p.72)

Na adoção, tanto os dois eixos - jurídico e psíquico - serão extremamente solicitados por um mecanismo de compensação, pois se o eixo biológico falta àquela família, deve ser compensado pelo eixo jurídico e psíquico, a fim de garantir a legitimidade da filiação adotiva (Lévy-Soussan, 2006, 2010). Em termos laplancheanos, tanto o eixo jurídico como o psíquico funcionam como códigos oferecidos pela cultura, que oferecem auxílio à criança adotiva na tarefa de traduzir e simbolizar as mensagens enigmáticas transmitidas a ela acerca de sua experiência de adoção. Entretanto, ao mesmo tempo em que auxilia a tradução, o eixo psíquico também transmite os enigmas dos pais em relação à filiação adotiva, tais como a não elaboração da esterilidade; ambivalências e fantasias em torno da adoção; expectativas e atribuições acerca da filiação adotiva; e o filho adotivo representando a não consangüinidade, conforme veremos a seguir.

O ENIGMÁTICO NA ADOÇÃO

Entendemos que diversos são os contextos e pretextos que levam os pais a adotarem seus filhos, e diversos são os conteúdos que podem compor as mensagens enigmáticas dos pais adotivos nos casos de adoção. A seguir analisamos alguns desses conteúdos que compõem as mensagens, o primeiro deles é a esterilidade.

Há contextos em que casais escolhem como primeira opção ter um filho através da adoção; outros, em que os pais adotam devido à esterilidade, quando então já buscaram inúmeras alternativas para poderem gestar biologicamente. Há também a adoção monoparental, em que um homem ou uma mulher adotam sozinhos, dentre tantos outros desdobramentos. Não nos cabe adentrar às inúmeras possibilidades que levam adultos a adotar; restringimo-nos aqui à esterilidade com um dos possíveis. Isso porque a esterilidade pode ser compreendida como uma expressão da castração (Noel & Soulé, 2005), o que pode colocar os pais adotivos diante da tarefa de simbolizá-la para poder abarcar o evento adotivo. Nessa linha Lévy-Soussan (2002) afirma que a esterilidade ou infertilidade pode ser

compreendida como impotência ou ainda como a forma mais orgânica da angústia de castração. Sendo assim, os pais adotivos que tiveram que superar seu problema de infertilidade, desistindo da filiação biológica e renunciando ao desejo de engravidar, têm como tarefa reconhecer esse fato perante o filho adotivo e diante a sociedade (Soulé & Lévy-Soussan, 2002), o que pode não acontecer de uma forma simples, tendo em vista os aspectos enigmáticos que se encontram permeados em tal reconhecimento.

Supomos que, pela esterilidade ser enigmática para os próprios pais que adotam, esse enigma também pode compor as mensagens transmitidas dos pais para a criança adotiva, já que - se a esterilidade pode ser compreendida como uma expressão da castração - o filho adotivo a denuncia e passa a representar, dessa forma, o filho biológico que não se foi possível ter. Sobre esse tema, a maior ou menor aceitação da criança sobre sua condição de adoção está diretamente ligada ao grau de aceitação de seus pais sobre sua própria condição de pais adotivos. Se eles não puderem elaborar sentimentos relativos à infertilidade, esse processo fica dificultado e posturas ambivalentes podem prevalecer (Levinzon, 2004).

Além da esterilidade, as mensagens enigmáticas transmitidas pelos pais adotivos podem ser permeadas pela ambivalência em relação ao filho adotivo. A ambivalência e a coexistência de impulsos de tanto amor e ódio são considerados por Brinich (1995) como uma parte normal da vida intrapsíquica, entretanto a adoção pode despertar algumas peculiaridades no desenvolvimento da ambivalência, especialmente em relação às fantasias de pais e filhos. Lévy-Soussan (2008) apresenta o exemplo de como um pai pode ser agressivo com seu filho adotivo se inconscientemente, ele o remete à sua esterilidade.

Na adoção, sobretudo, algumas questões ficam mais evidentes, pois o desejo de renunciar à filiação é nela uma possibilidade concreta. Baron-Preter e Ozoux-Teffaine (2006) são autores que abordam a questão da ambivalência na adoção, especialmente no tocante ao ódio presente nas relações entre pais e filhos adotivos, já que tal sentimento é pouco abordado em detrimento de sentimentos amistosos, como o amor, a generosidade. Tal ambivalência dos pais adotivos também compõe a pluralidade das mensagens enigmáticas de filiação.

Outro conteúdo que compõe o enigmático transmitido pelos pais está relacionado também às expectativas em torno de ter um filho adotivo. Segundo Hamad (2002), homens e mulheres carregam expectativas diferentes sobre a filiação. O autor aponta que nos homens as expectativas projetadas nos filhos estão relacionadas à continuação da linhagem e do patrimônio genético.

Se a mulher deve carregar o luto da gravidez, o homem tem que carregar o luto da continuidade de sua linhagem. A esterilidade no homem é vivida na confusão entre o luto da transmissão e a castração real, ao passo que, na mulher, o filho adotivo, a mesmo título que o filho biológico, pode ser integrado na posição fálica. (Hamad, 2002, p.78)

Nessa direção, Hamad (2002) nos fala sobre os “filhos que os pais haviam querido ter, aquele que se teria querido ser, ou não ser, aquele que se desejaria, ou, ainda, aquele de que a esterilidade nos priva.” (p.78) Entendemos, com essa assertiva do autor, que inúmeras fantasias acerca da filiação podem se reeditar no momento da adoção, remetendo também à própria filiação dos pais adotivos. O enigmático poderia ser expresso, nesse caso, pela assertiva dos pais adotivos; *és o filho que tenho, porém não és os filho que queria ter podido ter.*

Além desses conteúdos, a não consanguinidade pode compor o enigmático transmitido pelos pais adotivos em relação à interdição do incesto. Ora, se na adoção não há uma barreira da consanguinidade, podemos indagar: em que nível se dá tal interdição? A barreira da consanguinidade, por si só, constitui um elo de proteção contra a concretização do incesto? Nesse sentido, partimos do pressuposto de que nos casos de adoção demanda-se uma interdição mais consistente no nível simbólico e na constituição da filiação psíquica para que tal interdição se estabeleça. Assim, tal barreira pode ser enigmática para os pais adotivos, na medida em que reflete suas dúvidas e questionamentos sobre a legitimação da parentalidade adotiva, podendo perpassar o enigmático transmitido nas mensagens.

Sendo assim, esses conteúdos apresentados estão incluídos nas mensagens transmitidas dos pais para os filhos e podem interferir na constituição do sentimento de filiação, demandando um importante trabalho de tradução por parte da criança.

ADOÇÃO: COMO DIZER A VERDADE, SOMENTE A VERDADE, NADA MAIS QUE A VERDADE?

O tema da verdade perpassa a situação de adoção, já que para Queiroz (2004), a adoção é acompanhada pela ambiguidade dos pais adotivos entre dizer a verdade e procurar não saber sobre as origens do filho. Nesse sentido, Lisondo (2004) afirma que, na adoção, a verdade pode ser definida como algo invisível, podendo, porém, ser encontrável e, segundo a autora, é importante que se distinga se é desconhecida ou inconfessável. Entendemos com

essas considerações que a verdade na adoção pode ser compreendida também como uma mensagem enigmática, já que, ao mesmo tempo em que revela, também oculta algo incompreensível, dado o inconsciente do adulto implicado nessas mensagens.

Tratar sobre a verdade na adoção é discorrer sobre a ambivalência, já que ela não se revela em si mesma, é obscura, sendo necessário que alguém ou um fato a revele, ela necessita de um outro. Em consonância com a Teoria da Sedução Generalizada, podemos afirmar que verdades e segredos sobre a adoção são sempre comunicados pelo outro em uma relação de alteridade, que abrange também o inconsciente de quem os comunica. Nesse sentido, a teorização sobre as origens vem acompanhada do que não se sabe, de modo que a verdade não esgota em si mesma todas as possibilidades de significação. A verdade - quando comunicada e como mensagem - é recebida pela criança, e, como vimos na TSG, tem efeitos e evoca traduções, de modo que não há uma só verdade, há a verdade – mensagem comunicada; e a verdade – mensagem recebida.

Os enigmas se estruturam a partir da impossibilidade da linguagem parental de “significar tudo”, das efrações que inauguram as verdades “histórico-vivenciais” em relação aos recobrimentos que o recurso parental propicia. Qualquer ilusão de que os pais possam dizer tudo deve ser abandonada, na medida em que eles mesmos desconhecem as determinações inconscientes que os impulsionam no interior do vínculo com seu filho. (Bleichmar, 1994, p.78)

Levinzon (2004) afirma que haveria na adoção um saber inconsciente que, quando não é posto em palavras, abre espaço para uma vida de simbolizações alicerçada em um substrato inconsistente. Isso porque, mesmo não sendo verbalizada, a adoção escapa e perpassa as relações, de modo que está presente e de alguma forma revelada, pois impregna as ações e os cuidados exercidos pelos pais para com a criança. Dessa forma, é importante considerar que atrás da verdade acerca da adoção, encontra-se o inconsciente dos pais adotivos. Assim, os pais adotivos junto com a busca de certezas, transmitem mensagens contendo suas ambivalências, suas dúvidas e o persecutório acarretado pela indefinição sobre as origens da criança.

O que os pais adotivos sonham a respeito deste filho, este filho já carregado no corpo e nos sonhos maternos, já inserido em um mito e, muitas vezes, já registrado com um *status* civil, é um sonho sobre um filho paradoxal: um filho que está por vir mas que já está presente. É também um sonho de pais paradoxais, já que este filho é e não é *deles*.

Grifei o genitivo, pois, a partir dessa situação paradoxal, aqui algo pode se perverter com relação ao incesto. Sem suporte de seu narcisismo sobre o sonho parental, mas vai haver para a criança a possibilidade de constituir a própria realidade psíquica. Isso poderia talvez especificar este sonho dos pais adotivos no que diz respeito à filiação deste filho adotado e já existente para outros pais, é o lugar e o destino que este sonho dá ao desejo dos outros pais e a seu próprio desejo de adotarem/de serem adotados. (Kaes, 2010, p. 172)

O paradoxo que decorre das dúvidas sobre a legitimação da filiação adotiva, pode favorecer a designação constante, ainda que oculta, dos pais biológicos como pais verdadeiros, como pais legítimos, responsáveis pela origem verídica da criança. Nesse sentido, tal questão pode estar implicada nas mensagens e nos cuidados dos pais adotivos e compreende a parte indizível da adoção que, segundo Bleichmar (1994), irá resistir às representações e articulação com a teoria das origens. Trata-se de algo que falta à criança adotiva, e que pode faltar também para os pais adotivos, uma teorização acerca do nascimento.

A verdade, tanto quanto seu ocultamento, guardam neste último caso restos do “sinistro”, do intolerável psíquico, que a criança não pode enfrentar sem inaugurar condições de resguardo para sua simbolização futura, implicando isso, inevitavelmente, um processo lento e forçado de ajuda para organizar suportes simbólicos de um esforço psíquico que, de uma ou outra maneira, fará com que bordeje o catastrófico. (Bleichmar, 1994, p. 81)

Essa teorização é dificultada, especialmente porque, segundo Queiroz (2004), a verdade na adoção é sempre uma verdade parcial, deixa resquícios e pode sempre haver algo por dizer. Isso decorre a princípio de uma postura ambivalente dos pais, entre manter a adoção em segredo, ocultando a origem dos pais biológicos, por exemplo, ou contar sobre os reais motivos do abandono. Acrescentaríamos ainda que a verdade, nesse caso, é sempre parcial, pois encobre o que ainda não foi simbolizado ou traduzido pela criança, mas, sobretudo, pelos pais adotivos em relação à adoção e às origens.

O questionamento acerca das origens pode funcionar como elemento enigmático para a criança, por ser enigmático para os pais que adotam, de modo que é importante que estes possam metabolizá-los através da busca de sentidos outros, a fim de auxiliar o filho também nessa tarefa. Sobre esse assunto, Bleichmar (1994) explica que o questionamento acerca das

origens é estruturante e não consiste na busca de uma verdade pura, de uma verdade isenta de inconsciente. Segundo a autora, tal teorização sobre as origens não basta, mas é imprescindível e deve ocorrer para assim inserir a criança num universo de significações, de modo que não é por não ser suficiente, que deixa de ser eficaz. Essa teorização é sobremaneira facilitada pelos assistentes de tradução que o meio cultural e a família oferecem à criança como auxílio à simbolização que, no caso da adoção, será, sobretudo, a simbolização das origens.

Para a autora, tal questionamento deve ser respondido com o máximo de simbolização que a criança demandar. Isso porque a verdade na adoção não deve servir a quem fala, mas a quem vai recebê-la, devendo os pais respeitar os recursos da criança para metabolizá-la. A autora ainda discorre que, na adoção, não há uma verdade que revele todo o sentido e ocultá-la da criança pode funcionar como um nó, ao qual ela vai sempre se ver em vistas a desatá-lo. O resultado disso é que, através deste “esforço de ocultamento, outros enigmas ficam encerrados e impossibilitados de circular no intercâmbio discursivo” (p. 80).

Incluir a verdade no âmbito do discurso familiar não requer que haja apenas uma única verdade, Bleichmar (1994) afirma que não se trata de “obturar o campo da incógnita ou deixar-se invadir pela perda total da certeza. Ambas as derivações levam, em seus extremos, a riscos que bordejam a morte psíquica, quer dizer, à desestruturação ou ao esvaziamento” (p. 80).

A comunicação de uma verdade, na análise ou fora dela, só tem sentido se salda um recorrido e inaugura uma nova via para as ressignificações psíquicas em um sujeito que não deixa de historizar-se em um esforço sem trégua para encontrar respostas teorizantes aos enigmas que são inaugurados pela origem. (Bleichmar, 1994, p.83)

Partindo-se do pressuposto de uma verdade que pode ser metabolizada pela criança através de articulações feitas pelos pais adotivos, trata-se de traduzir, em palavras, essa inscrição de desamparo, de traduzir essas experiências e inserir a verdade no discurso familiar, criando possibilidades de simbolização e retradução para a adoção (Bleichmar, 1994). Assim, a verdade, é mensagem enigmática e mesmo não sendo portadora de todo o sentido, permite simbolizar a adoção, sendo possível para a criança pensá-la e repensá-la. Entretanto, se a adoção permanece fora do discurso, como um segredo irrevelável, cristalizada pelo silêncio, impede-se que seja simbolizada, torna-se parte de um espaço sem representação, sem traduções possíveis.

REVELAÇÕES

Vimos que toda adoção está perpassada pela trama do segredo e da revelação, já que, conforme discutimos anteriormente, ela carrega consigo algo de indizível, de enigmático, haja vista ser perpassada pelo inconsciente. A adoção também funciona como uma moldura para a filiação, já que possibilita um enquadramento, legitimando o reconhecimento da filiação e da parentalidade adotiva, além do lugar ocupado pela criança na cadeia geracional.

A filiação é reconhecimento e conhecimento: para os pais, do lugar do filho na continuidade narcísica na qual eles são um momento do trajeto. A filiação é o reconhecimento de sua própria posição na ordem das gerações, reconhecimento da rotação, mobilidade do desejo dos pais sobre a existência do filho. (Kaes, 2010, p.167)

Nesse sentido, no plano consciente, a revelação pode funcionar como um momento de legitimação e reconhecimento da filiação adotiva e como um importante recurso para auxiliar a criança frente à tarefa de simbolização e tradução de sua condição adotiva, porém, em um nível inconsciente, a revelação reascende os próprios enigmas dos pais adotivos em torno das inseguranças, dúvidas e questionamentos acerca da própria legitimação da parentalidade adotiva.

Levinzon (2004) relata que muitas crianças podem se apresentar resistentes em saber sobre sua adoção. A autora afirma que em alguns casos ocorre praticamente uma cisão no assunto, que permanece reprimido. Isso acontece principalmente porque, segundo Queiroz (2004), e Levinzon (2004), o momento da revelação pode se constituir num fato perturbador para muitos pais adotivos, pois, em geral, é interpretado como um momento decisivo, em que a relação entre pais e filhos é colocada em prova. Entendemos que isso acontece, pois, no momento da revelação, emerge o que é enigmático em relação à filiação biológica do filho adotivo e suas implicações para a solidez da vinculação adotiva, podendo ser compreendido pelos pais adotivos como um momento em que podem se sentir ameaçados, inseguros ou perseguidos pela não consanguinidade.

A adoção, para as autoras, deve ser incorporada na família através da livre circulação da palavra, pois possibilita o acesso às angústias tanto dos pais adotivos como da criança. Queiroz (2004) propõe uma aproximação do momento da revelação nos casos de adoção com o momento da revelação a Édipo sobre sua filiação, já que, conforme a autora, na peça de Sófocles, *Édipo Rei*, toda a trama se desenrola em torno da revelação da profecia de seu trágico destino.

(...) que atravessou o limiar da adolescência e que se tornou adulto, com dois pés, Édipo vai a Delfos, interroga o oráculo sobre o seu nascimento e, aterrorizado pela resposta, ao invés de voltar para Corinto, dirige-se a Tebas, onde vai se tornar tirano. (Vernant, 2005d, p.192)

A revelação da adoção na trama de Édipo não ocorre de maneira linear, pois quando o Oráculo de Delfos informa a Édipo que ele estaria fadado a matar seu pai e a casar-se com sua mãe, ele foge e somente depois de ter matado seu pai e desposado sua mãe, ou seja, depois de cumprida a profecia é que se dá conta de sua condição de adoção. No momento em que questiona o Oráculo, esse lhe revela a profecia, contudo, nesse momento Édipo ainda não sabe sobre sua verdadeira origem e sobre sua adoção por Mérope e Pólibo.

Nesse aspecto, podemos contar com um dos apontamentos de Krahl; Moreira; Roldo (2010), os quais realizam uma revisão bibliográfica dos autores que trabalham com adoção numa perspectiva psicanalítica. Segundo Krahl et al. (2010), na adoção pode haver um enigma estruturante oposto ao que ocorre em crianças não adotadas. As autoras afirmam, em consonância com Bleichmar, que a criança adotiva pode se perguntar “*o que quer de mim*”, em relação aos pais adotivos, pois, além dos cuidados, transmitem algo a mais, que ela ainda não tem recursos para traduzir. Esses questionamentos compreendem o enigmático que a criança tem por traduzir em torno de sua adoção e estão precisamente relacionados às ideias de Laplanche (1992) acerca das mensagens enigmáticas. Porém, no caso da adoção, além desses questionamentos, as autoras afirmam que a criança pode ainda se indagar, “*o que não quis de mim*”, em relação aos pais biológicos, evidenciando muitas vezes, uma busca desenfreada em saber as reais circunstâncias do abandono e suas origens biológicas.

Por outro lado, Martinez (2003) ao tratar da tragédia, considera que o momento da revelação permite a simbolização, entretanto, os aspectos que permanecem não simbolizados podem refletir algo mais primitivo, que foge à capacidade de simbolização. Nesse sentido, ao pensar no momento da revelação na adoção, podemos supor que a revelação ao mesmo tempo em que permite a simbolização, denota ainda algo de não simbolizado que permanece presente, haja vista ser inconsciente. São esses aspectos inconscientes e não simbolizados que expressam a emergência do enigmático para os pais adotivos e que fazem da revelação um momento de tradução para a adoção, mas portador do enigmático. Dessa forma, entendemos que a revelação, nos casos de adoção, não desvela todo o sentido, já que, ao mesmo tempo em que é tradução, é também uma mensagem, ou ainda, uma mensagem enigmática de filiação.

A seguir veremos quais os possíveis destinos a serem dados pela criança para as mensagens por ela recebidas e a importância do *après-coup* na simbolização e na tradução dessas mensagens, pois, segundo Bleichmar (1994) é possível haver traduções, destruições e retraduições que permitam à criança simbolizar sua história.

CAPÍTULO IV – O TERCEIRO ORÁCULO - OS POSSÍVEIS DESTINOS DA MENSAGEM

Édipo

*Pobres filhos, não ignoro, conheço
o que procurais desejosos; bem sei
que todos sofreis; padecer... quanto eu
não há ninguém entre vós que padeça tanto.*

*Mas vossa dor fere só um
particularmente, nenhum outro, enquanto eu,
meu coração pela cidade inteira, por mim, por ti chora.*

*De sorte que não me arrancastes de sono profundo;
sabeis que chorei muito,*

*andei por muitos caminhos, sem planos, desgarrado;
após madura reflexão, achei remédio, um só,
este eu pus em prática: o filho de Meneceu,
Creonte, meu cunhado, ao santuário pítico
enviei, ao templo de Apolo, a fim de apurar
o que devo fazer ou dizer para salvar esta cidade.*

Conto os dias, a demora me inquieta.

*Que estará fazendo? Mais do que o devido
se alonga sua ausência.*

*Ora, quando voltar, serei criminoso
se não executar tudo o que o Senhor determinar.*

Sacerdote

*Falaste em boa hora, os meninos
me apontaram Creonte já se aproxima.*

Édipo

*Apolo, Senhor, que a sorte ilumine
seus passos como a luz que brilha em seu olhar!*

Sacerdote

*Vem radiante, parece-me, de outro modo
não avançaria coroado de louro em bagas.*

Édipo

Logo o saberemos; já o temos ao alcance da voz.

*Príncipe, meu cunhado, filho de Meneceu,
que resposta nos trazes da parte de Apolo?*

Creonte

*Excelente! Penso que até os infortúnios, sendo o
desfecho favorável, são auspiciosos.*

Édipo

*A sentença, qual é? Até aqui
não me tranquiliza nem me assusta tua palavra.*

Creonte

Se queres na presença destes ouvi-la, estou pronto a falar, ou preferes entrar?

Édipo

Fala a todos. Por eles carrego dor maior do que por minha própria vida.

Creonte

Direi, então, o que ouvi do deus. Manda-nos Febo, Senhor nosso, claramente, a imundície desta terra, cultivada neste mesmo solo, erradicar para que não a fomentemos até se tornar irremediável.

Édipo

Purificar como? De que sujeira se trata?

Creonte

Banir, ou sangue com sangue lavar, sangue derramado empesta esta cidade.

Édipo

Refere-se a morte de quem?

Creonte

Laio, meu Senhor, foi outrora rei desta terra, antes de assumires o poder.

Édipo

Sei, ouvi falar... não cheguei a vê-lo.

Creonte

Foi assassinado. A ordem de Apolo é clara: agarrar os assassinos, puni-los, quaisquer que sejam.

(Sófocles, 427 a.C., p. 81-84)

Entendemos que Édipo, em sua trajetória, nas consultas feitas ao Oráculo e ao decifrar o enigma da Esfinge, está sempre em busca de tradução, de respostas para seus questionamentos. No que se refere a esse terceiro momento representado pelo terceiro Oráculo que marca sua vida, ressaltamos que a revelação feita - de que Tebas estaria imersa em calamidade devido ao fato de o assassino de Laio ainda não ter sido vingado por sua morte - foi condição para que consultasse Tirésias na busca de respostas sobre quem seria o verdadeiro assassino de Laio. Em tal busca por respostas, Édipo se dá conta do cumprimento da profecia feita pelo Oráculo e a consolidação de seu trágico destino, ele era o assassino de

Laio e filho de Jocasta. Em correspondência a esse momento da tragédia, pensamos na consulta ao Oráculo e na revelação feita por Tirésias, como um momento *après-coup* na vida de Édipo que o coloca em vistas de traduzir o que até então era desconhecido sobre suas origens e sua história.

Neste capítulo, nosso propósito é buscar compreender os possíveis destinos e as traduções que podem ser feitas pelo *infans* para as mensagens enigmáticas de filiação. Retratamos, até o momento, os conteúdos que podem compor as mensagens enigmáticas de filiação transmitidas pelos pais adotivos, no tocante às origens da criança e às atribuições acerca da adoção propriamente dita. Isso por entendermos que as mensagens enigmáticas de filiação podem assumir contornos e vicissitudes mais complexas nesses casos, considerando que a criança tem que elaborar o excesso em torno de suas origens e acerca do que seus pais adotivos lhe transmitem desorganizadamente sobre o que para eles mesmos é enigmático acerca da filiação adotiva.

Dessa forma, em uma família na qual houve um processo de adoção de um filho não biológico, podem surgir outras questões a serem traduzidas pela criança, além daquelas que ocorrem em uma família em que não houve tal processo. Isso porque a adoção questiona os marcos habituais de parentesco, demandando uma tarefa peculiar de simbolização por parte da criança, tanto sobre suas origens, como em relação à sua adoção propriamente dita. Segundo Carrière (2008), a construção do sentimento de filiação e parentalidade adotiva é um processo que ocorre entre a criança e os pais adotivos e que vai demandar um trabalho psíquico nos níveis consciente e inconsciente. Esse trabalho por parte da criança é constante e deve ser feito *après-coup*, ou seja, quando a criança puder contar com recursos para tal.

Não nos parece do interesse da criança fazer pesar sobre ela a validação filiativa de todas as situações de vida dos adultos, independentemente do sexo, da idade, dos estados psíquicos. (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010, p.106)

Mesmo não sendo um interesse consciente por parte da criança adotiva dar conta dos enigmas, no sentido laplancheano, transmitidos pelos pais adotivos, sabemos que isso não se trata de uma escolha, já que está inserida em um universo familiar, cabendo a ela traduzir o enigmático que lhe é transmitido. Neste momento, vejamos os destinos que podem ser dados às mensagens enigmáticas de filiação, levando em conta que tais destinos fazem parte do processo de tradução demandado da criança.

ENTRE REPETIÇÃO E TRADUÇÃO

Neste momento discorreremos a respeito da repetição na adoção, como uma tentativa por parte da criança de elaborar suas origens ou sua própria condição adotiva. Para tanto, inicialmente discutimos sobre a passividade do *infans* em relação ao adulto que lhe presta cuidados. Laplanche (1994), ao discorrer sobre a relação entre a criança e o adulto, relata que o verdadeiro conflito da criança não ocorre em relação ao adulto, mas, sim, em relação às mensagens que este lhe transmite, já que são duplas. Para o autor, o conflito se instala entre a criança, a mensagem e o enigma presente nas mensagens. A passividade da criança em relação ao adulto, descrita por Laplanche (1992), no caso da adoção, é caracterizada pelas palavras, gestos e pela presença de movimentos inconscientes do adulto, sobretudo porque a criança lhe suscita sua própria criança, de modo que, nos cuidados com o *infans*, o adulto revisita seu próprio lado infantil, polimórfico perverso. Essa presença do movimento inconsciente adulto coloca o caráter fortuito da situação, a sedução é para a criança inesperada, acidental.

Mas, pensemos na criança adotiva. Sua passividade é inerente à relação desigual na qual está em defasagem sobre as mensagens que recebe do adulto. Laplanche (1992) nos diz que uma criança, assim como um adulto em um evento traumático, também repete ativamente as cenas que viveu a fim de elaborá-las. Em um segundo momento, o do *après-coup*, quando tem condições de buscar a simbolização de suas origens, tal busca a coloca numa posição ativa, ao mesmo tempo em que remete à repetição como uma tentativa de revisitar o passado a fim de elaborá-lo. Essa busca, ao mesmo tempo em que é ávida por tradução, funciona como um entrave à simbolização enquanto possibilidade de elaboração da condição adotiva.

Freud (1914) já afirmava que, quanto maior a resistência, mais fortemente a repetição substitui o recordar, já que, para recordar, a resistência deve ser totalmente vencida. Em *Além do Princípio de Prazer* (1920), Freud afirma que, da mesma forma com que o inconsciente repete paradoxalmente um evento traumático, devido à sua natureza assustadora, o inconsciente também repete, por assim dizer, eventos que foram interpretados como um perigo psíquico, enquanto uma forma de manter o equilíbrio psíquico, ou numa tentativa de estabelecer uma ligação entre as experiências.

Segundo Levinzon (2004), a criança que apresenta um trauma decorrente da separação ocorrida anteriormente à adoção, algumas vezes é compelida a procurar rejeição e abandono repetidamente. Além disso, segundo a autora, a criança adotiva pode manifestar uma tendência inconsciente para destruir e para sofrer, o que acarretaria uma satisfação, advinda de

um tempo em que não se possuía o senso de realidade. Essa satisfação decorre da busca de tradução expressa pela criança por tentativas de repetir o mesmo abandono que sofreu quando pequena, como uma tentativa de elaborá-lo.

Para Levinzon (2004), na clínica psicanalítica, o recordar é expresso através da repetição de situações que ainda não foram elaboradas pela criança, sendo que crianças adotadas podem tentar “*destruir para não ter o que perder*”, ou “*partir antes de ser abandonado*” (p. 118). Além dessas manifestações, a criança adotiva pode manifestar um impulso agressivo, tanto dirigido ao meio externo, como a si mesma. A busca pelas origens, enquanto tentativa de tradução, pode ocorrer como uma tentativa ilusória de solucionar conflitos psíquicos mal resolvidos. Uma busca ansiosa pelas origens biológicas, por vezes, representa a esperança de reparar as marcas do abandono, ou de solucionar decepções com os pais adotivos (Lévy-Soussan, 2008).

Segundo Laplanche (1992), quanto mais se avança no tempo, mais se retorna aos mesmos lugares, tanto físicos como psíquicos, numa tentativa de elaboração do trauma ocorrido. Assim, pensamos que o próprio retorno de Édipo a Tebas é ao mesmo tempo um retorno ao lugar físico e psíquico do abandono. Já que ao mesmo tempo em que foge do cumprimento da profecia, Édipo sucumbe e vai de encontro a sua concretização.

(...) esse andar inteiramente equilibrado, completamente circular que caracteriza, aos olhos dos gregos, diversas categorias de seres excepcionais: em vez de caminhar reto, afastando as pernas, um pé depois do outro, esses seres têm em comum a progressão em círculo, como se girassem em torno de si mesmos, todas as direções do espaço confundidas num giro onde se suprime essa oposição entre frente e o atrás que, ao dar um sentido ao andar do homem normal, lhe impõe ao mesmo tempo limites rigorosos. (Vernant, 2005d, p.182)

O andar circular nos remete, assim, ao conceito de compulsão à repetição, ou seja, a uma tentativa de avançar, que é falha, e faz retornar ao mesmo lugar. Algo que não foi possível elaborar, que gera uma falha na simbolização, e que precisa ser repetido como uma forma de ser revisto e elaborado. Isso porque, para Bleichmar (1994), o aparelho psíquico, mesmo aberto a novas inscrições que podem ser feitas em temporalidades diferentes da vida, pode conter elementos que permanecem enquanto tais, sem novas ligações e que se repetem ao longo da vida sem elaboração. Nesse sentido, a repetição enquanto tentativa de tradução consiste ainda em um nível incipiente de busca por elaboração. Tais elementos são da ordem

da intromissão, já que não são passíveis de significação, permanecem congelados em si mesmos, petrificados de modo a não permitirem simbolização.

Existiria, então, não somente na criança, mas em todo ser humano, uma espécie de *estoque de mensagens não-traduzidas*: algumas praticamente impossíveis de traduzir, outras na espera provisória de tradução. Tradução que só pode ser provocada por uma reatualização, por uma reativação. O inconsciente dito encravado pode, então, ser um lugar de estagnação, mas também um lugar de espera, uma espécie de "purgatório" das mensagens que esperam. (Laplanche, 2003, p.410)

Segundo Bleichmar (1994), o tempo que rege os conteúdos que estão em espera para serem traduzidos não consiste em um tempo cronológico, mas, sim como algo solidificado, consiste em um tempo que perdura, à espera de ligações ou elaborações posteriores. Essa temporalização pode estar em consonância com o que Brandão (1997) denomina de tempo mítico, ritualizado, circular, e que se volta sempre sobre si mesmo. Para o autor, essa reversibilidade do tempo, da mesma forma que repete, cria a possibilidade de libertar o homem, o que nos remete ao conceito de laplancheano de *après-coup*, já que através de sua dimensão retroativa há a possibilidade de se revisitar o passado e conferir novas traduções ou sentidos a um evento do passado, criando meios de romper com as repetições (Laplanche, 1992).

Esses elementos, destinados à repetição, o são dessa forma justamente por serem elementos sem ligação, não atribuídos de sentido, ou seja, não representados. Tais elementos, devido ao seu caráter de intromissão, não são historicizáveis, mas “o que não é possível de ser historicizável deverá encontrar modos de ligação e de ressimbolização se pretendermos que o objeto não fique sempre entregue à compulsão à repetição, que dizer, ao exercício da pulsão de morte”. (Bleichmar, 1994, p.61)

Segundo Bleichmar (1994), o aparelho psíquico é passível de modificar-se e, portanto, de romper com repetições a partir de novas inscrições feitas durante a vida, sobretudo na análise. Segundo a autora, isso ocorre, pois o aparelho psíquico é aberto a mudanças a partir de situações que ocorrem durante a vida, inclusive a partir da análise, através da qual é possível haver desligamentos, re-ligamentos e novas ligações que permitam elaborações.

Assim, damos continuidade com os destinos possíveis que as mensagens podem seguir ao longo do desenvolvimento da criança, as traduções que ela pode fazer a partir das

mensagens enigmáticas que lhe são transmitidas e como tais traduções feitas por ela podem funcionar no sentido de metabolizar e simbolizar o enigmático sobre sua adoção.

O FANTASMÁTICO NA ADOÇÃO

Entendemos, dessa forma, que a criança adotiva tem a tarefa de tradução das mensagens enigmáticas de filiação transmitidas pelo adulto. O enigmático, presente nas mensagens, pode levá-la a fantasiar acerca de suas origens e de sua adoção, como um recurso para simbolizar e dar novos sentidos para esse acontecimento; cumprindo tais fantasias, o papel de simbolização do que lhe é fantasmático em relação à sua situação adotiva. Laplanche em seu livro *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia* de 1988 apresenta-nos um impasse, fazendo considerações sobre fantasias e sobre a distinção entre os elementos da realidade e da fantasia na fala dos pacientes. Segundo o autor, para o paciente, elementos da realidade e da fantasia podem se confundir, levando-nos a pensar no objeto da Psicanálise: a realidade psíquica:

(...) para os processos inconscientes, “a prova de realidade não é válida, a realidade de pensamento equivale à realidade exterior e o desejo à sua satisfação, ao evento. Essa ausência no inconsciente, do “padrão de aferição da realidade”, ameaça designá-lo como um ser menor, um estado menos diferenciado.” (Laplanche, 1992, p.17)

Laplanche (1992) traz o exemplo de como a fantasia pode estar presente em uma criança adotiva, ressaltando a importância de considerar o que é fantasiado pela criança.

Um paciente vem nos dizer que é um filho adotivo, conta-nos fantasias em que, na busca de sua verdadeira mãe, descobre que ela é uma mulher do mundo que se prostituiu. Não reconhecemos aí o tema banal do ‘romance familiar’, tal como o forja com a mesma perfeição uma criança que não foi adotada? No seio de nossa redução fenomenológica, a distinção só precisaria ser feita num único caso: para denunciar, como em defesa da realidade, o apoio que esse paciente encontra, por exemplo, em documentos que autenticam sua adoção. A suspensão da referência à realidade torna-se um ‘é você que o diz’, essencialmente denunciador: ‘Tudo isso é subjetivo.’ (Laplanche, 1992, p.19)

Sendo assim, entendemos que a fantasia é presente na adoção também por conta do que permanece enigmático, do que ainda não foi traduzido, simbolizado, pelos restos deixados pelas mensagens e que demandam tradução. Levinzon (2004), através de seu trabalho com crianças adotivas, apresenta as fantasias que podem permear o imaginário infantil. Para a autora, a separação da mãe biológica remete a uma ferida narcísica deixada na criança, que pode perdurar durante a vida da criança. Tal ferida nos remete a Édipo, que teve os pés machucados na ocasião de seu abandono e carregou as cicatrizes físicas e psíquicas desse momento por toda sua vida - físicas, pelos pés machucados; e psíquicas, por ir de encontro a algo que tanto temia, a concretização do incesto.

Conforme Brinich (1995), a adoção seria fundada a partir de fantasias dos pais e da criança sobre a adoção, de modo que as realidades psíquicas dos filhos e dos pais devem ser compreendidas a fim de se buscar uma representação para os mitos de origem. Além disso, o autor afirma que os sintomas são melhores compreendidos na medida em que pode haver um entendimento acerca das fantasias, impulsos e ambivalências tanto dos pais como dos filhos. Conforme o autor, a ambivalência se manifesta nas relações entre pais e filhos de modo que em crianças adotivas ou não, há um direcionamento de sentimentos de amor e ódio em relação aos pais, assim como os pais também direcionam sentimentos ambivalentes em relação aos filhos.

Brinich (1995) também tece considerações acerca das fantasias presentes no imaginário da criança adotiva. O autor relata um caso atendido por ele, de uma menina que tinha sido adotada com oito meses de idade, a qual expressa através do brincar, fantasias e impulsos de repudição e depreciação. A criança via sua adoção com um roubo, como uma situação em que foi vendida em troca de dinheiro ou ainda como uma fuga dos pais biológicos. Essa atitude de auto depreciação era reforçada por comportamentos da mãe adotiva relacionados a uma limpeza exagerada, sendo que a experiência com a filha adotiva era compreendida como bagunçada e suja.

O autor, em sua prática, identifica algumas fantasias relatadas pelas crianças como a de terem um irmão gêmeo imaginário, perdido ou invisível, de terem sido comprados, abusados, negligenciados ou abandonados na infância, ou ainda de serem crianças bagunceiras. Além disso, as crianças podem projetar no terapeuta a figura do pai ou da mãe biológica, ou ainda ter a fantasia de terem sido sequestrados ou roubados, o que vai de encontro com as considerações de Levinzon (2004). A autora destaca a fantasia de ter sido roubado como uma fantasia importante na adoção; também Carrière (2008), que oferece uma

leitura de mecanismos conscientes e inconscientes presentes na adoção, afirma que a fantasia de ter sido raptado é inerente à condição adotiva.

Muitas dessas crianças podem ter representações de si mesmas de não terem sido desejadas ou bem-vindas, o que muitas vezes é expresso através de ações e comportamentos provocativos, de modo a testarem os pais adotivos com a finalidade de buscar alívio para a angústia decorrente da rejeição, o que em geral não acontece, levando a criança a reafirmar a rejeição que tanto temia. O autor ainda afirma que algumas fantasias na adoção são criadas no sentido de suavizar o impacto do abandono, como a fantasia que as crianças têm de que a mãe biológica sente falta deles (Carrière, 2008). Além disso, o questionamento acerca das origens poderá trazer sentimentos persecutórios para a criança, podendo ela apresentar uma sensibilidade maior em situações de separação e um medo latente de ser abandonada. (Levinzon, 2004)

O hiato biológico fica gravado como um engrama de sensações corporais desagradáveis vinculadas a desproteção e fragilidade, aparecendo antes de qualquer informação que a criança tenha recebido sobre sua origem. (Levinzon, 2004, p.34)

Para Levinzon (2004), outras fantasias ainda podem estar presentes no imaginário infantil, como a fantasia da criança de atribuir o desaparecimento dos pais biológicos por conta de sua agressividade. Além dessa, fantasias sobre ser responsável pelo desaparecimento da mãe biológica; de destruir quem se ama; de imaginar ser mais feliz se houvesse uma ligação biológica entre ela e seus pais adotivos e fantasias sobre ser responsável pela esterilidade da mãe adotiva (Levinzon, 2004).

Segundo a autora, essas crianças também podem compreender mudanças como possibilidades de rompimentos permanentes, tendendo a demonstrar agitação, angústia e agressividade nessas situações. Ademais, é possível decorrer um sentimento de luto pelos pais biológicos e a ameaça do abandono passa a ser compreendida por ela como algo na iminência de se repetir. Além dessas questões, cabe ressaltar a busca pela criança adotiva de semelhanças físicas com pessoas desconhecidas, dúvidas quanto a ter ou não irmãos biológicos, sobre o paradeiro dos pais biológicos e a respeito das circunstâncias reais da separação.

Além disso, sem a barreira da consanguinidade, como já observamos, a criança pode ter o fantasma da iminência da realização do incesto. A criança de vê diante de um enigma despertado pela ausência de uma ligação biológica, que por si só não garante tal interdição, mas que funciona como um elemento que permite a construção de uma barreira impeditiva.

Tal enigma será transmitido através das mensagens dúbias para a criança, por ser também enigmático para os próprios pais adotivos. Queiroz (2004) discorre sobre a adoção e o incesto:

O fantasma edipiano se reacende de um modo particular, pois não havendo a barreira da consanguinidade perde-se a garantia de que a interdição do incesto se cumprirá. (Queiroz, 2004)

Como vemos, as fantasias consistem precisamente em traduções que a criança inicia e leva a cabo ao longo de sua vida sobre suas origens e sua condição adotiva. Segundo Andrade, as fantasias que a criança apresenta em relação às suas origens a inserem no universo da realidade psíquica, sendo facilitadoras da simbolização e tradução.

As fantasias originárias, de narrativa infantil equivalente ao mito, tornam-se, elas próprias, o mito freudiano necessário à sustentação de seu realismo psíquico, cuja persistência na metapsicologia inaugurada por Freud deveu-se, sobretudo, ao fato de estarem as fantasias relacionadas a uma dimensão histórica inalienável do processo de formação psíquica. Elas pretendem dar conta das origens sexuais – sem deixarem de incorrer na redundância de tornarem-se, por si mesmas, explicação para tais começos. (Andrade, 2015, p.03)

A seguir veremos mais detidamente as possíveis traduções que a criança empreende através das fantasias, recorrendo para tanto especialmente ao trabalho de Freud “*Romances Familiares*” (1908).

O Romance e o Trágico Familiar

No texto *Romances Familiares* (1908), Freud apresenta o que seria o romance familiar dos neuróticos, enquanto fantasia presente nas crianças quando passam a ter contato com outras pessoas além de sua família. O autor argumenta que o romance familiar ocorre em um processo no qual o filho busca se diferenciar dos pais e tem a fantasia de ser adotado. Levinzon (2004) sustenta que o romance familiar consiste em uma fantasia universal, que é construída a partir de um jogo imaginativo da criança em relação aos seus pais reais e os pais idealizados da tenra infância.

Acrescenta Levinzon (2004) que, ao crescer, é necessário que a criança se emancipe em relação à autoridade dos pais. A autora qualifica esse processo como doloroso para a

criança, no qual podem surgir conflitos e dificuldades que são comuns em tais momentos. Para a autora, esses conflitos ocorrem porque, quando a criança é pequena, os pais são suas referências, seus modelos de pai e mãe; e a criança, nesse momento, anseia tornar-se igual a eles.

No romance familiar, há uma tendência *do infans* em querer se libertar dos pais biológicos e substituí-los por outros de uma posição social mais elevada, através da fantasia de ser uma criança adotiva. Queiroz (2004) e Levinzon (2004) concordam nesse sentido, para Queiroz (2004), esse processo ocorre, conforme mencionado anteriormente, quando a criança passa a conhecer outros pais além dos seus e a questionar a autoridade e a perfeição que antes atribuía a eles. Já segundo Levinzon (2004), a criança vai questionar a forma de lidar de seus pais, “(...) ela vem a conhecer outros pais, e, ao compará-los com os seus, passa a questionar o valor supremo a eles atribuído anteriormente” (p.65).

A criança passa então a direcionar um olhar crítico em relação aos pais e para lidar com sua frustração, desenvolve a fantasia de que é adotada, ou de que o pai e a mãe são seus pais adotivos (Levinzon, 2004). Segundo a autora, tal fantasia criada pela criança não consiste em uma expressão de ingratidão, mas, sim, remete à nostalgia dos tempos de infância em que os pais representavam um ideal de perfeição. Nesse sentido, Freud (1908) afirma:

(...) todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro, por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres. (Freud, 1908, p. 222)

Na adoção, tendo em vista a relação entre fantasia e realidade é invertida: o que normalmente tem espaço no imaginário, no caso da adoção, pode ser uma realidade (Soulé; Lévy-Soussan, 2002). Segundo Queiroz (2004), o romance familiar na adoção pode assumir desdobramentos mais complexos, já que a criança vive na realidade a duplicidade do casal parental, que compõe a fantasia das crianças no romance familiar.

Levinzon (2004) afirma que o romance familiar da criança adotiva ocorre de maneira oposta à da criança criada por seus progenitores. A autora esclarece que, na adoção, a criança cria a fantasia de que teria sido mais feliz e realizada com seus pais biológicos, que esses a compreenderiam mais e a frustrariam menos. Segundo Levinzon (2004), a criança também “pode imaginar que eles eram de uma linhagem nobre, ou que foram forçados a entregá-la e que continuam procurando-a” (p.67).

A autora ainda afirma que, no romance familiar de crianças adotivas, sentimentos de luto, rejeição podem se destacar, assim como o medo de que os pais adotivos possam repetir o abandono. Nesse contexto, a autora argumenta que as fantasias despertam desprazer e remetem ao desejo que a criança tem de ter sido o filho biológico de seus pais adotivos.

Desenvolver esse tipo de fantasia implica em lidar com o fato de ter tido pais que a geraram “em algum lugar e em alguma situação desconhecidos”. Os sentimentos de luto, rejeição, dor e incompreensão podem vir à tona, assim como o medo de que os pais adotivos se ofendam de tal maneira que os confrontem com um novo abandono. Neste caso as fantasias da novela familiar, ou o romance familiar não trazem satisfação, mas confusão e desprazer. Chocam-se com o desejo da criança de ter sido a filha biológica de seus pais adotivos. (Levinzon, 2004, p.66-67)

Segundo Levinzon (2004), o romance familiar em crianças adotivas tem vicissitudes que merecem atenção, pois assim como a adoção pode ser compreendida como possibilidade de reedição, a criança pode se sentir confusa e culpada por ter fantasias de ter sido mais feliz com os pais biológicos. Além disso, ainda Levinzon (2004) aponta que as fantasias podem ter um importante papel defensivo:

Por exemplo, uma criança pode estar com dificuldades de elaborar o processo edípico, que inclui sentimentos de desejo em relação a um dos genitores e de rivalidade e culpa em relação ao outro. Ela então ‘resolve’ fantasiosamente esta questão, imaginando que não são seus pais reais. Ou ainda, se sente extremamente enciumada em relação aos irmãos, pode recorrer à ideia de que na família da qual ‘realmente descende’ é filha única. (Levinzon, 2004, p.66)

Em consonância com a TSG, a fantasia do romance familiar também funciona como um recurso tradutivo que permite à criança simbolizar sua situação de adoção. Sendo assim, temos no romance familiar uma importante fantasia que compõe o imaginário infantil, mas que, na criança adotiva, assume contornos mais complexos, uma vez que ela terá que lidar com a duplicidade real do casal parental e com os sentimentos suscitados a partir de tal duplicidade.

DESTINOS POSSÍVEIS

Vimos no decorrer da pesquisa que o inconsciente do adulto é reativado na relação de cuidados com o *infans*. Isso acontece pelo fato de que junto aos cuidados que o adulto exerce para com a criança, tem-se o enigmático. Partimos do pressuposto de que o enigmático transmitido pelo adulto à criança em tenra idade pode também ser composto, conforme a definição de Martinez (2015), de mensagens enigmáticas de filiação. Essas mensagens são assim denominadas pelo fato de comportarem o que o adulto sabe e espera de um filho, da paternidade e maternidade. Mas, também, todas as dúvidas, questionamentos, incertezas, isto é, tudo o que há de inconsciente no que diz respeito à filiação, isso porque a construção da parentalidade também ocorre a partir das revivescências da própria filiação, com tudo de inconsciente e enigmático implicado.

Como argumenta Feder (1974) ao retratar o mito de Édipo como um caso de uma criança adotiva, nota-se que a adoção reaviva a ambivalência entre o desejo de ter um filho e o desejo de destruição, já que, no caso de Édipo filho, o desejo de destruição predomina no momento em que Laio e Jocasta o abandonam para a morte. Além disso, o autor afirma que diferentes motivações podem levar pais a adotar, sendo que a adoção pode funcionar como reparação da esterilidade ou como uma forma idealizada de ter um filho. Ainda, há motivações que podem levar muitas vezes à rejeição da criança; compondo o que Feder (1974) denomina de patologia do “filho adotivo” enquanto uma desordem que pode se apresentar na criança adotiva e que envolve aspectos narcisistas, episódios psicóticos, delinquência, homossexualidade, fantasias ou tentativa de suicídio, incesto, homicídio, fratricídio, ou o assassinato de um ou ambos os pais adotivos. Nesse sentido, ressaltamos que as implicações da adoção para a criança não são em si mesmas patológicas, tendo em vista dependem das significações que podem ser feitas pela criança *après-coup*.

Primeiro, não estou seguro de que sejamos capazes de distinguir a princípio desde o exterior, se uma mensagem está implantada ou intrometida. Somente no futuro – aquele da tradução ou de seu fracasso – o dirá. Aliás, nossa esperança terapêutica é que ao menos uma pequena parte da mensagem haja permanecido implantada – simplesmente como mensagem. (Luchetti, 2009, p. 04)

Tal reativação das mensagens torna-se possível somente *après-coup*, ou seja, em um segundo tempo que permita a tradução da mensagem enigmática. Essa reativação ocorre em

um momento em que seja possível dar novos sentidos para as mensagens enigmáticas, são os destinos possíveis para a mensagem¹⁸.

Assim pensamos que também ocorre nos casos de adoção, num primeiro momento temos a separação dos pais biológicos e a posterior adoção. Ou seja, temos num primeiro momento a implantação das mensagens, ainda não compreendidas pela criança; e num segundo momento, o do *après-coup*, o contato com a família adotiva e com os demais códigos propostos pela cultura, que permitem à criança se questionar acerca de suas origens, podendo ressignificar-se, buscando a tradução de seus enigmas.

À luz da hipótese tradutiva no contexto da teoria da sedução generalizada, filiação e parentalidade complementarmente apontam para duas classes de personagens que, como para qualquer ser humano, estão envolvidas no processo de constituição identitária. (Andrade, 2015, p.05)

Se nos apropriarmos do conceito de *après-coup* para pensarmos em Édipo filho adotivo, podemos supor que no caso de Édipo o tema das origens e do destino não são antagônicos ou sinônimos de passado e futuro, de modo que a origem de Édipo delinea seu destino e seu destino é concretizado a partir de suas origens. Essa indistinção entre passado e futuro nos remete ao tempo mítico proposto por Brandão (1997). Essa temporalização mítica de que o autor nos fala reporta a um tempo que ele denomina de ritualizado, circular, que se volta sobre si mesmo. Entendemos que do mesmo modo que essa circularidade cria repetições, cria também possibilidades de romper com tais repetições, através da busca de novos sentidos.

Nesse aspecto, pensemos como acontece o traumático e o enigmático na criança adotiva. O trauma em dois tempos pressupõe um acontecimento posterior que ative uma lembrança de um evento primitivo que, no momento em que ocorre, não pôde ser compreendido pela defasagem da criança em relação ao adulto. Podemos então pensar que a criança adotiva, como qualquer outra criança, tem o enigmático transmitido através das mensagens, enquanto algo a ser traduzido, em um segundo momento, no qual tenha recursos para efetuar tal tradução.

¹⁸ De acordo com Laplanche (1999) e com base em Freud, há três destinos para as mensagens enigmáticas: a intromissão ou forclusão; o recalçamento e a sublimação. A intromissão consiste em tudo aquilo que é introduzido no interior do aparelho psíquico, mas continua sendo um corpo estranho. (Laplanche, 1999, p. 06); quanto ao recalçamento, o autor afirma que, tal qual em Freud, as mensagens enigmáticas dão origem ao inconsciente (Laplanche, 1999, p. 08); no tocante à sublimação, essa consiste para o autor na transformação da pulsão no que diz respeito aos objetivos e objetos da pulsão. (Laplanche, 1999, p. 09)

Nesse sentido, o desfecho trágico de Édipo, embora já profetizado desde sua origem, não pode ser meramente transposto para os casos de adoção, uma vez que a criança pode contar com os auxiliares de tradução propostos pela cultura – pais adotivos, escola, amigos, produções culturais – a fim de dar novos sentidos e ressimbolizar sua experiência de adoção. Entendemos que a tarefa de simbolizar ou traduzir o que é enigmático é dada à criança. À criança cabe essa tarefa, assim como coube a Édipo decifrar o enigma da Esfinge e seu enigma das origens.

A criança adotiva é alguém que tem um destino singular, visto que teve uma origem singular, embora tenha como parte desse destino decifrar as mensagens enigmáticas que lhe são transmitidas, já que não pode se esquivar de um caminho de traduções, destradições e retradições (Bleichmar, 1994). Afinal, embora seu destino não seja semelhante ao destino de Édipo, já profetizado e incumbido em uma tragédia, seu destino acontece a partir do trágico fundante comum a todos nós, pois que decorre de um trauma consolidado pela defasagem da criança em relação ao adulto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, trazemos as considerações finais deste trabalho. Entendemos que o percurso realizado até aqui, bem como as discussões feitas não cessam em nenhuma medida as possibilidades de tradução que podem ser feitas sobre o tema *adoção*. Tais possibilidades são inúmeras e esta pesquisa consiste em uma das traduções possíveis.

Nossa proposta foi discutir o enigmático, no sentido laplancheano, nos casos de adoção, recorrendo para isso ao mito de Édipo. Para tanto, partimos do pressuposto de que, na adoção, pais adotivos transmitem ao filho adotivo o que denominamos de mensagens enigmáticas de filiação (Martinez, 2015), que dele demandam um importante trabalho tradutivo.

Para nossa discussão, apropriamo-nos da Teoria da Sedução Generalizada criada por Jean Laplanche, consistindo essa apropriação, em um grande desafio. Isso porque o enigma na TSG apresenta um significado peculiar, já que é compreendido a partir dos excessos transmitidos pelo adulto no cuidado com o *infans*, que ainda não tem recursos para entendê-los ou traduzi-los. Particularmente nos casos de adoção, vimos que o enigmático pode assumir desdobramentos outros além dos presentes em uma filiação biológica, compreendidos através dos questionamentos dos pais adotivos acerca das origens biológicas do filho e de suas implicações para a filiação adotiva; e também acerca de conteúdos conflituosos para os próprios pais adotivos acerca da condição de adoção.

Para tanto, recorreremos à tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, que conta a trama de Édipo, para a partir dela, embasar nossa reflexão sobre os enigmas que as crianças adotivas têm por decifrar. Tal tragédia foi consultada como uma inspiração para, metaforicamente, podermos pensar a trajetória de uma criança adotiva e sua escolha se deu com base em sua relevância na Psicanálise. A compreensão do mito e de seu relato através da tragédia foi feita a partir do entendimento que a TSG tem sobre o mito, que assim como o enigma, também possui um sentido bem específico dentro desta teoria. Laplanche (2003) entende o mito enquanto uma estrutura narrativa coletiva que compõe o pseudo-inconsciente mito-simbólico e é transmitido através de produções culturais, podendo ser consultado a fim de auxiliar a criança na tarefa de simbolizar ou traduzir o que lhe é enigmático.

Entendemos que o *infans*, ainda bebê, não apresenta recursos para a tradução dos enigmas transmitidos pelo adulto, tampouco terá acesso ao auxiliares de tradução, como o mito, ou de uma tragédia escrita a partir de um mito. Somente em um segundo momento, o do *après-coup*, é que pode ter acesso a esse universo mito-simbólico, já que o mito contado

através da tragédia compõe, assim como tantas outras produções culturais, esse universo e pode ser consultado pela própria cultura como um importante auxiliar de tradução.

Vimos que juntamente com o desejo consciente de adotar, os pais adotivos transmitem à criança adotiva mensagens enigmáticas compostas por seu inconsciente, acerca dos conteúdos enigmáticos que apresentam em torno da parentalidade e filiação. Esses conteúdos consistem em conflitos, questionamentos e ambivalências em relação à filiação. Assim, também o são as fantasias que os pais apresentam em torno de sua esterilidade; sentimentos ambivalentes em relação ao filho adotivo; as expectativas que apresentam em relação ao filho adotivo e questionamentos acerca da interdição do incesto nesses casos. Tais conteúdos compõem as mensagens enigmáticas de filiação e demandam um importante trabalho tradutivo por parte da criança. O destino dado a essas mensagens vai depender de como a criança as recebe e dos recursos a ela disponibilizados para sua tradução, ou seja, do destino a ela dado *après-coup*, em um segundo momento que permita a recuperação de tais enigmas e a sua tradução.

(...) nada se inscreve no inconsciente humano, a não ser na relação de ao menos dois acontecimentos, separados, no tempo, por um momento de mutação que permite ao sujeito reagir de outra forma que na primeira experiência, ou, melhor, reagir à lembrança da primeira experiência de outra forma do que reagiu à própria experiência. (Laplanche, 1992, p.119-120)

A criança pode buscar a tradução dessas mensagens nos auxiliares de tradução disponíveis na cultura, nos questionamentos acerca de suas origens, ou mesmo na busca pela família biológica. Além disso, a busca por repetições de vivências de abandono pode funcionar como tentativa de elaborar e traduzir tais vivências. Ademais, as próprias fantasias em torno de suas origens, ou mesmo em torno de sua filiação adotiva agem como importantes meios de simbolizar sua condição. Sendo assim, somente *après-coup*, ou seja, em um segundo tempo, a criança poderá encontrar nos cuidados de outros adultos, bem como na cultura, elementos que a ajudem nessa tarefa de tradução.

Entendemos que a tarefa de simbolizar ou traduzir o enigmático é dada à criança, que pode fazê-lo a partir dos recursos de que dispõe para elaborar sua adoção. Bleichmar (1994) discorre sobre a cura como um espaço de ressimbolização; entendemos, a partir de tal afirmação que, no âmbito da adoção, tal ressimbolização ou a busca por novas traduções pode permitir à criança a atribuição de novos sentidos para sua vivência a partir da subtração dos excessos decorrentes das mensagens enigmáticas.

Afinal, embora o destino da criança adotiva não seja semelhante ao destino de Édipo, já profetizado e incumbido em uma tragédia, ele decorre de um trágico fundante comum a todos nós, pois que advém de um trauma consolidado pela defasagem da criança em relação ao adulto. As traduções que a criança adotiva faz durante sua vida permitem que se revise e se recrie a fim de dar novos sentidos às suas origens e à sua adoção e que possibilitem a ela simbolizar o enigmático. Seu principal enigma é: Decifra-te a ti mesma.

REFERÊNCIAS

Andrade, F. C. B. (2015) *De pai(s) para filho, de filho para pai(s): traduções fantasmáticas da sedução generalizada no enigma das origens em Íon*. Recuperado em 10 janeiro de 2016, de <https://prezi.com/d3cqwsyhfgdm/de-pais-para-filho-de-filho-para-pais-traducoes-fantas/>.

Azevedo, A, V. (2004). *Mito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 76 p.

Baron-Preter, B., & Ozoux-Teffaine, O. (2006). L'adoption au risque de la haine dans le transfert. *Le Divan familial* 17(2), 43-54. doi: 10.3917/difa.017.0043.

Bleichmar, S. (1994). *A Fundação do Inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Brandão, J. S. (1995). *Mitologia Grega*. (Vol. 3). Petrópolis, RJ: Vozes.

Brandão, J. S. (1997). *Mitologia Grega*. (Vol. 1). Petrópolis, RJ: Vozes.

Brandão, J de S. (2000). *Dicionário Mítico-Etimológico*. (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. 701p.

Brinich, P. M. (1995). Psychoanalytic Perspectives on Adoption and Ambivalence. *Psychoanalytic Psychology*, 72(2), 181-199.

Carrière, B. (2008). Reconnaissance mutuelle et maillage du lien adoptif. *Le Divan familial*, 20(1), 107-123. doi: 10.3917/difa.020.0107.

Dejours, C. (2009). Por una teoría psicoanalítica de la diferenciade sexos. Introducción al artículo de Jean Laplanche. *Revista Alter*, 2, 55-67. Recuperado em 13 dezembro 2015, de <http://revistaalter.com/revista/por-una-teoria-psicoanalitica-de-la-diferencia-de-sexos-introduccion-al-articulo-de-jean-laplanche/934/>

Dejours, C. (2012). Acidentes da sedução e teoria do corpo. *Revista Psicologia em Estudo*, 17(3), 393-401. Recuperado em 13 janeiro, 2016, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n3/a05v17n3.pdf>.

Feder, L. (1974). Adoption trauma: Oedipus myth/clinical reality. *Int. J. Psycho Anal.*, 55(4), 491-495.

Ferenczi, S. (2011). *A criança mal acolhida e a pulsão de morte*. In S. Ferenczi. *Obras Completas*. (Vol. 4, pp. 55-60). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1927a).

Ferenczi, S. (2011). *A adaptação da família à criança*. In: S. Ferenczi. *Obras Completas*. (Vol. 4, p. 01-15). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1927b).

Ferenczi, S. (2011). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. In: S. Ferenczi. *Obras Completas*. (Vol. 4, pp. 111-121). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho Original publicado em 1933).

Figueiredo, L. C. M. (1994). A questão da alteridade na Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche. *Psicologia USP*, 5(1/2), 297-308.

Freud, S. (2006). Romances Familiares. In J. Strachey (Ed.) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 9, pp. 217-222). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (2006). Recordar, repetir e elaborar. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, pp. 161-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2006). O 'Estranho'. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 17, pp. 235-273). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (2006). *Além do Princípio de Prazer*. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp. 13-75). (1a ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (2006). *Inibições, sintomas e ansiedade*. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 20, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

Green, A. (1999). *Um psicanalista engajado: conversas com Manuel Macias*. Trad. José Martins Canela Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo. 239 p.

Guimarães, R. (1998). *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: Cultix. 318p.

Kaes, R. (2010). Filiação e Afiliação – alguns aspectos da reelaboração do romance familiar nas famílias adotivas, nos grupos e nas instituições. In: I. Trindade-Salavert. (Org.). *Os novos desafios da adoção: interações psíquicas, familiares e sociais*. (pp. 163-182). Companhia de Freud. 185p.

Krahl, S., Moreira, R. M., Roldo, E. (jan/jun 2010). A adoção na perspectiva psicanalítica. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*. Porto Alegre, n.9.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1988a). *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. (2ª ed.) Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. 99 p.

Laplanche, J. (1988b). Traumatismo, tradução, transferências e outros trans (es). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (Trad. Vasconcellos, D.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Laplanche, J. (1988c). Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: *Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios*. (Trad. Vasconcellos, D.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Laplanche, J. (1992). *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. 174 p.

Laplanche, J. (1994). O sexual, suas mensagens e traduções. *Percurso*, 13(2), p. 83-93.

Laplanche, J. (1997). A teoria da sedução e o problema do outro. In R. D. M. Ponce *Transferência, sedução e colonização*. (pp. 139-151). São Paulo: Escuta.

Laplanche, J. (2001). Notas sobre el après-coup. In J Laplanche. *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.

Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Revista de Psicanálise*, 10(3), 403-418.

Laplanche, J. (2006). El género, el sexo, el sexual. *Revista Alter*, (2). Recuperado em 04 outubro, 2015, de http://www.revistaalter.com/Revistas/Numero2/genero_sexo_sexual_Laplanche.htm

Levinzon, G. K. (2004). *Adoção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lévy-Soussan, P. (2002). Travail de filiation et adoption. *Revue française de psychanalyse*, 66(1), p. 41-69. doi: 10.3917/rfp.661.0041.

Lévy-Soussan, P. (2006). La filiation à l'épreuve de l'adolescence. *Adolescence*, 55(1), 101-110. doi: 10.3917/ado.055.0101

Lévy-Soussan, P. (2008). Le vécu de l'abandon et la construction filiative du côté de l'enfant. Une approche psychanalytique, *Informations sociales*, 146(2), 94-102.

Lévy-Soussan, P. (2010). Trabalho de Filiação e Adoção. In: I. Trindade-Salavert. (Org.). *Os novos desafios da adoção: interações psíquicas, familiares e sociais*. (pp. 45-79) Companhia de Freud. 185p.

Lévy-Soussan, P.; Marinopoulos, S. (2010). Abandono e Adoção: os desafios psíquicos da filiação numa perspectiva histórica e clínica. In: I. Trindade-Salavert (Org.). *Os Novos Desafios da Adoção: interações psíquicas, familiares e sociais*. (pp. 81-107) Companhia de Freud. 185p.

Lisondo, A. B. D. de. (2004). A subjetividade é construída na intersubjetividade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 6(2), 255-281.

Luchetti, A. (2009). Algunas cuestiones sobre el inconsciente «enclavado»: sus contenidos, su organización, sus posibles cambios. *Alter Revista de Psicoanálisis*. (4) p. 110-117.

Martinez, V. C. V. (2003). *A Figura do Herói: entre a falta e o excesso: por uma ruptura de campo em três tempos; a criança e o videogame, o herói mitológico e o homem psicanalítico*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil.

Martinez, V. C. V., Souza, I. S. F. (2014). O mito das Amazonas em cena: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade e o gênero. *Cadernos de Psicanálise. CPRJ*, 36(30), 171-197.

Mautner, A. V. (1996) Abandono. *Jornal de Psicanálise*, 29(54), 47-53.

Mello Neto, G. A. R.; Martínez, V.C.V. (2012) *Projeto de pesquisa “Trauma atual e Teoria da Sedução Generalizada.”* Projeto elaborado para o Mestrado em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PPI-UEM), linha —Psicanálise e Civilização.

Noel, J., Soulé, M. Verbete: adoção. In: A., Mijolla. (2005). *Dicionário Internacional da Psicanálise*. (Vols. 1-2). Rio de Janeiro: Imago.

Hamad, N. (2002). *A criança adotiva e suas famílias*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 155p.

Paucher, M. (2005). Filiation adoptive: se dégager de la fascination pour la réalité externe. *Enfances & Psy*, 29(4), 119-126. doi: 10.3917/ep.029.0119

Peiter, C. (2011). *Adoção – Vínculos e Rupturas: do abrigo à família adotiva*. São Paulo: Zadogoni Editora. 128 p.

Queiroz, E, F. (2004). O estranho filho adotivo: uma leitura clínica do *Unheimlich* na adoção. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 7(4), 100-111.

Rank, O. (1961). *El mito del nacimiento del herói*. Buenos Aires: Editorial Paidós.

Silva, M. S. A. N. (2010) Em busca do elo perdido – Escuta psicanalítica para histórias de adoção. *Boletim Formação em Psicanálise, Instituto Sedes Sapientiae, Departamento Formação em Psicanálise*. 1(1), 23-40.

Soulé, M., Lévy-Soussan, P. (2002). Les fonctions parentales et leurs problèmes actuels dans les différentes filiations, *La psychiatrie de l'enfant*, 45(1),77-102. doi. 10.3917/psye.451.0077.

Sófocles. (2004) *Édipo Rei*. (Schuler, D. Trad.) Rio de Janeiro: Lamparina. 182p. (Obra original publicada em 427 a.C.)

Spalding, T. O. *Dicionário de Mitologia greco-latina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.

Tarelho, L. C. (2003). *Paranoia y teoría de la seducción generalizada*. Madrid: Editorial Síntesis. 260p.

Vernant, J. P. (2005a) O Momento Histórico da Tragédia na Grécia: Algumas Condições Sociais e Psicológicas. In: Vernant, J. P.; Vidal-Naquet, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. (pp. 1-5) São Paulo: Perspectiva, p.1-5.

Vernant, J. P. (2005b) Tensões e Ambiguidades na Tragédia Grega. In: Vernant, J. P.; Vidal-Naquet, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. (pp. 7-24) São Paulo: Perspectiva.

Vernant, J. P. (2005c) Édipo sem Complexo. In: Vernant, J. P.; Vidal-Naquet, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. (pp. 53-78) São Paulo: Perspectiva.

Vernant, J. P. (2005d) O Tirano Coxo: de Édipo a Periandro. In: Vernant, J. P.; Vidal-Naquet, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. (pp. 179-198) São Paulo: Perspectiva.

Vernant, J. P. (2005e) O Sujeito Trágico: Historicidade e Transistoricidade. In: Vernant, J. P.; Vidal-Naquet, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. (pp. 211-219) São Paulo: Perspectiva.